UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Glaucia Peçanha Alves da Silva

UM ESTUDO DA MULTIFUNCIONALIDADE DA FORMA *FEITO* NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Belo Horizonte
2023

Glaucia Peçanha Alves da Silva

UM ESTUDO DA MULTIFUNCIONALIDADE DA FORMA *FEITO* NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Sueli Maria Coelho

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Belo Horizonte
2023

S586e

Silva, Glaucia Peçanha Alves da.
Um estudo da multifuncionalidade da forma *feito* no português contemporâneo [manuscrito] / Glaucia Peçanha Alves da Silva. – 2023.
1 recurso online (127 f. : il., grafs., tabs., (algumas color.)) : pdf.

Orientadora: Sueli Maria Coelho.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudos da Variação e Mudança Linguística.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 123-127.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua portuguesa – Variação – Teses. 2. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 3. Mudanças linguísticas – Teses. 4. Polissemia – Teses. I. Coelho, Sueli Maria. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.798

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Israel José da Silva – CRB/6-2128
Biblioteca Professor Rubens Costa Romanelli - FALE/UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

UM ESTUDO DA MULTIFUNCIONALIDADE DA FORMA *FEITO* NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

GLAUCIA PEÇANHA ALVES DA SILVA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 14 de julho de 2023, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Sueli Maria Coelho - Orientadora

UFMG

Prof(a). Katia Emmerick Andrade

UFRRJ

Prof(a). André Vinícius Lopes Coneglian

UFMG

Belo Horizonte, 14 de julho de 2023.

Documento assinado eletronicamente por **Andre Vinicius Lopes Coneglian**, **Professor do Magistério Superior**, em 14/07/2023, às 16:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Sueli Maria Coelho**, **Diretora de unidade**, em 17/07/2023, às 10:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Katia Emmerick Andrade**, **Usuária Externa**, em 17/07/2023, às 12:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2387704** e o código CRC **2AF78252**.

Cristo Jesus,
Josué, Daniel, Ester e Samuel

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus por tudo. A Ele, que me deu vida, saúde e me ajudou a ter bom ânimo sempre; que me fez acreditar ser possível realizar este meu grande sonho de cursar um mestrado em uma universidade pública. E que universidade?! Uma das melhores do país, diga-se de passagem. Se não fosse essa força divina, eu não teria conseguido. Nesse tempo de pandemia, em que tudo foi mais difícil, só tenho que agradecer a Deus, pois meu esposo e eu tivemos Covid, todavia fiquei bem. Ele, infelizmente, teve algumas sequelas, mas está se tratando, oportunidade (direito) que muitos não tiveram. Agradeço muito a Deus por sempre nos dar força para prosseguir. Em suma, agradeço-Lhe por tudo o que É e sempre foi em minha vida.

Ao Josué Felipe da Silva, meu esposo, pelo amor, pelo companheirismo, pela amizade, pelo carinho, pela compreensão ao entender e me dar força todas as vezes que necessitei me ausentar por causa dos estudos e do trabalho, por cuidar de mim em todos os sentidos, por cuidar de nossa família, por me acompanhar em minhas empreitadas, por cooperar comigo nas tarefas de casa, por me ouvir e por opinar em meus trabalhos acadêmicos e por, inclusive, muitas vezes, deixar o cuidado de sua saúde em segundo plano para cuidar de mim e dos filhos. Enfim, quero agradecer pela grande pessoa que ele é, por ser tão especial.

Aos meus filhos, Daniel, Ester e Samuel, pelo imenso carinho, pelo amor e pela paciência ao suportar minhas ausências. Agradeço por serem crianças tão doces e prestativas. E, também, pelos abraços, pelas palavras amáveis, por todo tipo de ajuda. Peço perdão pela redução do tempo, mas, ainda brincaremos, passearemos, curtiremos muito juntos. Meus filhos são muito especiais: ainda tão pequenos, mas sempre tentando me ajudar e me agradar.

À minha orientadora, Profa. Dra. Sueli Maria Coelho, por tanto. Antes mesmo de passar para o mestrado, tive acesso a trabalhos de sua autoria. Gostei muito do que li. Gostei da temática, da escrita, do raciocínio, enfim, da forma que conduzia seu texto. Desejei no meu coração tê-la como minha orientadora se, porventura, conseguisse a dádiva de passar na seleção (pedi a Deus para que fosse ela). Com a graça de Deus, consegui passar e ganhar mais um presente, sua orientação. A professora Sueli foi imprescindível na minha tomada de decisão por permanecer no curso, antes mesmo de eu iniciar, visto que fiquei com receio de não conseguir cursar por ainda não ter fluência na língua inglesa. Assim, desde o início a professora Sueli acreditou no meu potencial e não me deixou abrir mão desse presente, dessa grande experiência. Quero agradecê-la por sua competência profissional, que ampliou minha formação, por seu suporte, por seu incentivo, por sua atenção, por suas correções que se fizeram necessárias e,

principalmente, pela confiança que por muitas vezes se apresentou como grandes doses de estímulo. Ela sempre fez questão de me impulsionar, de elogiar minha escrita, o que renovava minhas forças. Agradeço a Deus mais uma vez por ter posto a professora Sueli em meu caminho, pois ela foi muito mais do que uma orientadora de dissertação. Quero deixar registrado que a admiro muito e ela é um grande exemplo para mim.

À minha tia e madrinha, Elizabeth (*in memoriam*), por sempre orar e torcer por mim, por me acompanhar. Poxa! Desta vez não terei sua presença para testemunhar mais esta conquista, a realização desse grande sonho. Lembro-me como se fosse hoje, em minha primeira apresentação participando de uma comunicação, na Jornada de Iniciação Científica, lá estava ela, sentada na última fileira, torcendo e intercedendo por mim. Eu estava um pouco nervosa, sempre muito tímida, e ela me disse: "Fale mais alto". Eu driblei a timidez, falei alto e deu tudo certo. Lembro-me também de minha primeira colação de grau (em minha primeira graduação), ela foi e levou meus avós. Já há alguns meses que ela se foi, mas ainda é inacreditável.

Aos meus pais, Rosangela e Cláudio, pela criação, pelo comprometimento, pela responsabilidade em me educar e pela oportunidade de estudo concedida, a qual eles não tiveram igual. Agradeço pelas orações, pela torcida, pelo imenso amor e pela compreensão de minha ausência.

Aos meus avós, Maria e Walter, e às minhas tias, Ana Cristina e Sônia, pelo incentivo, pelas orações, pelo carinho, pelo amor e pela compreensão de minha ausência. Sempre torceram muito por mim e ficam felizes com cada conquista minha.

Aos meus irmãos, primos e sobrinhos pelo carinho, pela crença em mim, por toda a torcida, que sempre fizeram questão de expressar.

À minha amiga Cláudia Paixão pelo seu amor, por seu cuidado, pois sempre se mostrou muito paciente diante de minhas angústias, de minhas aflições. Sempre pronta a me ouvir e a me falar palavras de incentivo. Ela sempre é uma amiga para todas as horas. Agradeço pelas orações, pela torcida e pela compreensão de minha ausência.

À professora Dra. Kátia Emmerick Andrade, uma querida amiga, que foi minha orientadora de monografia em minha segunda graduação em Letras (UFRRJ) e que me encorajou a pesquisar sobre o vocábulo *feito*. Na época, não encontrava trabalhos sobre a gramaticalização da forma *feito* e ela, sempre acreditando em mim, disse-me para produzi-lo. E, quando eu defendi minha monografia (TCC), disse que era para eu continuar a pesquisa e levá-la para o mestrado. Quero agradecê-la por todo seu carinho, por sua competência profissional e, também, por, prontamente, ter aceitado o convite para fazer parte da banca examinadora desta dissertação.

À professora Eliane Valente Diniz, minha professora de Língua Portuguesa da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental II, de Literaturas do 1º ano do Ensino Médio e depois minha professora-orientadora no período de estágio para formação de minha primeira graduação em Letras (UFRJ), pela sua competência profissional, pelo comprometimento que me despertou o gosto pelo estudo da língua, pelo grande carinho, pela atenção e pelo incentivo.

Aos professores do POSLIN-UFMG que me deram aulas, André Coneglian, Adriana Pagano, Deise Dutra, Eduardo Amaral, Márcia Rumeu e Sueli Maria Coelho, pelo comprometimento profissional, pela simpatia, pelas excelentes aulas e por sempre se apresentarem disponíveis. Em especial, agradeço aos professores André e Eduardo. A este, pelo incentivo, pelas indicações e pelo carinho. O professor Eduardo sempre foi muito solícito e fazia questão de elogiar minha escrita, meus trabalhos e isso me incentivava. Por meio de sua disciplina, fiz minhas primeiras publicações em periódicos conceituados na área. Àquele, pelo parecer do meu projeto, por sua leitura muito atenta, por suas sugestões, por toda atenção dada ao longo do curso e por toda sua generosidade para comigo. E, assim como o professor Eduardo, sempre foi muito solícito, colocando-se à disposição para sanar dúvidas e ajudar. Além disso, quero agradecê-lo, também, por, prontamente, ter aceitado o convite para fazer parte da banca examinadora desta dissertação.

Aos coordenadores e secretários do POSLIN-UFMG pela atenção e pela presteza demonstradas quando a eles recorri. Muito obrigada.

Aos amigos de curso com quem tive contato, agradeço pelo apoio, pelas palavras encorajadoras e pela companhia durante o percurso. Em especial, destaco os amigos que fizeram trabalhos em grupo comigo - Ariane Amora, José Ferreira, Guilherme Henrique e Gilmar Araújo – com os quais tive contato durante todo o curso. Conversamos bastante, trocamos muitas ideias, desabafamos e nos encorajamos. Também gostei muito de conhecer os seguintes amigos: Jéssica Oliveira, com quem tive contato desde o primeiro semestre e nessa reta final nos aproximamos ainda mais; Rubens Viegas, Elaine Teixeira, Carolina Godoi, Vinícius Cruz, Thaís Rios e Welber Nobre, pois também nos ajudamos, trocamos ideias.

Às amigas Cida Xavier, Tayrine Vieira (*in memoriam*), Teônia Vital, Regina Duarte e Elisabete Arantes pelo carinho, pela amizade, pela preocupação, pelas orações, pelo incentivo e por toda a torcida.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo fundamental apoio financeiro, que possibilitou a realização desta pesquisa.

A todos que indiretamente contribuíram para a realização deste estudo, deste grande sonho. A todos que torceram, que intercederam por mim e que me desejaram sucesso.

“**No princípio era o Verbo**, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.
Ele estava no princípio com Deus.
Tudo foi **feito** por ele; e nada do que tem sido **feito**, foi **feito** sem ele.”
(João 1:1-3)

RESUMO

Esta dissertação se dedica a apresentar um estudo comparativo da multifuncionalidade da forma *feito* nas variedades do português brasileiro (PB) e europeu (PE). Buscou-se, a partir de uma perspectiva sincrônica, captar e descrever os padrões de comportamento linguístico dos usos de *feito*, a fim de identificar os seus deslizamentos funcionais na contemporaneidade e verificar se o processo de mudança da forma se deu de modo semelhante no PB e no PE. Partiu-se da hipótese de que a forma *feito,* prototipicamente verbal (particípio passado do verbo "fazer"), mediante as necessidades comunicativas dos falantes, expandiu suas funções para outras categorias linguísticas, mudança que, no plano do léxico, resultou em polissemia, mais especificamente, em heterossemia. Adicionalmente, exploraram-se duas outras hipóteses: (i) a função adjetiva da forma seria a mais produtiva e (ii) a função conjuntiva não se restringiria à variedade brasileira. O aporte teórico adotado é de base funcionalista, apoiado prioritariamente nos estudos de Neves (2001, 2006, 2011a, 2011b [2000], 2018a, 2018b). Do ponto de vista epistemológico, esta pesquisa se insere na linha dos estudos da Variação e Mudança Linguística e se caracteriza como de natureza quali quantitativa. Para constituir a amostragem linguística, foram tomadas 1200 (mil e duzentas) ocorrências extraídas do *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006). Os dados foram coletados em duas interfaces desse banco de dados - "Genre/Historical" (séc. XX) e "Web/Dialects" (séc. XXI) - e analisados segundo uma conjugação de critérios. Os resultados obtidos comprovaram que a forma *feito* desempenha outras funções, além daquela mais prototípica: substantivo, adjetivo, locução adverbial (parte integrante de locução), locução interjetiva (parte integrante de interjeição) e conjunção comparativa (juntivo). Essa multifuncionalidade é semelhante nas duas variedades de português analisadas, distinguindo-se, de fato, no uso juntivo, que se mostrou mais produtivo no PB.

Palavras-chave: Forma *feito*. Multifuncionalidade. Português Brasileiro. Português Europeu. Estudo Sincrônico.

ABSTRACT

This dissertation is dedicated to presenting a comparative study of the multifunctionality of the form "feito" in Brazilian (BP) and European Portuguese (EP) varieties. Based on a synchronic perspective, it sought to capture and describe the linguistic patterns of the uses of "feito," in order to identify its functional shifts in contemporary usage and to verify if the process of change in the form has occurred similarly in BP and EP. The hypothesis was that the form "feito," typically verbal (past participle of the verb "fazer"), through the communicative needs of speakers, has expanded its functions to other linguistic categories, resulting in polysemy, specifically heterosemy, at the lexical level. Additionally, two other hypotheses were explored: (i) the adjectival function of the form would be the most productive and (ii) the conjunctive function would not be restricted to the Brazilian variety. The theoretical framework adopted is functionalist, primarily based on studies by Neves (2001, 2006, 2011a, 2011b [2000], 2018a, 2018b). From an epistemological point of view, this research falls under the line of Variation and Language Change studies and is characterized as qualitative-quantitative in nature. To constitute the linguistic sample, 1200 occurrences were taken from the Corpus of Portuguese (DAVIES; FERREIRA, 2006). The data were collected from two interfaces of this database - "Genre/Historical" (20th century) and "Web/Dialects" (21st century) - and analyzed based on a set of criteria. The results confirmed that *feito* performs other functions beyond its prototypical one: noun, adjective, adverbial phrase (as an integral part of a phrase), interjection phrase (as an integral part of an interjection) and comparative conjunctive (subjunctive). This multifunctionality is similar in the two varieties of Portuguese analyzed, distinguishing, in fact, in the conjunctive use, which proved to be more productive in BP.

Keywords: Form *feito*. Multifunctionality. Brazilian Portuguese. European Portuguese. Synchronous Study.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: As interfaces do *Corpus do Português* 46
Figura 2: Indexação no *Corpus do Português* (Genre/ Historical) 47
Figura 3: Indexação no *Corpus do Português* (Web/ Dialects) 47
Figura 4: Frequência no *Corpus do Português* (Genre/ Historical) 48
Figura 5: Frequência no *Corpus do Português* (Web / Dialects) 48
Figura 6: As conjunções subordinadas comparativas listadas por Cegalla (2020 [1964]) 72
Figura 7: Listagem de conjunções nas obras selecionadas por Rodrigues (2014) 75
Figura 8: Distribuição funcional de *Feito* – PEUL/NURC 81
Figura 9: Types/ Tokens de *feito* na diacronia 82
Figura 10: Acepções da forma *feito* no dicionário de Bluteau e Silva (1789) 85
Figura 11: A forma *feito* no vocabulário Portuguez e latino (1713) 86
Figura 12: A forma *feito* no vocabulário Portuguez e latino (continuação) 87
Figura 13: Etimologia da forma *feito* no dicionário de Nascentes (1955) 88
Figura 14: Etimologia da forma *feito* no dicionário de Machado (1981) 88
Figura 15: Etimologia da forma *feito* no dicionário de Cunha (1982) 89
Figura 16: Significados de *fato* que estão relacionados com a forma *feito* 89
Figura 17: Categorização e acepções do verbete *feito* no dicionário Houaiss 95
Figura 18: Categorização e acepções da forma *feito* no dicionário DUP 97

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Análise comparativa da produtividade dos usos da forma *feito* no PE e no PB .. 112
Gráfico 2: Frequências das categorias primeiras *versus* emergentes no PE..... 113
Gráfico 3: Frequências das categorias primeiras *versus* emergentes no PB 113
Gráfico 4: Dados de *feito* como verbo no particípio no PE e no PB..... 114
Gráfico 5: Dados de *feito* como adjetivo no PE e no PB..... 114
Gráfico 6: Dados de *feito* como substantivo no PE e no PB 115
Gráfico 7: Dados de *feito* como locução interjetiva no PE e no PB..... 115
Gráfico 8: Dados de *feito* como conjunção no PE e no PB 116
Gráfico 9: Dados de *feito* como locução adverbial no PE e no PB 117
Gráfico 10: Produtividade dos usos da forma *feito* no português nos séculos XX e XXI 118

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Critérios utilizados na categorização da forma *feito* 67
Quadro 2: Categorização da forma *feito* em dicionários etimológicos e em de Bluteau e Silva 90
Quadro 3: Esquema da formação do particípio passado de *facere* 92
Quadro 4: Paradigma flexional do particípio passado no singular 92
Quadro 5: Paradigma flexional do particípio passado no plural 93
Quadro 6: Representação da mudança de *factus*, *-um* a *feito*..... 93
Quadro 7: Categorização gramatical da forma *feito* nos dicionários contemporâneos analisados 99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Produtividade da forma *feito* no PE e no PB: resultados gerais 103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Dic. UNESP – Dicionário UNESP

DUP – Dicionário de usos do português do Brasil.

Loc. – Locução

NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira

PB – Português brasileiro

PE – Português europeu

SN – Sintagma nominal

V1 – Verbo auxiliar

V2 – Verbo principal

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS **19**

CAPÍTULO 1 - CATEGORIZAÇÃO LINGUÍSTICA: A MULTIFUNCIONALIDADE EM FOCO **28**

1.1 Mudança linguística, gradiência e fluidez categorial **28**

1.2 Polissemia e homonímia **32**

1.3 Polissemia e heterossemia **34**

1.4 Teoria dos protótipos **37**

1.5 Epílogo **39**

CAPÍTULO 2 - PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS **41**

2.1 Do quadro teórico adotado **41**

2.2. Da natureza do estudo, das obras adotadas e da composição da amostra linguística analisada **43**

2.3. Dos critérios de categorização da forma: funcional, morfológico, sintático e semântico **49**

2.4. Das categorias adotadas no estudo **51**

2.5. Dos procedimentos de análise dos dados **69**

CAPÍTULO 3 - O OBJETO DE ESTUDO: A FORMA *FEITO* **70**

3.1. A forma *feito* nas obras de referência histórica, normativa, descritiva e pedagógica **70**

3.2 A forma *feito* nas obras de referência lexicográfica: da etimologia aos usos contemporâneos **83**

3.2.1 As categorias gramaticais primeiras da forma *feito*: os significados mais concretos **83**

3.2.2 As categorias gramaticais da forma *feito* nos dicionários contemporâneos **94**

CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS **102**

4.1 Produtividade dos usos da forma *feito*: resultados gerais **102**

4.2 Análise comparativa entre os usos da forma *feito* no PE e no PB.....**111**

4. 3 Análise comparativa da produtividade dos usos da forma *feito* no PE e no PB nos séculos XX e XXI **117**

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....**120**

REFERÊNCIAS **123**

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As línguas são dinâmicas, pois são suscetíveis a diversos tipos de mudança, que fazem, por exemplo, com que velhas formas desempenhem novas funções em diferentes contextos. Desse modo, a gramática se apresenta como um sistema extremamente complexo e de unidades multifuncionais, que não se permitem fixar em conjuntos discretos com limites absolutamente rígidos. Essa multifuncionalidade orienta-se por motivações no nível sintático (estrutura das construções), no nível morfológico (forma), no nível semântico (significados) e no nível pragmático (interação linguística e estrutura da informação).

A presente dissertação se dedica a apresentar um estudo dessa multifuncionalidade que a língua apresenta. Trata-se de um estudo comparativo da multifuncionalidade da forma *feito* nas variedades do português brasileiro (PB) e do português europeu (PE). Buscou-se, a partir de uma perspectiva sincrônica, captar e descrever os padrões de comportamento linguístico dos usos de *feito*, a fim de identificar os seus deslizamentos funcionais na contemporaneidade e verificar se o processo de mudança da forma se deu de modo semelhante no PB e no PE.

O objeto eleito para este estudo é prototipicamente uma das formas nominais do verbo *fazer*, mais especificamente seu particípio passado irregular. De acordo com o *Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa*, particípios são "formas verbais, comuns às línguas indo-européias em geral, em que a natureza de adjetivo se complementa de uma significação dinâmica, que faz delas uma forma verbal (v. verbo). Exprimem um processo verbal, enquanto servem de adjunto (v.) a um substantivo" (CAMARA JR, 2007 [1985], p. 233), como ilustram os exemplos abaixo, extraídos do *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006, itálicos da pesquisadora[1]):

> (1) "Agora a mãe viria com a caneca de café quase sem açúcar, um pedaço de pão doce *feito* em casa, apura, guri, só falta tu." (PB)
>
> (2) "Em a página 66, informa levantamento *feito* por esta CPI relacionou 453 profissionais de saúde em todo o país [...]" (PB)
>
> (3) "[...] Alba não dispunha de dinheiro, sua parte na sociedade foi o projeto arquitetônico *feito* por Júlio, o que a deixou como sócia minoritária." (PB)

[1] Pesquisadora refere-se à autora desta dissertação.

Nos exemplos supracitados, a forma *feito* é empregada em seu uso mais tradicional e prototípico, assim como descrito por Camara Jr. (2007 [1985]). Em (1), *feito* serve de adjunto (v.) ao substantivo "pão", ou melhor, serve de adjunto (v.) ao sintagma nominal "pão doce" cujo núcleo é "pão"; em (2), serve de adjunto (v.) ao substantivo "levantamento"; e, em (3), serve de adjunto (v.) ao sintagma nominal "projeto arquitetônico" cujo núcleo é o substantivo "projeto". Em todas as ocorrências exprime um processo verbal, uma vez que tanto o "pão doce" quanto o "levantamento" e o "projeto arquitetônico" foram feitos por alguém.

O particípio é considerado uma forma nominal do verbo porque, apesar de sua significação verbal (processo), pode desempenhar as funções próprias dos nomes e, sozinho, não expressa modo e tempo verbais. Em certos casos, pode receber, tal qual os adjetivos, as desinências de feminino (-a) e de plural (-s), que são marcas morfológicas de flexão nominal.

Voltando aos exemplos (1), (2) e (3), averigua-se que o particípio *feito* se comporta como um adjetivo, ou seja, flexiona-se ao concordar em gênero e em número com os substantivos que modifica. Para comprovar essa assertiva, o substantivo modificado pelo objeto de estudo foi substituído por uma palavra feminina nos três exemplos.

> (1') [...] um pedaço de torta doce *feita* em casa, apura, guri, só falta tu.

> (2') Em a página 66, informa relação *feita* por esta CPI relacionou 453 profissionais de saúde em todo o país [...].

> (3') [...] Alba não dispunha de dinheiro, sua parte na sociedade foi a obra arquitetônica *feita* por Júlio, o que a deixou como sócia minoritária.

Conforme o esperado, a forma *feito* se flexionou em gênero para concordar com os substantivos por ela determinados nos três exemplos. Caso tais substantivos sejam flexionados no plural, isso se aplicará igualmente à forma *feito*.

O particípio também é empregado de forma não flexionada para formar, por exemplo, os tempos compostos da voz ativa com os auxiliares *ter* e *haver*, como nos exemplos a seguir.

> (4) "Catherine Daste *tinha feito*, na altura, um espectáculo difícil de esquecer." (PE)

> (5) "O casal *havia feito* um acordo de pensão e guarda dos dois filhos [...]" (PB)

(6) "Alguns minutos antes, os aviões *tinham feito* uma primeira provocação, rompendo a barreira do som sobre a capital libanesa." (PB)

(7) "Dois professores *haviam feito* engenharia e exerciam a profissão de engenheiro civil e agrônomo." (PB)
(*Corpus do Português* - DAVIES; FERREIRA, 2006, itálicos da pesquisadora)

Observa-se, nesses quatro exemplos, que a forma *feito* não se flexiona. Quando o particípio constitui uma locução verbal com outros verbos, ele é o verbo principal e *ter* ou *haver* são verbos auxiliares; logo, somente eles concordam em número e em pessoa com o sujeito. Nas quatro proposições há pouco apresentadas, o sujeito está na terceira pessoa, todavia, em (4) e em (5), está no singular, e, em (6) e em (7), está no plural. Assim, constata-se que apenas os verbos auxiliares se flexionaram, pois estão concordando em número e em pessoa com o sujeito, enquanto o verbo principal, a forma *feito*, permaneceu invariável. Esses usos da forma sendo utilizada como verbo[2] são previstos na tradição gramatical, inclusive, constam nas gramáticas normativas, como se verá mais adiante. Contudo, a forma *feito* é empregada na língua em outros contextos sintáticos assumindo outras funções[3], como se passa a apresentar.

A forma *feito* pode ainda ser usada com valor substantivo, como ilustrado neste exemplo, também extraído do *Corpus do Português*:

(8) "Dinda repetiu o *feito* da jornada anterior e, de livre, fez o 0-1 com um remate indefensável." (PE) (Itálico da pesquisadora)

No exemplo (8), a forma *feito* ocupa a posição de núcleo do sintagma nominal (SN) e é usada para referir-se a um fato, denominando-o (o *feito* da jornada anterior). Refere-se à feitura de algo. Inclusive, aparece antecedida pelo artigo (*o*) e concorda com ele. Isso fica comprovado com o uso da forma *feito* no plural, como nos exemplos abaixo:

---

[2] Nos exemplos (1), (2) e (3), a forma *feito* é categorizada pela tradição gramatical como verbo, mas, como se verá no capítulo 2, os estudiosos divergem quanto a esta classificação. Ademais, há outros usos de *feito* que são categorizados como verbo, como se verá na seção sobre os critérios de categorização, descritos no segundo capítulo.

[3] O conceito de **função** aqui não se refere à "função sintática", antes refere-se à finalidade com que uma palavra é utilizada na língua em um contexto de interação, refere-se ao papel que essa palavra desempenha dentro desse contexto.

(9) "[...] escrevem um livro em jeito de epopeia narrando-lhe os *feitos* valorosos, como esse de roubar flores e depois fugir à polícia [...]" (PE)

(10) "Uma série de *feitos* miraculosos são vinculados à figura de Jesus." (PB) (*Corpus do Português* - DAVIES; FERREIRA, 2006, itálico da pesquisadora)

Em (9) e em (10), a forma *feitos* está em uma relação de sinonímia com a palavra "façanhas" (ações importantes). Está denominando ações realizadas por alguém, o que lhes permite a categorização como nome. Em (9), o substantivo *feitos* concorda com seu determinante (artigo *os*) e com seu adjunto (adjetivo *valorosos*). E, em (10), não está precedido de determinante, mas é o núcleo do sintagma nominal e vem determinado por um adjunto (adjetivo *miraculosos*), que com ele concorda.

Feito ocorre, também, como adjetivo, atribuindo propriedade ao nome que determina; por exemplo, qualificando ou classificando substantivos, como se verifica nas proposições, a seguir, também extraídas da amostragem:

(11) "E era ridículo que ele, homem *feito*, médico, se houvesse deixado influenciar." (PE) (Itálico da pesquisadora)

(12) "Num pequeno restaurante, que vende o chamado "pf", ou prato *feito*, a proprietária conta que foi assaltada duas vezes, há dois anos." (PB) (Itálicos da pesquisadora)

No exemplo (11), a forma *feito* apresenta uma relação de sinonímia com as palavras *maduro*, *experiente* etc., ou seja, restringe o substantivo *homem*, enquadrando-se, por isso, na categoria dos adjetivos. E, em (12), a forma *feito* está em uma relação de sinonímia com a palavra *pronto*, está especificando o substantivo *prato*, e, também, enquadra-se na categoria dos adjetivos[4].

Assim sendo, a forma *feito* é uma palavra lexical, ocorrendo, como pode ser atestado pelos exemplos acima, como verbo no particípio, substantivo e adjetivo. Para além dessas

[4] Estes usos parecem se enquadrar na definição dada para os três primeiros exemplos, logo, pode gerar dúvida e, consequentemente, uma dificuldade na classificação da forma. Entretanto, essa questão é discutida no capítulo 2, na seção dos critérios de classificação.

categorias, pode, ainda, fazer parte de uma locução adverbial e de uma locução interjetiva, como ilustrado, respectivamente, nos exemplos abaixo:

(13) "*De feito*, passada uma hora, veio um camarista procurá-lo e levou-o ao gabinete de D. Miguel." (PE)

(14) "E aos gritos, para que o fazendeiro escutasse: - Foi castigo! *Bem feito*! Exultante com a ruína da fazenda [...]." (PB)

(*Corpus do Português* - DAVIES; FERREIRA, 2006, itálicos da pesquisadora)

Apesar de se entender que a forma *feito* que compõe a locução adverbial *de feito* pertence à classe dos substantivos, dada a sua relação de sinonímia com as palavras *fato*, *real*, *verdade* etc., discrimina-se aqui essa classe por assim ser destacada nos dicionários e por se compreender que ela forma um composto, uma construção com a preposição *de*, passando a exercer uma função adverbial, significando, entre outras possibilidades, *sem dúvida*, *realmente*, *verdadeiramente*. Neves (2011, p. 232), na seção dedicada à descrição dos advérbios, diz que "as locuções adverbiais compreendem principalmente expressões formadas por: a) preposição + substantivo/adjetivo/advérbio [...]". Assim, constata-se que *de feito* enquadra-se nessa assertiva.

Já a forma *feito* que integra a locução interjetiva *bem feito* pertence à classe dos verbos (particípio). Inclusive, é produtiva na língua a expressão *foi bem feito*, em que *feito* é verbo no particípio e *bem* é advérbio. Também aparece arrolada com essa acepção (interjeição) nos dicionários, na entrada da forma *feito*. Somente apresenta essa função interjetiva quando forma uma construção com a palavra *bem*, caracteriza-se como uma estrutura à parte (palavra-frase) e não exerce função sintática, o que é inerente à classe das interjeições.

A forma *feito* vem sendo empregada ainda na língua portuguesa em sua variante brasileira e, também, europeia como uma palavra mais gramatical, integrando o grupo da junção, sendo usada para estabelecer relações entre elementos do discurso, o que a torna uma palavra cujo sentido é mais dependente da construção em que ocorre, como ilustram os exemplos abaixo:

(15) "Sorridente *feito* criança que acaba de ganhar um presente" (PB)

(16) "[...] água morna e acolhedora *feito* o colo de sua mãe [...]" (PB)

(17) “Qualquer dia está aí *feito* um bicho-de-mato.” (PE)

(18) “É como se eu estivesse *feito* múmia.” (PE)

(*Corpus do Português* - DAVIES; FERREIRA, 2006, itálicos da pesquisadora)

Tendo em vista usos como os dos exemplos supracitados, há evidências de que *feito* é uma forma multifuncional na língua portuguesa, desempenhando funções mais lexicais e mais gramaticais. Tais usos sugerem que essa multifuncionalidade resulta de um processo de mudança linguística que expandiu os usos da forma *feito* para além da categoria prototípica de verbo no particípio. A partir disso, construíram-se as seguintes questões a serem respondidas na pesquisa:

(a) todos os usos da forma *feito* identificados nesta pesquisa são oriundos do mesmo étimo, têm o mesmo sema?
(b) quais são os usos/funções da forma *feito* na sincronia atual da língua portuguesa? Ocorrem os mesmos usos nas duas variedades do português analisadas?
(c) caso seja constatada a multifuncionalidade nas duas variedades, as funções e suas respectivas frequências são semelhantes no PB e no PE?
(d) quais categorias de *feito* são mais produtivas na língua portuguesa contemporânea?
(e) a função juntiva da forma é característica da variante brasileira ou também ocorre na variante europeia?
(f) há uma ampliação/redução dos usos da forma *feito* na passagem de um século para outro?

Sabendo-se que é a natureza polissêmica[5] de uma forma que faz com que ela adquira um comportamento multifuncional, acredita-se que as distintas funções desempenhadas pela forma *feito* provenham de um mesmo étimo. Logo, partiu-se da hipótese de que a forma *feito*, prototipicamente verbal (particípio passado do verbo *fazer*), mediante as necessidades comunicativas dos falantes, expandiu suas funções para outras categorias linguísticas, mudança

[5] A polissemia aqui é tomada de uma forma mais ampla, mais abrangente, isto é, entendendo-se que o fenômeno de polissemia pode englobar o da heterossemia (multi-categorias) e que não é todo caso de polissemia que resulta em multifuncionalidade.

que, no plano do léxico, resultou em polissemia, mais especificamente em heterossemia. Adicionalmente, exploraram-se as seguintes hipóteses:

(i) acredita-se que *feito* desempenhe, nas duas variedades do português aqui estudadas, funções lexicais e gramaticais semelhantes, a saber: verbo no particípio, substantivo, adjetivo, locução adverbial (parte integrante), conjunção e locução interjetiva (parte integrante);

(ii) a despeito da similaridade funcional das duas variedades do português, espera-se que a produtividade seja distinta em alguns usos, especialmente no uso juntivo, já que alguns autores o consideram uma especificidade do PB; acredita-se que as categorias/funções primeiras, isto é, aquelas mais antigas, assim identificadas a partir da consulta em obras lexicográficas, sejam mais produtivas; supõe-se que a função juntiva não se restrinja à variedade brasileira, bem como que haja alteração de frequência entre as funções na passagem do séc. XX ao séc. XXI, já que a língua é dinâmica.

O objetivo geral desta pesquisa consistiu, portanto, em analisar e descrever os usos da forma *feito* tanto na variedade brasileira quanto na variedade europeia do português, elencando suas categorias linguísticas, a partir de uma perspectiva funcionalista de análise cujos dados foram extraídos do *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006). Já os objetivos específicos, decorrentes desse objetivo mais amplo, foram os seguintes:

(i) testar, a partir da consulta a dicionários, a hipótese de que as ocorrências de *feito* coletadas representam um caso de polissemia e levantar aspectos da evolução de *feito* a partir de sua forma latina, a fim de conhecer um pouco mais sobre sua origem; investigar a produtividade dos usos da forma *feito* no português contemporâneo na amostra estudada, comparando sua frequência no PE e no PB;

(ii) testar, por meio de dados quantitativos, a tese de outros autores de que, em certos contextos linguísticos, *feito* funciona como uma conjunção subordinativa comparativa e identificar o tipo de comparação que ela estabelece;

(iii) verificar se o uso juntivo da forma em estudo se restringe ao português brasileiro; comparar os usos da forma *feito* nos séculos XX e XXI para tentar identificar eventuais tendências de ampliação e/ou redução de usos.

A realização deste estudo justifica-se, inicialmente, pelo ponto de vista do uso, pois, como se pode observar, nos exemplos apresentados, a forma em estudo é efetivamente empregada pelos falantes da língua em contextos comunicativos reais funcionando como pertencente a outras categorias linguísticas além da prevista pela tradição gramatical (verbo no particípio).

Como se sabe, as gramáticas normativas disponíveis não são obras atuais; as mais recentes foram escritas no século passado e, considerando-se a dinamicidade da língua, nem todos os usos estão documentados nelas. Por isso a importância de se pesquisar continuamente. Os linguistas devem observar seu objeto de estudo com o propósito de postular conhecimentos científicos específicos sobre os fenômenos estudados, para, assim, registrar, documentar aquilo que ainda não tinha sido observado, flagrado no uso da língua, como é o caso de *feito*. Somente houve registro de sua função mais gramatical (conjunção) na gramática normativa de Cegalla (2020 [1964]).

Sendo assim, este estudo justifica-se, também, porque até o presente momento, com exceção do trabalho de Lima-Hernandes (2005), não foram encontrados trabalhos descritivos nos quais se estuda a multifuncionalidade da forma *feito* levando-se em consideração a gradiência de usos. Ademais, não se encontraram pesquisas sobre essa forma com análises comparativas entre o PB e o PE, como é a proposta deste estudo.

Acredita-se, portanto, que o presente estudo possa contribuir para ampliar os estudos de língua portuguesa, podendo se tornar um considerável instrumento de documentação.

O estudo se reveste ainda de importância para o docente de língua portuguesa, uma vez que se volta para a descrição da língua, para o seu uso e o seu ensino. É importante que o profissional da área entenda e compreenda o funcionamento da língua para que, assim, possa melhor ensiná-la. Muitos alunos apresentam dificuldade em análise linguística. Quando precisam classificar as formas da língua, principalmente os particípios, ficam com dúvida, não sabendo como categorizá-los. Assim, este estudo contribui para difundir a importância de se analisar, de se classificar as palavras considerando os **contextos linguísticos** e **extralinguísticos de uso**, ou seja, considerando a língua em seu funcionamento real.

Para além desta introdução, todo o percurso da pesquisa empreendida bem como as análises, os resultados e as constatações alcançadas estão organizados em quatro capítulos, seguidos das considerações finais.

No primeiro capítulo, apresentaram-se os fundamentos teóricos que sustentam a pesquisa. Conceituaram-se os termos que se fizeram necessários para o desenvolvimento do estudo. Assim, alguns preceitos foram abordados: a mudança linguística, a gradiência, a fluidez

categorial, a polissemia, a heterossemia, a teoria dos protótipos, a categorização linguística e a multifuncionalidade.

No segundo capítulo, que trata dos pressupostos teórico-metodológicos que regem o estudo, descreveu-se minuciosamente a metodologia adotada para a realização da pesquisa, apresentando as bases teóricas utilizadas para as tomadas de decisões metodológicas. Apresentou-se o banco de dados e as interfaces utilizadas para a constituição dos *corpora* para a análise. Estabeleceram-se os critérios de categorização e as categorias nas quais a forma *feito* se enquadra. Ademais, expuseram-se os procedimentos de quantificação e de análise adotados.

No terceiro capítulo, discorreu-se sobre o objeto de estudo: a forma *feito*. Apresentaram-se o estado da arte sobre *feito* e a pesquisa realizada em dicionários histórico, etimológicos e contemporâneos, a fim de se conhecer o étimo dessa forma e as suas categorias primeiras, de sanar a lacuna acerca de sua polissemia e de se buscar dar conta de seu deslizamento funcional.

Por fim, no quarto capítulo, os resultados alcançados por meio das análises dos dados, bem como as generalizações extraídas deles acerca da multifuncionalidade da forma *feito* no PB e no PE, foram apresentados e discutidos. Esses resultados foram confrontados com os pressupostos teóricos apresentados, analisando-se a relação de pertinência entre os dados empíricos e tais pressupostos, permitindo-se a comprovação de teorias já existentes como também a elucidação de questões dúbias ou ainda não pesquisadas e respondidas.

CAPÍTULO 1
CATEGORIZAÇÃO LINGUÍSTICA: A MULTIFUNCIONALIDADE EM FOCO

Neste capítulo, são apresentados os fundamentos teóricos que sustentam esta pesquisa. Esses fundamentos provêm de estudos funcionalistas, que partem dos seguintes pressupostos: a linguagem é uma atividade sociocultural, a estrutura serve à função cognitiva e comunicativa, a mudança e a variação estão sempre presentes, o significado é dependente do contexto, as categorias não são discretas e as gramáticas são emergentes. Assim, o objetivo do capítulo é estabelecer os conceitos teóricos que servem de base a este estudo. Em 1.1, há uma abordagem sobre a dinamicidade da língua, sobre a mudança linguística, sobre a gradiência, que é oriunda do processo de mudança, e sobre a fluidez categorial. Em 1.2, apresentam-se os conceitos de polissemia e de homonímia e os critérios para se diferenciar um fenômeno do outro. Na seção 1.3, há uma abordagem sobre o termo *heterossemia*, distinguindo-a da polissemia. Na seção 1.4, apresenta-se a teoria dos protótipos, importante para a compreensão da definição de categorização adotada, a qual concebe que as categorias não são estanques. E, na última seção, há um epílogo deste primeiro capítulo.

1.1 Mudança linguística, gradiência e fluidez categorial

Os temas teóricos gerais desta dissertação - mudança linguística e organização dos sistemas gramaticais da língua - têm sido extensivamente pesquisados e muito já se sabe sobre essas temáticas, contudo continuam sendo objeto de interesse de pesquisas linguísticas justamente porque os sistemas linguísticos são dinâmicos.

Isso implica assumir que a língua não é estática, imutável, não é um sistema fechado, pronto; antes, é dinâmica, é um sistema adaptativo e complexo, que sofre variações e constantes mudanças sistemáticas com o passar do tempo. Sofre alterações lexicais, morfossintáticas, fonético-fonológicas e pragmático-discursivas. Independentemente de qualquer comunidade de fala, a mudança ocorre. Isso é, pois, um condicionamento universal, porque, enquanto a língua é viva, ela está sujeita às intervenções do falante, a serviço de suas necessidades comunicativas.

Desde o trabalho seminal de Saussure (1916), sabe-se que os usuários da língua têm ao seu dispor um conjunto de opções para formar os enunciados (a língua é coletiva) e que isso gera variações não só no modo de expressão, mas também em relação à seleção das unidades linguísticas feita pelos falantes para materializar seus textos (a fala é individual). Assim, o sistema vai se adaptando conforme as necessidades cognitivas e comunicativas dos falantes.

> Significa que, na língua, convivem, harmoniosamente, formas que, com o tempo, tendem a assumir novas funções e configurações e outras que, aparentemente, mantêm-se mais estáveis (VOTRE, 2002). Dito de outro modo, o sistema linguístico tem uma natureza eminentemente dinâmica, já que surge da adaptação das habilidades cognitivas humanas a eventos de comunicação específicos e se desenvolve com base na repetição ou ritualização desses eventos (FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013, p. 55).

Os falantes, por conta da necessidade comunicativa, acabam, muitas vezes, fazendo uso de palavras que não estavam disponíveis no momento da interação, ou seja, os usuários (re)criam automaticamente formas que, ao ver deles, representam de modo mais efetivo do que as palavras já disponíveis, que já fazem parte de seu vocabulário, aquilo que eles querem expressar.

Embora não se filie ao quadro teórico funcionalista, Basilio (2007) explica que o falante pode formar palavras para utilizar o significado de uma palavra em outra classe gramatical. Segundo exemplifica, "temos uma palavra de uma classe ou categoria lexical, como o verbo, e precisamos usá-la como substantivo. Nesse caso, formamos uma palavra nova para utilizar o significado da palavra já existente numa estrutura que requer uma classe gramatical diferente" (BASILIO, 2007, p. 9). Outro motivo que a autora destaca para os falantes formarem "novas" formas é a necessidade de uma alteração semântica numa significação lexical básica.

No entanto, Basilio (2007, p. 11) mostra que essas motivações são de natureza secundária. E argumenta, a partir dos seguintes questionamentos: "por que não temos uma palavra distinta para uso em cada classe gramatical? Ou para cada acréscimo semântico necessário?" A resposta é aparentemente simples: ter uma palavra inteiramente diferente para cada noção que se quisesse usar "significaria multiplicar muitas vezes o número de palavras inteiramente arbitrárias em nosso léxico" (p. 11). Isso implicaria um prejuízo na eficiência da língua como sistema, uma vez que tornaria a comunicação mais difícil, além de sobrecarregar o sistema cognitivo, pois seria necessário que os falantes retivessem na memória um grande número de palavras, de significados.

> Assim, a razão fundamental para formarmos palavras é que seria muito difícil para nossa memória – além de pouco prático – captar e guardar formas diferentes para cada necessidade que temos de usar palavras em contextos e situações diversos.
> Em última análise, a razão por que formamos palavras é a mesma pela qual formamos frases: o mecanismo da língua sempre procura atingir o máximo de eficiência, o que se traduz num máximo de flexibilidade em termos de expressão simultaneamente a um mínimo de elementos armazenados na memória. É essa flexibilidade que nos permite contar com um número gigantesco de elementos básicos de comunicação sem termos de sobrecarregar a memória com esses mesmos elementos (BASILIO, 2007, p. 12).

Além de possibilitar uma variedade de opções de uso das unidades linguísticas sem sobrecarregar a memória, a flexibilidade da língua ocasiona uma sobreposição das categorias linguísticas, e isso faz com que determinadas formas possam ser categorizadas em mais de uma classe gramatical, pois ocorre um deslizamento funcional, por meio do qual tais formas, a depender do contexto, mudam de sentido e, consequentemente, de função. Isso, contudo, não ocorre de uma hora para outra, visto que a mudança linguística não é abrupta. Ela é contínua, lenta e gradual. Assim, a gradiência, tal como a dinamicidade, é uma característica inerente às línguas naturais, que resulta da gradualidade da mudança.

Sapir (1921), apesar de não ser funcionalista, já observa a questão da gradiência no funcionamento das unidades linguísticas como uma característica natural da mudança. Ele argumenta que há nas línguas um gradualismo entre as categorias, ou seja, as categorias linguísticas não são claramente definidas, diferenciadas e separadas umas das outras; antes, sobrepõem-se em zonas fronteiriças. Explica que é essa sobreposição que possibilita uma enorme flexibilidade e adaptabilidade que permitem às línguas refletirem com mais precisão as realidades culturais e sociais de seus falantes.

De acordo com Sapir (1921),

> nossa classificação convencional de palavras em partes do discurso é apenas uma aproximação vaga e oscilante para um inventário consistentemente elaborado de experiência. Pensamos, inicialmente, que todos os "verbos" estão inerentemente relacionados com a ação, assim como um "substantivo" é o nome de algum objeto ou personalidade definida que pode ser retratado pela mente, que todas as qualidades são necessariamente expressas por um grupo definido de palavras ao qual podemos aplicar apropriadamente o termo "adjetivo". Entretanto, assim que usamos nosso vocabulário, descobrimos/percebemos que as partes do discurso estão longe de corresponder a uma análise tão simples da realidade (SAPIR, 1921, p. 124, tradução da pesquisadora)[6].

Como destaca o autor, não são todos os verbos que estão relacionados a ações/processos, nem todos os substantivos referenciam coisas ou pessoas, nem são somente os adjetivos, ou melhor, palavras que são normal e automaticamente classificadas como adjetivos, que caracterizam/qualificam. No uso da língua, observa-se que as unidades linguísticas não se limitam às categorizações rígidas, logo não se pode rotulá-las como sendo pertencentes a uma

[6] No original: "Our conventional classification of words into parts of speech is only a vague, wavering approximation to a consistently worked out inventory of experience. We imagine, to begin with, that all "verbs" are inherently concerned with action as such, that a "noun" is the name of some definite object or personality that can be pictured by the mind, that all qualities are necessarily expressed by a definite group of words to which we may appropriately apply the term "adjective." As soon as we test our vocabulary, we discover that the parts of speech are far from corresponding to so simple an analysis of reality" (SAPIR, 1921, p. 124).

classe X ou a uma classe Y incontestavelmente, pois a distinção entre uma classe e outra é gradiente.

Conforme Aarts (2007)[7] evidencia,

> a gradiência na gramática é geralmente caracterizada como fenômeno de fronteiras borradas [fluidas, maleáveis] entre duas categorias de classes de forma α e β, de modo que certos elementos podem claramente ser considerados como pertencentes a α, outros inegavelmente a β, com um terceiro grupo de elementos pertencentes ao meio termo entre as duas categorias [localizados na interseção]. Essa situação pode ser representada pela ordenação de entidades linguísticas ao longo de uma escala linear com α em uma extremidade e β na outra, e uma área borrada no meio (AARTS, 2007, p. 34, tradução da pesquisadora)[8].

De acordo com Bybee (2010), a gradiência é oriunda do processo de mudança, que ocorre de modo gradual ao longo do tempo, dificultando a distinção de algumas categorias linguísticas, uma vez que certos elementos são movidos, em um *continuum*, de uma categoria a outra. Disso surge a questão da fluidez categorial. A autora explica que "todos os tipos de unidades propostas pelos linguistas apresentam gradiência, no sentido de que há muita variação dentro do domínio da unidade (diferentes tipos de palavras, morfemas, sílabas) e dificuldade em definir os limites da unidade" (BYBEE, 2010, p. 2, tradução da pesquisadora) [9].

A fluidez categorial é, pois, um fenômeno que está ligado a uma visão teórica particular de categorização e funcionamento das unidades linguísticas. Uma vez que a língua muda e se adapta a diferentes contextos funcionais, alguns autores consideram que as categorias não têm limites discretos. Desse modo, a depender do contexto, isto é, da distribuição em que ocorre, uma forma linguística pode ser classificada como diferentes categorias gramaticais. Por isso, as palavras não podem ser rotuladas e postas em "compartimentos" estáveis, definidos, fechados. Em outras palavras, uma mesma forma linguística pode ser usada como verbo, como substantivo, como adjetivo, entre outras categorias, dependendo de sua função e de sua distribuição na sentença, como, aliás, é o caso do objeto de estudo desta pesquisa.

---

[7] Aarts é outro autor não funcionalista que destaca a questão da gradiência.

[8] No original: "Gradience in grammar is usually characterized as the phenomenon of blurred boundaries between two categories of form classes a and B, such that certain elements can be said clearly to belong to a, others indisputably to B, with a third group of elements belonging to the middle ground between the two categories. This situation can be represented by ordering linguistic entities along a linear scale with a at one end and B at the other, and a blurred area in between (AARTS, 2007, p. 34).

[9] No original: "All types of units proposed by linguists show gradience, in the sense that there is a lot of variation within the domain of the unit (different types of words, morphemes, syllables) and difficulty setting the boundaries of the unit" (BYBEE, 2010, p. 2).

A partir do conceito de fluidez categorial, entende-se que as palavras não são formas que integram categorias linguísticas predefinidas, mas que podem ter múltiplas funções, aproximando, por um lado, de determinada categoria e, por outro, de outra categoria.

Assim sendo, as línguas naturais, diferentemente da visão clássica aristotélica, não apresentam categorias gramaticais discretas, ou seja, as fronteiras entre as categorias são maleáveis, justamente por causa da gradualidade da mudança, processo que tende a resultar em polissemia.

1.2 Polissemia e homonímia

Tendo em vista que é a natureza polissêmica que faz com que uma determinada palavra tenha um comportamento multifuncional[10], para a realização de um estudo descritivo da língua (que envolve a significação linguística) faz-se necessário saber distinguir entre a polissemia de uma forma e a homonímia de duas ou mais formas (CAMARA JR, 2007 [1985]). E o "critério geral de distinção entre polissemia e homonímia [é] a relação semântica entre os sentidos associados numa mesma forma" (SILVA, 2006, p. 46).

De modo geral, a homonímia ocorre quando duas ou mais palavras apresentam a mesma forma (fonética e gráfica), mas têm significados distintos e não relacionáveis. A polissemia, por seu turno, ocorre quando uma palavra apresenta mais de um significado e esses significados são relacionáveis.

A homonímia, de acordo com Ullmann (1964), é menos comum e complexa do que a polissemia, mas seus efeitos podem ser mais graves e contundentes. Ele afirma que os casos de homonímia podem surgir apenas por três processos, a saber:

1) convergência fonética, ou seja, quando dois ou mais itens lexicais tiveram, no passado, formas diferentes que coincidem na linguagem falada e escrita (sons convergentes);
2) divergência semântica, ou seja, "quando dois ou mais significados da mesma palavra se separam de tal modo que não haja nenhuma conexão evidente entre eles, a polissemia dará lugar à homonímia e a unidade da palavra será destruída [...]" (ULLMANN, 1964, p. 368);
3) influência estrangeira, ou seja, quando palavras estrangeiras se introduzem em uma língua, adaptando-se ao sistema fonético no qual se introduziram, e coincidem com

[10] Como já foi destacado, não é todo caso de polissemia que resulta em multifuncionalidade.

outras palavras já existentes. Para Ulmann (1964, p. 364-374), este tipo de influência estrangeira não é, pois, uma fonte separada de homonímia, mas apenas uma forma especial de desenvolvimentos fonéticos convergentes".

Já a polissemia "é um traço fundamental da fala humana, que pode surgir de maneiras múltiplas" (ULLMANN, 1964, p. 331). Ullmann apresenta cinco processos que a geram:

1) mudanças de aplicação, ou seja, um dado item lexical adquire um maior número de sentidos graças ao deslocamento de emprego que ele abarca num determinado período de uso;
2) especialização num meio social, ou seja, as palavras adquirem significados diversos e específicos dependendo do seu campo de ação e de atuação;
3) linguagem figurada, isto é, quando uma palavra pode adquirir um ou mais sentidos figurados sem que haja a perda do seu significado original;
4) homônimos reinterpretados; "quando duas palavras têm som idêntico e a diferença de significado não é muito grande, temos uma certa tendência a considerá-las como uma única palavra com dois sentidos" (ULLMANN, 1964:340);
5) influência estrangeira, ou seja, quando uma palavra já existente num sistema linguístico muda de sentido por "importação de significado" de uma palavra estrangeira.

Segundo Camara Jr. (2007 [1985]), há dois critérios para se distinguir os casos de homonímia dos de polissemia: o diacrônico e o sincrônico. Este considera homônimas as formas fonologicamente iguais, cujas significações não se consegue associar num campo semântico definido, ou seja, significados não relacionáveis. Aquele considera homônimas apenas as formas convergentes, ou seja, palavras que convergem na mesma forma como, por exemplo, são (*sanu*, adjetivo) e são (*sunt*, forma verbal).

Normalmente, duas palavras (ou mais) são homônimas quando provêm de dois (ou mais) étimos diferentes (caráter etimológico); pertencem a classes gramaticais diferentes (há exceções), assim como a distintas famílias de formação derivativa; pertencem a campos lexicais diferentes (há exceções); e ocorrem em contextos sintáticos diferentes. E, do contrário, são polissêmicas. Tradicionalmente, o critério diacrônico (etimológico) é considerado o teste fundamental para distinguir os dois fenômenos, mas nem sempre ele é suficiente.

Do exposto, infere-se que a polissemia é um fenômeno histórico[11], uma vez que as diferentes nuances de significado de uma palavra surgem com seu uso em diferentes contextos linguísticos e extralinguísticos. E, a depender desses contextos, formam-se construções em que ocorrerá instauração de heterossemias.

1.3 Polissemia e heterossemia

Polissemia e *heterossemia* são termos cujos conceitos estão relacionados. Pode-se dizer que a heterossemia é um tipo específico de polissemia, mas esta, ao contrário daquela, não implica necessariamente mudança de categoria.

Para Katz (1972), a polissemia diz respeito a um conjunto de condições necessárias e suficientemente satisfeitas que todos e cada um dos significados de uma dada palavra deve carregar, ou seja, as palavras com a mesma forma são consideradas polissêmicas se todos os seus significados tiverem traços em comum, se houver um resquício do sentido original em cada um dos significados, assim, todos eles estariam relacionados, pois compartilhariam propriedades básicas. O autor explica que "o significado de uma palavra deve representar apenas os traços invariáveis em virtude do qual algo é uma coisa, situação, atividade, evento ou qualquer coisa de um determinado tipo" (KATZ, 1972, p. 60 *apud* LICHTENBERK, 1991, p. 475, tradução da pesquisadora)[12].

> 'Polissemia' é normalmente entendida como a associação de significados distintos (mas relacionados) a um mesmo lexema. Por exemplo, para Lyons (1977:561), a ausência de distinção léxica é uma condição prévia para a polissemia. Diferentes linguistas podem interpretar a condição de falta de distinção léxica de forma mais ou menos rigorosa (Leech 1974), mas normalmente significa que duas categorias sintáticas principais diferentes - como um substantivo e um verbo – não devem estar envolvidas (LICHTENBERK, 1991, p. 476, tradução da pesquisadora)[13].

---

[11] A polissemia é um fenômeno histórico porque está relacionada à mudança das línguas ao longo do tempo. Determinadas formas linguísticas adquirem diferentes significados em diferentes contextos de uso ao decorrer do tempo. Devido às necessidades comunicativas dos falantes, aos avanços tecnológicos, às mudanças na cultura, às influências de outras línguas, entre outros fatores históricos, há uma ampliação, diversificação e/ou especificação do significado dessas determinadas formas já existentes. Mas a polissemia é um fenômeno que se observa em um estado sincrônico de língua, pois os sentidos são moldados também por fatores contextuais. Os falantes, com base no contexto, na estrutura da frase e em conhecimentos prévios, depreendem e interpretam os sentidos que estão sendo utilizados no momento da interação. Assim, é dentro de uma mesma sincronia que os vários significados de uma forma podem representar um caso de polissemia. Isso reflete a natureza complexa e flexível da língua(gem).

[12] No original: "themeaning of a word must represent only the invariant features by virtue of which something is a Thing, situation, activity, event, or whatever of a given type".

[13] No original: "'Polysemy' is normally taken to mean the association of distinct (but related) meanings with one and the same lexeme. For example, for Lyons (1977:561) lack of lexemic distinctiveness is a precondition for polysemy. Different linguists may interpret the condition on lack of lexemic distinctiveness more or less strictly (Leech 1974), but usually it means that two different main syntactic categories-such as a noun and a verb-ought not to be involved" (LICHTENBERK, 1991, p. 476).

A heterossemia, por seu turno, segundo Persson's (1988 *apud* Lichtenberk, 1991), refere-se a palavras que têm a mesma forma, têm significados relacionados, mas se enquadram em diferentes categorias linguísticas. Nas palavras do autor, refere-se a "casos (dentro de uma mesma língua) em que dois ou mais significados ou funções historicamente relacionados, no sentido de derivar da mesma fonte, são carregados por reflexos do elemento de origem comum que pertencem a diferentes categorias morfossintáticas" (PERSSON'S, 1988 *apud* LICHTENBERK, 1991, p. 476, tradução da pesquisadora).[14]

> Assim, por exemplo, há heterossemia se um verbo, uma partícula direcional e um marcador de aspecto originam-se da mesma fonte histórica. Essa definição de heterossemia inclui até mesmo aqueles casos em que os reflexos da fonte comum não são fonologicamente idênticos: por exemplo, um reflexo gramatical pode ser fonologicamente reduzido, enquanto um reflexo lexical não precisa sê-lo (LICHTENBERK, 1991, p. 476, tradução da pesquisadora)[15].

Para Lichtenberk (1991), as heterossemias resultam de processos de gramaticalização, que, na visão do autor, consistem no

> desenvolvimento de um elemento gramatical a partir de um elemento lexical anterior, diretamente ou através de um ou mais estágios intermediários (um elemento gramatical que se desenvolve a partir de um elemento gramatical anterior com uma função diferente que deriva de uma fonte lexical). Não estou afirmando que sempre se pode fazer uma clara distinção entre elementos lexicais e gramaticais. Um elemento lexical passando por gramaticalização pode exibir determinadas propriedades novas – tanto semânticas quanto formais – enquanto, ao mesmo tempo, retém algumas de suas propriedades originais (LICHTENBERK, 1991, p. 476, tradução da pesquisadora).[16]

Nesta pesquisa, o termo heterossemia foi tomado em sua definição mais ampla, seguindo Persson's (1988 *apud* Lichtenberk, 1991), uma vez que o objeto de estudo muda de classe não apenas em decorrência do processo de gramaticalização, mas também por meio da

---

[14] No original: '"heterosemy' to refer to cases (within a single language) where two or more meanings or functions that are historically related, in the sense of deriving from the same ultimate source, are borne by reflexes of the common source element that belong in different morphosyntactic categories".

[15] No original: "Thus, for example, there is heterosemy if a verb, a directional particle, and an aspect marker all ultimately descend from the same historical source. This definition of heterosemy subsumes even those cases where the reflexes of the common source are not phonologically identical: for example, a grammatical reflex may be phonologically reduced, whereas a lexical reflex need not be" (LICHTENBERK, 1991, p. 476).

[16] No original: "we can define 'grammaticalization as the development of a grammatical element from an erstwhile lexical element. either directly or through one or more intermediate stages (a grammatical ele ment developing from an earlier grammatical element with a different function that derives from a lexical source). I am not claiming that one can always make a neat distinction between lexical and grammatical elements. A lexical element undergoing grammaticalization may, display certain new properties-semantic as well as formal-while at the same time retaining some of its original properties ((LICHTENBERK, 1991, p. 476).

derivação imprópria: "processo de transposição de uma palavra de uma classe gramatical para outra sem nenhuma alteração de forma" (BASILIO, 2007, p. 66).

No caso deste estudo, a mudança de categoria por meio da gramaticalização foi identificada, por exemplo, quando a forma/construção deslizou da categoria de verbo para a de conjunção; já a mudança de categoria por meio da conversão (derivação imprópria) foi identificada, por exemplo, quando ocorreu a substantivação (de verbo a substantivo).

Apesar de a definição mais ampla ter sido adotada, a perspectiva de Lichtenberk (1991) não foi aqui descartada; por isso, a fim de apresentar um maior esclarecimento sobre a heterossemia, destacam-se as seguintes constatações do autor:

> (i) Os significados são internamente complexos, têm estrutura. Determinado componente do significado total de um termo pode servir de base para uma extensão funcional, sendo irrelevantes os outros aspectos do significado.
> (ii) Os significados são subjetivos e abertos. Um termo pode ter um significado primário, mas seu significado total engloba não apenas essa designação primária e central, mas também todos os outros aspectos mais ou menos periféricos das situações em que o termo é usado.
> (iii) Ainda que na heterossemia todos os significados/funções em última instância derivem da mesma fonte, sincronicamente não precisa haver nenhuma propriedade exclusivamente compartilhada por todos eles. O conceito de estruturas radiais caracterizadas por parentesco graduado e parentesco direto e indireto entre os significados/funções é aplicável não apenas à polissemia, mas quando apropriadamente modificado, à heterossemia também. Na polissemia, há uma categoria conceptual estruturada radialmente. Na heterossemia, as propriedades semânticas (assim como as formais) dos elementos são muito diferentes para formar uma única categoria conceptual. Em vez disso, a categoria tem apenas uma base histórica: o que une seus membros é a sua última fonte comum (LICHTENBERK, 1991, p. 480 – Tradução da pesquisadora).[17]

Os sentidos heterossêmicos são gerados mediante o uso da forma linguística pelos falantes em diferentes **construções linguísticas**, o que possibilita a categorização da forma em "categorias radialmente estruturadas", como explica Lakoff (1987) e será visto na próxima seção com a teoria dos protótipos.

---

[17] No original: (i) Meanings are internally complex; they have structure. A certain component of the total meaning of a term may serve as the basis for a functional extension, the other aspects of the meaning being irrelevant.
(ii) Meanings are subjective and open-ended. A term may have a primary meaning, but its total meaning subsumes not only this primary, central designation, but also all the other more or less peripheral aspects of the situations in which the term is used.
(iii) Even though in heterosemy all the meanings/functions ultimately derive from the same source, synchronically there need not be any property exclusively shared by all of them. The concept of radial structures characterized by graduated relatedness and both direct and indirect relatedness among the meanings/functions is applicable not only to polysemy proper but, when appropriately modified, to heterosemy as well. In polysemy, there is a radially-structured conceptual category. In heterosemy, the semantic (as well as the formal) properties of the elements are too different to form a single conceptual category. Rather, the category has only a historical basis: what unites its members is their common ultimate source.

1.4 Teoria dos protótipos

A categorização é um processo fundamental à vivência do ser humano, haja vista que possibilita a classificação e a organização de todo tipo de conhecimento, inclusive o linguístico. As categorias linguísticas (classes de palavras) não são discretas, pois seus limites não são claros, as barreiras categoriais são fluidas. Como já foi explicado, não se pode colocar as palavras em "compartimentos" isoladamente e a separação entre as classes não é estanque. Por exemplo, há na língua substantivos que funcionam como adjetivos, adjetivos que funcionam como advérbios etc., e esse tipo de funcionamento somente se observa no uso da língua. Assim sendo, as categorias são admitidas como contínuas e seus membros são definidos em termos de prototipia.

A teoria dos protótipos foi formulada por Rosch (1973) e parte de um *insight* de que existem membros centrais ou prototípicos de uma categoria e outros mais ou menos periféricos. Os protótipos são os membros que possuem todas as características, todos os traços definidores de determinada categoria. Já os membros periféricos são aqueles que possuem poucos traços em comum, mas por esses traços estão relacionados à categoria, podendo ser incluídos nela. Dessa forma, a autora discorda da visão aristotélica de categorias do tipo lógico-matemático, segundo a qual os limites entre as categorias linguísticas são rígidos e a categorização de uma palavra é uma questão de "pertence ou não pertence" a uma dada categoria.

Lakoff (1987) é outro autor que se contrapõe à perspectiva aristotélica. Ele se baseia no conceito de "categorias radialmente estruturadas". Conforme explica, as categorias não são rigorosamente definidas, são radias. A estrutura radial de uma categoria é formada por uma subcategoria central e por extensão periféricas, que são variações da subcategoria central, variações convencionais que devem ser apreendidas. Para Lakoff (1987), as categorias radialmente estruturadas apresentam *graduated relatedness*, ou seja, essas categorias mantêm uma relação de parentesco: alguns membros estão mais relacionados entre si do que outros; e dois membros podem estar relacionados entre si não por causa dos traços que possuem serem compatíveis entre si, mas por compartilharem traços com um terceiro membro; dessa forma, estariam relacionados por estabelecerem parentesco com esse terceiro membro.

Taylor (1989), por seu turno, também discorda da visão aristotélica de categorização. Nesse aspecto, o autor compartilha do entendimento propagado pela teoria dos protótipos. Ele esclarece que

> o limite da categoria é difuso – um fato que não diminui, entretanto, a utilidade comunicativa da categoria. Assim, ao contrário das expectativas da teoria clássica, a categoria não é estruturada em termos de critérios compartilhados, mas sim por uma rede cruzada de semelhanças. De fato, existem atributos tipicamente associados à categoria. Alguns membros compartilham alguns desses atributos, outros membros compartilham outros atributos. No entanto, não existem atributos comuns a todos os membros, e somente a eles. Pode até ser que alguns membros não tenham praticamente nada em comum com os outros (Taylor, 1989 p.38, tradução da pesquisadora).[18]

Sobre isso, Lichtenberk (1991) destaca que vários estudiosos da linguagem (Witt-Genstein, 1953; Jackendoff, 1983; Lakoff, 1987) têm defendido que os significados de um termo polissêmico podem estar relacionados por meio de uma rede complexa de traços comuns parcialmente partilhados ou de semelhanças familiares. O autor explica que, embora todos os significados de um termo polissêmico estejam interrelacionados, verifica-se que há graus de relação entre eles.

> Por exemplo, o significado de C desenvolveu-se a partir do significado de B, este, por sua vez, desenvolveu-se a partir do significado de A; nesse caso, é provável que C tenha uma relação mais próxima com B do que com A. Além disso, é possível que B esteja relacionado com A por meio de um conjunto de propriedades e com C por meio de outro conjunto de propriedades completamente distinto; nesse caso, A e C estarão relacionados entre si apenas indiretamente, por meio de B. Também pode acontecer que os significados B e C desenvolvam-se diretamente a partir do significado de A; A tem propriedades x e y; compartilha a propriedade x com B e a propriedade y com C; B e C não têm nenhuma propriedade em comum; estão relacionados entre si apenas por meio de sua fonte comum A (LICHTENBERK, 1991, p. 476, tradução da pesquisadora).[19]

Cabe ressaltar, contudo, que nem sempre o protótipo é tomado como referência na avaliação de proximidade, de similaridade. "Rosch (1999) salientou que há várias outras formas pelas quais as categorias prototípicas podem ser formadas. Algumas são baseadas em frequência estatística, calculada em termos do número ou média de vários atributos (em estruturas do tipo *semelhança familiar*)", por exemplo (FERRARI, 2011, p. 42-43).

---

[18] No original: "The boundary of the category is fuzzy – a fact which does not, however, detract from the category's communicative usefulness. Thus, contrary to the expectations of the classical theory, the category is not structured in terms of shared criterial features, but rather by a criss-crossing network of similarities. There are indeed attributes typically associated with the category. Some members share some of these attributes, other members share other attributes. Yet there are no attributes common to all the members, and to them alone. It may even be the case that some members have practically nothing in comnon with others" (Taylor, 1989 p.38).

[19] No original: "For instance, meaning C developed from meaning B, which had developed from meaning A; in such a case, C is likely to bear a closer relation to B than to A. Furthermore, it is possible for B to be related to A through one set of properties and to C through another, entirely distinct set of properties; in that case A and C will be related to each other only indirectly, through B. It may also be that meanings B and C both developed directly from meaning A; A has properties *x* and *y*; it shares property *x* with B and property *y* with C; B and C have no property in common; they are related to each other only through their common source A" (LICHTENBERK, 1991, p. 476).

1.5 Epílogo

Depois de levantadas todas essas questões, pode-se dizer que estudar a língua em uso é ter como pressuposto que a produção de texto e o uso da linguagem ocorrem na interação. Por esse motivo, os itens da língua não podem ser tratados de modo ingênuo, fácil e homogeneizado, visto que o funcionamento da linguagem não é simples. A linguagem natural não é considerada como um sistema abstrato autônomo em relação aos modos de uso, antes, "no paradigma funcional, considera-se que as expressões lingüísticas não são objetos funcionais arbitrários, mas têm propriedades sensíveis a, e co-determinadas por, determinantes pragmáticos da interação verbal humana" (DIK, 1987, pp. 81-82 *apud* NEVES, 2004 [1997], p. 46).

Neves (2022 [2006]) expõe que a explicitação de uma língua particular inserida historicamente representa a explicitação do próprio funcionamento da linguagem. Conforme a autora explica,

> isso exclui qualquer atividade de encaixamento em moldes pré-fabricados, tanto os que constituem uma organização de entidades metalinguísticas alheia aos processos reais de funcionamento quanto os que representam modelos para submissão estrita a normas linguísticas sem legitimidade instruídas. Isso significa, pois, rejeitar uma modelização que ignora zonas de imprecisão e/ou oscilação, as verdadeiras testemunhas do equilíbrio instável que caracteriza a própria vida da língua, refletindo a sua constante adaptação segundo a força das constantes pressões que exercem sobre os usos (NEVES, 2022 [2006], p. 15-16).

Dessa forma, o tratamento funcionalista prioriza a **função** que as formas exercem em contextos discursivos, isto é, não se vincula a uma visão estanque da língua, com categorizações preestabelecidas, rígidas e imutáveis. A interpretação das categorias linguísticas deve partir da unidade maior de funcionamento, o texto, que é a real unidade funcional. Algumas classes de itens até podem ser explicadas nos limites da oração, todavia outras somente podem ser classificadas, se entendidas no funcionamento discursivo-textual. Além disso, há de se considerar também que os itens são multifuncionais. O princípio da multifuncionalidade[20] é a base explicativa da interpretação funcional da linguagem. E

> a investigação da multifuncionalidade prevê:
> a) a verificação do cumprimento de diferentes funções da linguagem (apesar de sua indissociabilidade e implicação mútua);
> b) a verificação do funcionamento dos itens segundo diferentes limites de unidade (desde o texto até os sintagmas menores que a oração).
> Entrecruzam-se, pois, no tratamento, funções e níveis de análise.

[20] A multifuncionalidade é um fato que os funcionalistas assumem em relação à organização das categorias.

> Acresce, ainda, do ponto de vista semântico, a configuração de diferentes esferas nas quais os diferentes itens atuam: esfera dos participantes, esfera das relações e dos processos, esfera dos circunstantes (NEVES, 2011 [2000], p. 15).

Cabe destacar que, ainda que haja uma forte relação entre **classes** e **funções**, não significa que a cada classe uma determinada função é representada. Ao contrário, "a indicação central é a de que não há relação biunívoca (um a um) entre classes e funções, mas há **fluidez de delimitações**, há **deslizamentos categoriais** e há **superposições funcionais**, tudo a compor um aparato aberto à criação infinita de sentidos e de efeitos pelo uso da palavra" (NEVES, 2012, p. 206, negritos da pesquisadora).

A orientação teórica aqui adotada concebe, pois, que "muitos **constituintes** de uma **construção** entram em mais de uma **configuração construcional**" (NEVES, 2011 [2000], p. 15, negritos da pesquisadora), uma vez que as categorias gramaticais não são fixas, não devem ser tomadas como assentadas. Sendo assim, as palavras devem ser categorizadas considerando-se como um todo as **construções** em que participam. Sobre isso, por exemplo, Heine (1993) explica que não é a forma lexical, em particular, que se gramaticaliza, mas sim toda a construção da qual faz parte. À vista disso, entende-se que a mudança linguística não atinge somente uma palavra, uma forma, mas toda a construção formada pelas relações sintagmáticas dos termos que a compõem (CROFT, 2001; BYBEE, 2010; TRAUGOTT, 2012; entre outros).

A opção por esse modelo teórico se ancora no entendimento de que é necessária a admissão de gradualidade ao se definirem as categorias linguísticas, pois os limites não são rígidos na categorização, o que pressupõe assumir que a língua se organiza internamente com diluição de fronteiras, é **multifuncional** e sofre variação e mudança.

Assim, partindo da possibilidade de uma mesma forma linguística se enquadrar em diferentes categorias e de se assumir, neste estudo, a fluidez categorial, tendo em vista as funções que as formas desempenham nas diferentes construções em que se encontram, no capítulo seguinte, dentre outros pontos, estabelecem-se os critérios de categorização adotados neste estudo.

CAPÍTULO 2
PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Neste capítulo, os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa são descritos detalhadamente. Na seção 2.1, há uma exposição do quadro teórico adotado e a justificativa de sua escolha. Em 2.2, expõe-se a natureza do estudo, apresenta-se o banco de dados escolhido para constituição dos *corpora*, justifica-se a escolha das interfaces selecionadas para a coleta da amostragem linguística e detalham-se os procedimentos utilizados para coleta dos dados e para seleção das obras de referência adotadas. Já em 2.3, há uma abordagem sobre os critérios de categorização, enfatizando-se a importância de se conjugar os tipos de critérios. Na seção 2.4, apresentam-se as categorias utilizadas neste estudo para a classificação da forma *feito*, como também a justificativa de sua adoção. E, por fim, como esta é uma pesquisa de cunho qualitativo e quantitativo, na última subseção, 2.5, apresentam-se os procedimentos eleitos para a análise quali quantitativa.

2.1 Do quadro teórico adotado

O quadro teórico eleito para embasar as análises aqui empreendidas é o Funcionalismo, corrente linguística que, diferentemente do Formalismo, investiga a estrutura gramatical das línguas, observando o processo comunicativo como um todo, ou seja, considerando também a finalidade do ato de fala, seus participantes e seu contexto discursivo.

Apesar de aparecer, normalmente, contraposto ao Estruturalismo, o Funcionalismo surgiu no bojo do Estruturalismo, como um movimento que enfatizava a função das unidades linguísticas, ganhando força nos Estados Unidos a partir da década de 1970, quando passou a servir de rótulo para o trabalho de linguistas como Sandra Thompson (1987), Paul Hopper (1987) e Talmy Givón (1979), que defendiam uma **linguística baseada no uso**, cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística.

Para esses estudiosos, a linguística deve basear-se no uso, ou seja, as palavras não devem ser tomadas isoladamente, a língua não deve ser tratada como uma unidade encerrada em si mesma, desconsiderando-se o ato de comunicação.

Givón (1995, *apud* NEVES, 1997, p. 3), ao abrir sua obra *Funcionalismo e linguagem*, diz que

> todos os funcionalistas assumem o postulado da não-autonomia: a língua (e a gramática) não pode ser descrita como um sistema autônomo, já que a gramática não pode ser entendida sem referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução.

Assim, para os funcionalistas, a língua é dependente do contexto comunicacional. Ela é tida, principalmente, como um instrumento de interação social. Dessa forma, seu significado é oriundo das interações comunicativas. Nessa perspectiva, a língua não possui um fim em si mesma, como defendido pelos formalistas, mas é motivada pelo contexto de uso. Tendo isso em conta, a categorização de palavras em classes só pode ser feita a contento considerando seu contexto de uso. Daí a importância de se adotarem critérios funcionais para definir uma classe de palavras, ou seja, "é preciso definir qual **o papel do vocábulo na unidade sintagmática em que ele ocorre**. Do ponto de vista funcional, as classes podem ser diferenciadas de acordo com características sintáticas" (PINILLA, 2011, p. 179 [2007], negritos da pesquisadora).

Importante destacar que, na concepção funcionalista, a sintaxe não é uma estrutura engessada, mas tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva. Dessa maneira, para compreender o fenômeno sintático em análise, seria preciso estudar a língua em uso, em seus contextos discursivos específicos, pois é nesse espaço que a gramática é construída. E, além de se preocupar com o estudo da língua em situação comunicativa, os estudos de base funcionalista procuram explicar de um modo interligado os componentes sintático, semântico e pragmático.

Este estudo insere-se, portanto, em um quadro maior de pesquisas funcionalistas que vão na direção de captar e de descrever padrões de variação e de gradiência na organização interna do sistema gramatical das línguas naturais. Sendo assim, são adotados os pressupostos do Funcionalismo, nas suas vertentes mais gerais, sem estabelecer filiação com alguma vertente específica, por se acreditar que essa decisão é extremamente vantajosa para a análise, dada a natureza deste estudo. Por essa razão, a abordagem a ser desenvolvida encontra suporte principalmente no legado de Neves (2001, 2006, 2011a, 2011b [2000], 2012, 2018a, 2018b, 2022 [2006]).

A referida linguista adota uma direção pessoal e particular, uma vez que se vale de um conjunto de propostas de diferentes vertentes funcionalistas, vinculando-se tão somente à proposta geral de contemplar os usos linguísticos, para examinar a funcionalidade da linguagem. A autora parte da perspectiva da necessidade de se olhar a língua enquanto processo e múltiplas funções, ou seja, olhar o funcionamento da linguagem e não trabalhar, por exemplo,

com uma categorização rígida, com rótulos preestabelecidos, sem uma análise da língua em uso.

Nos estudos de Neves (2012), pode-se perceber que o trabalho analítico tem como ponto de partida o texto autêntico, isto é, a formulação e o registro de informações resultam de análises que têm por base os sentidos captados no uso. A autora explica que, para se descrever a língua em uso, para compreender suas múltiplas funções, "a avaliação deve ser tentada no domínio discursivo" (NEVES, 2022 [2006], p. 13). Dito em outras palavras, é necessário considerar as propostas básicas de uma gramática funcional, uma vez que tal gramática

> prevê que a interação verbal é uma atividade estruturada (com regras, normas e convenções), mas também é uma atividade cooperativa, e, desse modo, ativam-se, na linguagem (que é sempre uma interação), dois sistemas de regras: as que regem a constituição das expressões linguísticas (regras sintáticas, semânticas, morfológicas e pragmáticas) e as que regem o modelo de interação verbal no qual as expressões são usadas (regras pragmáticas) (NEVES, 2022 [2006], p. 13).

Assim, a descrição da língua em uso parte do pressuposto de que as estruturas linguísticas devem ser consideradas por sua representação de organização dos meios linguísticos que expressam as funções a que servem a linguagem (NEVES, 2012a). Dessa forma, estudos da natureza do trabalho aqui proposto precisam considerar as ponderações a seguir, pois são princípios que regem uma gramática de direção funcionalista:

> 1) A linguagem não é um fenômeno isolado, mas, pelo contrário, serve a uma variedade de propósitos (Prideaux, 1987), e, portanto, tem motivações: há uma competição de forças (externas e internas à língua), que, vindas de diferentes direções e possuindo natureza diferente, buscam equilibrar a forma da gramática.
> 2) A língua (e sua gramática) não pode ser descrita nem explicitada como um sistema autônomo (Givón, 1995), imune a uma relação com fatores externos (e de mais de um tipo).
> 3) As formas e os processos da língua (a gramática) são meios para um fim, não um fim em si mesmos (Halliday, 1994): na atividade bem-sucedida, os fins são os correlatos das motivações (NEVES, 2012a, p. 51).

Estabelecido o quadro teórico que serviu de à categorização e à consequente descrição funcional da forma *feito* nos domínios deste estudo, passa-se, na subseção a seguir, a apresentar as obras que serviram de referência à categorização, bem como o modo como se compôs a amostra linguística.

2.2. Da natureza do estudo, das obras adotadas e da composição da amostra linguística analisada

Do ponto de vista epistemológico, esta pesquisa enquadra-se na linha do estudo da Variação e Mudança Linguística e na área de concentração da Linguística Teórica e Descritiva. Em relação aos seus objetivos, classifica-se como pesquisa descritiva. No que se refere aos procedimentos técnicos, a pesquisa realizada é bibliográfica e analítica, pois testa contra dados empíricos, coletados em situação de uso real da língua, as categorizações descritas na bibliografia linguística. Por fim, do ponto de vista da forma de abordagem do problema, a pesquisa realizada é do tipo quali quantitativa, porque mescla as abordagens quantitativa e qualitativa. Assim, este estudo tem natureza interpretativa e descritiva, uma vez que o objetivo foi descrever, quantificar e analisar os usos da forma *feito* nos diversos contextos de ocorrências.

Como se buscou averiguar a multifuncionalidade assumida pela forma *feito* no português atual, este estudo restringiu-se aos séculos XX e XXI, configurando-se, portanto, como uma descrição sincrônica. A inclusão de dados do século XX na composição da amostra se deve ao fato de que o século XXI ainda não atingiu nem mesmo o seu primeiro quartel. Desse modo, com a inclusão do século XX na coleta, abarca-se um período um pouco superior a cem anos, o que é suficiente para se flagrar um eventual processo de mudança, já que um dos objetivos foi testar a hipótese de que a forma *feito* ampliou seus usos no português para além do funcionamento como verbo no particípio.

Sabe-se que a multifuncionalidade de uma forma é um processo que está diretamente relacionado ao fenômeno da polissemia[21]. Esta, como discutido no capítulo anterior, é um fenômeno estabelecido diacronicamente, pois é histórico. Como esta pesquisa é de natureza sincrônica, para se tentar flagrar o deslizamento da forma em estudo nas diversas categorias ao longo dos séculos, recorreu-se ao seguinte dicionário histórico: *Diccionario da lingua portugueza* (BLUTEAU; SILVA, 1789), além de um vocabulário do mesmo autor, *Portuguez e latino* (BLUTEAU, 1713). Consultaram-se ainda três dicionários etimológicos - *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (NASCENTES, 1955), *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa* (CUNHA, 1982) e *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa* (MACHADO, 1981) -, além de seis dicionários contemporâneos: *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa* (CALDAS AULETE, 1948) e *Novo dicionário brasileiro Melhoramentos* (PRADO E SILVA, 1964) (mais antigos); *Novo Aurélio século XXI*: o dicionário da língua portuguesa (FERREIRA, 1999) e *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001) (mais contemporâneos); e, por fim, *Dicionário de*

[21] Destaca-se, como já pontuado, que a heterossemia é um tipo de polissemia. Entende-se, neste estudo, que a multifuncionalidade está relacionada ao fenômeno de heterossemia (há mudança de categoria).

usos do português do Brasil, (BORBA, 2002) doravante DUP, e o *Dicionário UNESP* (BORBA, 2011), doravante Dic. UNESP[22]. A consulta a tais obras lexicográficas teve dois objetivos: (i) verificar quais foram as primeiras categorias das quais outras se originaram e (ii) verificar se todos os usos da forma têm o mesmo étimo, o que possibilita a confirmação da hipótese de polissemia. Caso contrário, sua refutação.

Para fundamentar a categorização da forma nos *corpora*, foram selecionadas obras de referência histórica, normativa, descritiva e pedagógica. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* (SAID ALI, 1964 [1931]), *Gramática do Português Antigo* (HUBER, 1933), *Pontos de Gramática Histórica* (COUTINHO, 1962 [1938]) e *Gramática Histórica do Português Europeu* (CARDEIRA, 2021) foram as obras de referência histórica. *Nova gramática do português contemporâneo* (CUNHA; CINTRA, 2007 [1985]), *Moderna gramática portuguesa* (BECHARA, 2009 [1961]), *Gramática normativa da língua portuguesa* (ROCHA LIMA, 2010 [1957]), *Não erre mais!* (SACCONI, 2018 [1975]) e *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa* (CEGALLA, 2020 [1964]) foram as obras de referência normativa. No escopo das referências descritivas, selecionaram-se os seguintes trabalhos: *Aspectos da gramaticalização em português* (NEVES, 1999), *Gramaticalização das conjunções na história do português* (BARRETO, 1999), *Construções comparativas: estruturas oracionais?* (RODRIGUES, 2001), *Gramática da Língua Portuguesa* (MATEUS *ET AL*., 2003 [1983]), *A Interface Sociolinguística/Gramaticalização: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como sincronia e diacronia* (LIMA-HERNANDES, 2005), *Gramaticalização e ensino* (CASSEB-GALVÃO E LIMA-HERNANDES, 2007), *Gramática de usos do português* (NEVES, 2011 [2000]), *Comparativas de igualdade canônicas e não-canônicas em português* (RODRIGUES, 2014) e *A gramática do português revelada em textos* (NEVES, 2018). Por fim, as obras de referência pedagógica: *Português Descomplicado* (FERNANDES, 2010), *Gramática pedagógica do português brasileiro* (BAGNO, 2012) e *A Gramática para concursos públicos* (PESTANA, 2023 [2013]).

Para compor a amostragem linguística, a partir da análise de usos em textos autênticos, foi escolhido um banco de dados digital: o *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006)[23], cujas interfaces estão ilustradas pela figura 1. Trata-se de um banco de dados eletrônico composto por 2,5 bilhões de palavras de quatro países de língua portuguesa, dentre eles Brasil e Portugal. A representatividade da amostra linguística, o sistema de busca de dados e a

[22] Dicionários usados por Neves (2012a)
[23] Disponível em: https://www.corpusdoportugues.org

possibilidade de se coletarem dados de outros falantes da língua portuguesa que não apenas brasileiros motivaram a escolha deste sítio, uma vez que a investigação aqui proposta compara as variantes brasileira e europeia da língua portuguesa.

Figura 1: As interfaces do *Corpus do Português*

Fonte: Site *Corpus do Português*

A coleta se deu em duas interfaces do *Corpus do Português*: (i) uma histórica, "Genre / Historical", e (ii) outra contemporânea, "Web / Dialects". Na interface "Genre / Historical", há 45 milhões de palavras, e essa base contempla o período compreendido entre os anos 1200 e 1900, mas, para essa pesquisa, somente foram utilizados os dados do período de 1900, correspondente ao século XX. Já na interface "Web / Dialects", há cerca de um bilhão de palavras de dados de páginas da web, recolhidos entre os anos 2013 e 2014, de quatro diferentes países de língua portuguesa (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique). Entretanto, foram descartados, dessa base, os dados de Angola e de Moçambique, que não aparecem na base de dados da interface histórica ("Genre / Historical") (figura 4), como pode ser visto, mais adiante, na figura 5, motivo pelo qual o estudo se restringiu às variantes brasileira e europeia do português.

Em relação ao procedimento de coleta dos dados para constituição da amostragem linguística, a busca no *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006) foi indexada pelo lema [feito] de forma a obter todas as ocorrências da forma tanto no "Genre / Historical" quanto no "Web / Dialects", conforme ilustrado nas figuras 2 e 3, respectivamente.

Figura 2: Indexação no *Corpus do Português* (Genre/ Historical)

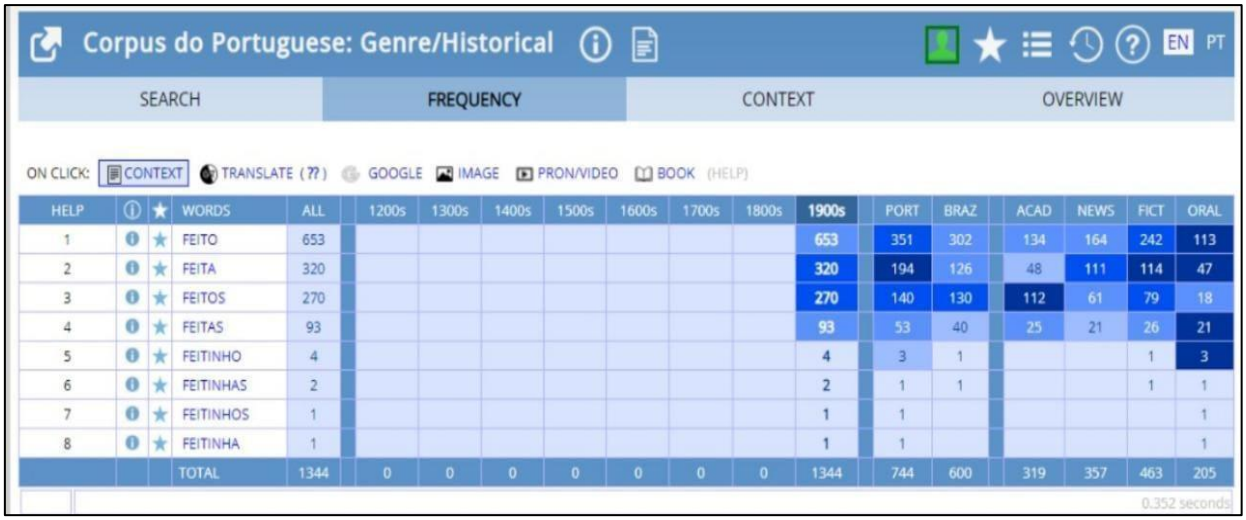
Fonte: Site *Corpus do Português*

Figura 3: Indexação no *Corpus do Português* (Web/ Dialects)

Fonte: Site *Corpus do Português*

Como pode ser observado na figura 4 abaixo, identificaram-se, na interface "Genre / Historical", no período de 1900s, 653 dados do objeto de estudo, sendo 351 dados da variante europeia e 302 da variante brasileira. Já na interface "Web / Dialects", figura 5, identificaram-se 22.296 dados, sendo 7.155 do português europeu e 15.141 do português brasileiro.

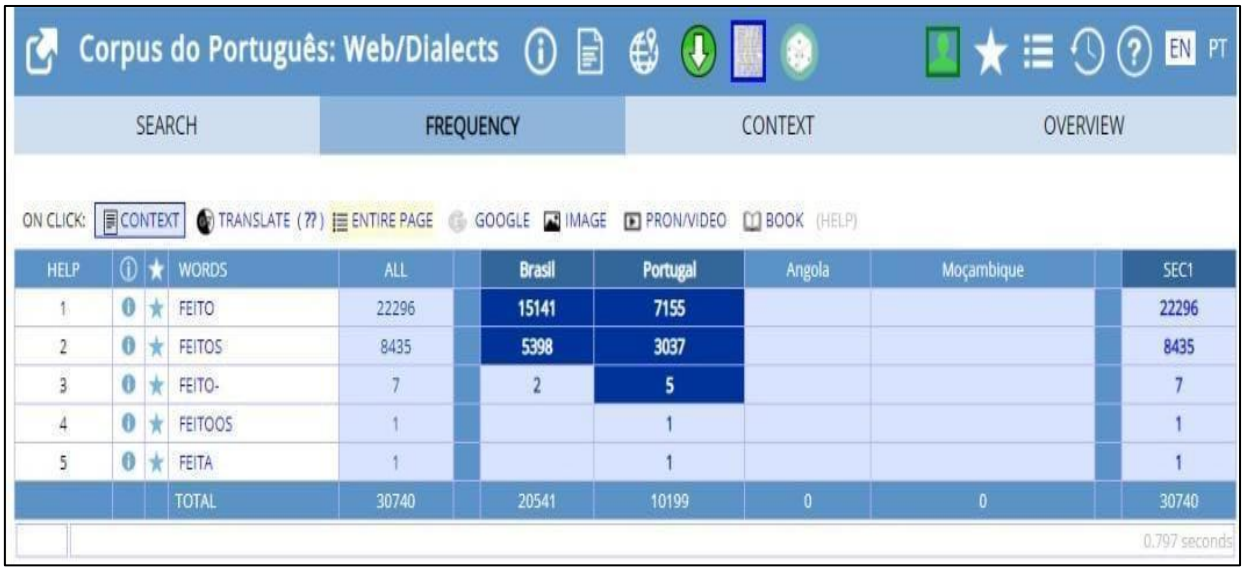
Figura 4: Frequência no *Corpus do Português* (Genre/ Historical)



HELP	WORDS	ALL	1200s	1300s	1400s	1500s	1600s	1700s	1800s	1900s	PORT	BRAZ	ACAD	NEWS	FICT	ORAL
1	FEITO	653								653	351	302	134	164	242	113
2	FEITA	320								320	194	126	48	111	114	47
3	FEITOS	270								270	140	130	112	61	79	18
4	FEITAS	93								93	53	40	25	21	26	21
5	FEITINHO	4								4	3	1			1	3
6	FEITINHAS	2								2	1	1			1	1
7	FEITINHOS	1								1	1					1
8	FEITINHA	1								1	1					1
	TOTAL	1344	0	0	0	0	0	0	0	1344	744	600	319	357	463	205

Fonte: Site *Corpus do Português*

Figura 5: Frequência no *Corpus do Português* (Web / Dialects)



HELP	WORDS	ALL	Brasil	Portugal	Angola	Moçambique	SEC1
1	FEITO	22296	15141	7155			22296
2	FEITOS	8435	5398	3037			8435
3	FEITO-	7	2	5			7
4	FEITOOS	1		1			1
5	FEITA	1		1			1
	TOTAL	30740	20541	10199	0	0	30740

Fonte: Site *Corpus do Português*

Em face da impossibilidade de se analisar todos os dados identificados no banco de dados, impôs-se a necessidade de se estabelecer um recorte. Sabe-se que, para a constituição de um *corpus*, faz-se necessária a observação de uma série de parâmetros e de critérios, como a autenticidade, o tamanho, a amostra, o balanceamento e a representatividade, sem os quais a confiabilidade dos resultados poderia ser questionada. Sendo assim, no "Genre / Historical", foram coletadas 300 (trezentas) ocorrências da forma *feito* dos dados do português na variante europeia e 300 ocorrências com os dados do português na variante brasileira, totalizando 600 dados representativos do século XX. E, no "Web / Dialects", foram coletadas 300 ocorrências

dos dados do português na variante brasileira e 300 dos dados do português na variante europeia, ou seja, mesmo número de dados por século e por modalidade de língua, totalizando, assim, 1200 (um mil e duzentos) dados para serem analisados. Esclarece-se que a coleta desse total de dados se deu de forma aleatória nas duas bases, isto é, coletaram-se ocorrências em todas as páginas, até se atingir o número máximo estipulado por período.

As mil e duzentas ocorrências da forma *feito* no português contemporâneo foram analisadas, categorizadas e quantificadas nas duas variantes do português segundo os critérios estabelecidos a seguir.

2.3. Dos critérios de categorização da forma: funcional, morfológico, sintático e semântico

A classificação das palavras em categorias linguísticas é fundamental na descrição de uma língua, pois, como explica Basilio (2008, p. 21 [2004]), "é impossível descrever os mecanismos gramaticais mais óbvios, como a concordância de gênero e número do artigo com o substantivo, se não determinarmos o que é substantivo e artigo". A despeito disso, nas gramáticas normativas e pedagógicas, que são as principais fontes do consulente leigo, "em geral, a definição de cada classe não leva em conta os mesmos critérios, o que resulta em definições confusas, privilegiando ora um, ora outro critério" (PINILLA, 2011, p 172 [2007]). Na maioria dessas obras, as classificações são semelhantes, com apenas algumas variações, pautadas prioritariamente no critério semântico[24]. Esse critério, contudo, não é suficiente para dar conta da complexa tarefa de categorização, porque a palavra é uma unidade de forma e de sentido e se relaciona com outras palavras dentro de um determinado contexto; logo deve ser classificada de acordo com o seu papel na unidade sintagmática, no contexto de uso em que ocorre.

Ainda que algumas linhas de estudo tenham buscado adotar outros critérios de categorização que não o semântico, permanece ainda, sob a égide do Estruturalismo, o imbróglio de classificar as palavras levando em consideração um único critério. Enquadram-se nessa linha trabalhos como o de Barrenechea (1963), que adotou o critério sintático, e o de Schneider (1974), que adotou o critério morfológico.

[24] "As gramáticas normativas privilegiam o critério semântico na classificação das palavras, embora utilizem todos os critérios. O estruturalismo descritivo estabelece como ideal a classificação por um critério único e privilegia os critérios morfológico e funcional. Na teoria gerativa, as categorias lexicais são definidas em termos de propriedades sintáticas" (BASILIO, 2007, p. 54 [1987]).

No entanto, para os propósitos da descrição gramatical, escolher apenas um critério para classificar as palavras não constitui a melhor opção, uma vez que "existe uma relação geral óbvia entre as propriedades semânticas e gramaticais das classes de palavras, que deve ser registrada na descrição linguística" (BASILIO, 2008, p. 23 [2004]). Por isso, para que se alcance uma classificação coerente com o uso real da língua, é necessário que as categorias gramaticais sejam definidas, no mínimo, por critérios morfológicos, sintáticos e semânticos, que, conjugados, acabam por estabelecer as diferenças entre as classes. Tal pressuposto dialoga intimamente com este estudo, que parte da premissa da gradiência entre as categorias por acreditar que existe um *continuum* entre elas e que, portanto, sua classificação não é estanque.

Tendo isso em consideração, neste estudo, foram adotados os critérios morfológico, sintático, funcional e semântico. O critério morfológico, também chamado de mórfico ou formal por alguns estudiosos, baseia-se em propriedades de forma gramatical que as palavras podem apresentar, como, por exemplo, a flexão. Baseando-se nesse critério, as formas são categorizadas em variáveis ou invariáveis. O critério sintático, que está ancorado nas propriedades distribucionais, relaciona-se à posição da palavra na frase ou dentro de sintagmas (núcleo ou determinante) e, consequentemente, correlaciona-se às posições de outras palavras na mesma construção. O critério funcional pauta-se na função exercida pela palavra na oração, considerando-se a relação sintagmática que se estabelece entre os termos. O critério semântico, por seu turno, é pautado na significação.

Segundo observa Neves (2006), de acordo com a ciência linguística, é possível se estabelecer uma hierarquia entre esses critérios, de modo a se alcançar uma categorização mais adequada:

> a) Em primeiro lugar, valem a forma e a distribuição, que, às vezes, são critérios suficientes.
> b) Em segundo lugar, vem a função exercida pela palavra na oração, critério previsto para ser utilizado quando os critérios de forma e distribuição levam a uma ambigüidade.
> c) Em último lugar, vem o sentido (que é um critério da gramática tradicional), que constitui, na verdade, um resultado da função e da classe, e, além disso, está sujeito a generalizações excessivas, o que o torna inseguro, embora sempre se tenha tido de reconhecer que às unidades de forma correspondem unidades de conteúdo.
> Obviamente se acrescem a esses critérios os recursos ao contexto e à situação, e se admite que o recurso a mais de um critério pode ser até uma ajuda, porque, quando um deles falha, outro pode ser eficiente (NEVES, 2006, p. 6-7)

Estabelecido que este estudo terá uma categorização pautada na conjugação dos critérios ora apresentados, passa-se, na seção seguinte, a estabelecer as categorias adotadas.

2.4. Das categorias adotadas no estudo

Conforme já mencionado, a categorização seguiu, basicamente, a proposta de Neves (2011, 2018). A referida autora, ao apresentar sua obra *Gramática de usos do português*, esclarece que escolheu partir das tradicionais classes de palavras por pensar no leitor ou no consulente comum, pois, mesmo esses não sendo conhecedores do assunto, se precisarem pesquisar, poderão situar-se em suas buscas, para encontrar o que querem saber. Por isso, descreve o funcionamento da língua "levando-se em conta, como ponto de partida, a organização em classes preparada pela tradição da Gramática e da Linguística" (NEVES, 2011, p. 14-15), procedimento que também se adotou aqui, ancorado nas obras de referência há pouco apresentadas. A autora trata tais questões com base em princípios teóricos, que são evidenciados pelo agrupamento das classes em quatro grandes partes. Essas partes se subdividem de acordo com os processos que dirigem a organização dos enunciados para obtenção do sentido do texto: a predicação, a referenciação, a quantificação e a indefinição, e a junção. O objeto eleito para este estudo ocorre nos contextos de predicação, quando funciona como verbo no particípio, como substantivo, como adjetivo e como locução adverbial, e no contexto de junção, quando funciona como conjunção. O contexto de interjeição tem um tratamento singular, uma vez que esta é considerada uma forma avulsa na frase.

Pelo exposto, neste trabalho, assim como em Neves (2011), adotou-se na categorização a nomenclatura tradicional já conhecida dos falantes, porém alguns termos mais específicos são aqui discutidos para fins de clareza da categorização adotada. A seguir, detalham- se as categorias adotadas para classificar a forma *feito*, bem como apresentam-se justificativas para as decisões tomadas.

A. Verbo no particípio

A forma *feito* empregada como verbo no particípio pode ocorrer em três contextos: (i) na formação de tempos compostos da voz ativa, (ii) introduzindo oração reduzida adverbial e (iii) na formação da voz passiva, conforme se passa a detalhar:

A.1 – A forma *feito* empregada como verbo principal ou auxiliado (V2) na formação dos tempos compostos da voz ativa (com os verbos auxiliares *ter* ou *haver*) não se flexiona. Expressa o processo verbal do verbo *fazer*. É responsável pela carga semântica do composto, funciona como verbo principal e se pospõe aos auxiliares *ter* ou *haver*,

que se flexionam em pessoa, em número, em tempo e em modo, como nos exemplos abaixo, extraídos da amostragem:

(19) "[...] o presidente do conselho *tinha feito* o elogio do Humberto [...]." (PE)

(20) "Os donos *tinham feito* um acordo com a embaixada [...]." (PB)

(21) "Muita gente *havia feito* as projeções com base numa administração feita por esse consórcio." (PB)

(22) "Os guerrilheiros *haviam feito* silêncio também." (PB)
(Corpus do Português - DAVIES; FERREIRA, 2006, itálicos da pesquisadora)

Em (19) e em (21), os sujeitos estão na 3ª pessoa do singular e, consequentemente, os verbos auxiliares *ter* (tinha) e *haver* (havia) também, para concordar com os respectivos sujeitos. Já em (20) e em (22), pode-se observar que os verbos auxiliares *ter* (tinham) e *haver* (haviam) flexionam-se para concordar em número e em pessoa com o sujeito; contudo, o particípio *feito* (verbo principal ou auxiliado) permanece invariável, o que atesta seu estágio consolidado de gramaticalização.

A.2 A forma *feito* introdutora de oração reduzida se flexiona em gênero e em número ao concordar com o substantivo a que se refere. Aparece, em geral, iniciando[25] o período ou a oração adverbial (muitas vezes, para dar maior realce à relação temporal, antepõe-se o sintagma preposicional *depois de* (HUBER, 1933)) e, consequentemente, é seguida por um sintagma nominal. Exprime uma circunstância (normalmente de tempo). Neste contexto, o particípio pode se referir a um fato passado (cf. (23)), presente (cf. (24)) ou futuro (cf. (25)).

(23) "*Feito* o balanço, o concerto foi excelente [...]" (PE)

[25] Pode vir precedida, por exemplo, por uma locução prepositiva como em: "Depois de *feito* o balanço pediria um empréstimo à Caixa e iria a Lisboa comprar fazenda" (*Corpus do Português* - DAVIES; FERREIRA, 2006, itálico da pesquisadora).

(24) "E *feito* o negócio o outro avança, dizendo: Grinalda! [...]"[26] (PB)

(25) "Nessa altura, *feito* o levantamento das questões em comissão, ganhará porventura maior oportunidade a aproximação [...]." (PE)
(*Corpus do Português* - DAVIES; FERREIRA, 2006, itálicos da pesquisadora)

Bechara (2009 [1961]) opta por dar um estatuto à parte às reduzidas de qualquer forma nominal. Em nota sobre o conceito de oração reduzida, o autor diz que

> dentro e fora da gramática portuguesa tem sido muito diversificado o conceito de oração reduzida. A opinião mais generalizada, partindo da ideia de que o que caracteriza a relação predicativa é a presença de verbo na forma finita, é que a construção com verbo nas formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) não constitui oração, e, neste caso, é uma subunidade da oração, um termo dela, quase sempre como um adjunto adnominal ou adverbial. Esta maneira de ver se estende até àquelas construções em que vem acompanhada a forma nominal de unidades que, se estivessem numa oração com verbo finito, funcionariam como termo argumental ou não argumental (no caso de papel de adjunto adverbial).
> Outros autores, nestas últimas construções, dão estatuto de orações à parte (nem sempre usando nomenclatura "reduzida") apenas àquelas que encerram infinitivo e gerúndio independentes, considerando as de particípio meros termos oracionais (BECHARA, 2009 [1961], p. 513-514).

Há autores (ROCHA LIMA, 2010 [1957]; CUNHA; CINTRA, 2007 [1985]; CEGALLA, 2020 [1964]) que, como a NGB, consideram, em certos contextos, o particípio como constituinte de oração subordinada adjetiva reduzida de particípio. Nestes casos, o particípio apresenta-se posposto ao substantivo ao qual se refere (valor adjetivo) podendo, inclusive, vir acompanhado por um sintagma preposicional, o agente da passiva (cf. (26) e (27)).

(26) "[...] o convite *feito* há uma semana por Octávio ao treinador de o Benfica [...]." (PE)

(27) "[...] o convite *feito* pelos alemães revela « o reconhecimento da Escola e da sua importância [...]." (PE)
(*Corpus do Português* – DAVIES; FERREIRA, 2006, itálicos da pesquisadora).

---

[26] Esta proposição pode gerar uma ambiguidade se somente for analisada no cotexto, pois pode ser interpretada como um verbo no particípio introduzindo uma oração adverbial reduzida ou como uma conjunção. Neste caso, somente por meio do contexto é possível desfazer a ambiguidade. Por isso a importância de tomar o texto como ponto de partida, de se considerar o contexto situacional.

Entretanto, o fato de a forma *feito* poder se flexionar em gênero e em número como o substantivo a que se refere, aos moldes de um adjetivo, podendo, inclusive, ser desenvolvida como uma oração adjetiva [o convite *que foi feito* …] pode gerar ambiguidade na categorização. Visando a evitar tal problema, neste estudo, adotou-se a proposta de Kury (1999) e de Perini (2021 [2016]), que não reconhecem a oração adjetiva reduzida de particípio[27]. O particípio, neste contexto, é classificado como adjetivo, categorização que também se adotou aqui, por se entender que se está lidando com **função**, independentemente do modo como esta se materializa. Assim, neste estudo, *feito* foi categorizado como uma forma verbal introdutora de oração reduzida apenas em se tratando de orações adverbiais (temporais).

Esclarece-se, contudo, que esta foi uma decisão metodológica, mas que não corresponde à classificação prescrita pela tradição gramatical. Rocha Lima 2010 [1957], Cunha e Cintra 2007 [1985] e Cegalla 2020 [1964], cujos exemplos estão transcritos abaixo, concebem o particípio neste contexto como uma forma verbal introdutora de uma oração subordinada adjetiva reduzida:

> (28) "Hospedaram-se em minha casa uns parentes / *chegados ontem do interior*." (ROCHA LIMA, 2010 [1957], p. 339, itálicos do autor)
>
> (29) "O vento **enfurecido** açoitava a rancharia" (A. Meyer, SI, 15 apud CUNHA; CINTRA, 2007 [1985], p. 510, negrito do autor)
>
> (30) "Esta é a notícia *divulgada pela imprensa*." (CEGALLA, 2020 [1964], p. 413, itálicos do autor)

Apesar de elencar a reduzida de particípio na classe das orações adjetivas reduzidas, em uma seção de observação, Cegalla (2020 [1964], p. 414) diz que "em muitos casos, os particípios são meros adjetivos, devendo ser analisados, conforme o caso, como adjuntos adnominais ou predicativos", respectivamente ilustrados por estes exemplos:

> (31) São dez alunos *aprovados*. → adjunto adnominal

[27] Em sua concepção, só há orações adjetivas reduzidas, sem conectivo e com forma nominal, com o infinitivo ou com o gerúndio, jamais com o particípio. Sua proposta é que a oração adjetiva reduzida de particípio não existe. Os argumentos adotados por esses autores para justificar a proposta serão apresentados na sequência desta seção.

(32) Vi *jogada* no chão a minha blusa verde. → predicativo do objeto
(CEGALLA, 2020 [1964], p. 414, itálicos do autor)

Perini (2021 [2016]) refuta a classificação de oração adjetiva reduzida, apoiando-se na questão da valência verbal. Argumenta que cada verbo tem uma valência própria, que funciona, independentemente, em qualquer que seja a forma flexional assumida, sem consideração do tempo, do modo, da pessoa ou do número em que esteja, inclusive, no infinitivo e no gerúndio. Em defesa de sua tese, o autor alega que o particípio que admite a flexão de número e de gênero "não é uma forma verbal, não é núcleo de uma oração; por conseguinte, não existem em português orações de particípio. [...] Trata-se de um nominal, um tipo do que tradicionalmente se denomina 'adjetivo'" (PERINI, 2021 [2016], p. 268).

Como já citado, outro estudioso que também discorda da proposta de classificação de oração adjetiva reduzida de particípio é Kury (1999). O autor destaca que há quem aponte a existência dessas orações e apresenta três exemplos expostos, a seguir, para, a partir deles, contestar tal posição.

(33) "Uma senhora magra, minha indistinta mãe, tentou com desespero fechar uma porta *balançada* pela ventania." (Gr. Ramos, inf., 10. *apud* KURY, 1999, p. 97, itálico do autor);

(34) "Havia alguns homens *agachados* em redor de um fogo que enchia o cárcere de fumaça." (Id., VS, 45. *apud* KURY, 1999, p. 97, itálico do autor);

(35) "Acudiam cartas do nosso arcebispo a miúde, *escritas* com muito calor, e pedindo a Sua Santidade declarasse a preeminência." (Said Ali, loc. cit. *apud* KURY, 1999, p. 97, itálico do autor).

Kury (1999) argumenta que é inadmissível considerar o particípio nessas frases como oração adjetiva reduzida, pois, pelo seu valor adjetivo, deve ser analisado como simples adjunto adnominal porque não tem sujeito próprio. O autor acrescenta que,

> mesmo quando é mais acentuado o valor verbal do particípio, persiste a falta de sujeito próprio o que aconselha a sua análise como adjunto:
>
> "Dir-se-ia que era o arcanjo das batalhas, mandado por Deus para salvar Teodomiro" (Herculano, Eur., cap. X)

> Para considerá-los orações, apelam alguns para uma elipse um tanto forçada: "que fora balançada pelo vento"; "que estavam agachados em redor do fogo"; "que eram escritas com muito calor"; "que fora mandado por Deus". Nesse caso, porém, já não seriam orações reduzidas, uma vez que, desfeita a suposta elipse, aparecem um relativo e um verbo de ligação em forma finita.
> A NGB é omissa quanto a este assunto (KURY, 1999, p. 97).

Neste estudo, tomou-se a decisão metodológica pela adoção de o particípio não ser considerado um verbo, nesses casos, por se considerar um contexto maior de análise, na verdade, por se priorizar a interação comunicativa, a função do emprego da forma linguística. Na interação, ao usar o particípio nessas circunstâncias, o falante não está focando no processo verbal, antes está pensando em delimitar o substantivo a que o particípio se refere.

Desse modo, conforme já anunciado, o particípio *feito*, nessas circunstâncias, foi analisado, neste estudo, como pertencente à classe dos **adjetivos**, sendo passível de sofrer flexão de número e de gênero ao concordar com o substantivo a que se refere. Em suma, nesta pesquisa, somente se considerou o particípio *feito* fazendo parte de uma **oração reduzida**, se esta se tratasse de uma oração reduzida **adverbial**.

A.3 A forma *feito* empregada como verbo no particípio na formação da voz passiva (analítica) também se flexiona em gênero e em número ao concordar com o substantivo a que se refere e exprime a passividade. A flexão modo-temporal é indicada pelo verbo auxiliar. A perífrase verbal da voz passiva indica que o sujeito gramatical recebe/sofre a ação expressa pelo verbo principal, ou seja, o sujeito é paciente. Normalmente exprime o produto/resultado de uma ação acabada (passado) (cf. (36)), mas pode exprimir também uma ação que está ocorrendo (presente) (cf. (37)) ou que está por vir (futuro) (cf. (38)):

(36) "O convite *foi feito* por Menem a FHC no dia 8 de outubro [...]." (PB) (Itálicos da pesquisadora)

(37) "O trabalho *é feito* por muitas pessoas. Tenho advogados consorciados e pode haver equívocos." (PB) (Itálicos da pesquisadora)

(38) "O julgamento da minha actuação *será feito* pelos meus pares [...]". (PE) (Itálicos da pesquisadora)

Nesses contextos, o objeto de estudo forma com o verbo auxiliar *ser* os tempos da voz passiva de ação. Outros verbos, além do verbo *ser*, podem ser empregados como auxiliares para compor a voz passiva, como o *ficar* (resultativa), por exemplo (cf. (39)). Quando o auxiliar do particípio é o verbo *estar*, tem-se a voz passiva de estado (cf. (40)).

> (39) "[...] declarou mais tarde que as suas palavras tinham sido mal interpretadas, mas o aviso *ficou feito*." (PE) (Itálicos da pesquisadora)

> (40) "O convite *está feito*. Estamos esperando muitos casais para aprender a dançar tango [...]." (PB) (Itálicos da pesquisadora)

No contexto de voz passiva, quer de ação, quer de estado, quer de mudança de estado, o particípio se flexiona em gênero e em número, concordando, pois, com o núcleo do sujeito, conforme ilustram estes exemplos, extraídos dos dados:

> (41) "[...] os fotolitos *foram feitos* na Suíça e as cópias na gráfica Posigraf, em Curitiba." (PB) (Itálicos da pesquisadora)

> (42) "Além disso, a compra *foi feita* diretamente entre cada policial e as empresas, com cheques pré-datados [...]." (PB) (Itálicos da pesquisadora)

> (43) "Um total de 26.798 chamadas telefônicas *foram feitas* num período de observação de 14 meses." (PB) (Itálicos da pesquisadora)

Tal como observado na categorização da forma de particípio como introdutora de orações adjetivas reduzidas, alguns autores também não consideram o particípio no contexto de voz passiva como uma forma verbal, já que sofre flexão. Perini (2021 [2016]), para quem o "particípio se parece mais com um nominal (um adjetivo) do que com uma forma verbal" (p. 267), destaca a irregularidade semântica como mais um traço que distingue o particípio (nominal) das formas do lexema verbal.

> Dentro do lexema verbal as relações semânticas são inteiramente sistemáticas; assim, as diferenças semânticas entre bato, batia e batendo são exatamente as mesmas para corro, corria, correndo ou para sou, era, sendo, e assim por diante. No entanto, isso não vale para o particípio, que tem um significado frequentemente imprevisível a partir do significado do verbo. Por exemplo, batido evoca o resultado de um evento

> (um carro batido); sabido é a pessoa que sabe, não necessariamente o resultado de um evento de saber, ao passo que conhecido é o resultado de um conhecimento, nunca uma pessoa que conhece (PERINI, 2021, p. 268).

Bagno (2012), por seu turno, categoriza o particípio segundo traços categoriais. Considera que a classificação está sempre condicionada, principalmente, ao verbo auxiliar. Assim, se o particípio forma um tempo composto com os verbos auxiliares *ter* e *haver*, na voz ativa, ele não se flexiona, mas, se forma uma locução, por exemplo, com os verbos *ser*, *estar* e *ficar*, na voz passiva, flexiona-se. Conforme defende, é a flexão que aponta se o particípio é /+verbo/ ou /+nome/. "Quando é /+verbo/, ele não se flexiona (tenho **comprado**); quando é /+nome/ recebe marcas de gênero e número e pode sofrer derivação de grau (*estou acabad**a***; *ficamos emocionad**íssimas***)" (p. 720-721).

Visão semelhante tem Azeredo (2021), para quem o particípio somente é uma forma genuinamente verbal quando precedido de *ter* ou de *haver* na formação dos tempos compostos da voz ativa e, por isso, constitui a predicação de um sujeito "agente" (cf. (44)). O autor acrescenta que, quando flexionado em gênero e em número, compartilha propriedades morfossintáticas com o adjetivo, podendo ocorrer em contextos muito variados, em funções que caracterizam o termo a que se referem como "paciente" (cf. (45)) ou como "ser afetado" (cf. (46)).

(44) "Meu pai tinha *pintado* a parede"

(45) "A parede foi *pintada*/Levaram o preso *algemado*"

(46) "O pianista ficou *emocionado*"
(AZEREDO, 2021, p. 377, itálicos do autor)

Na subseção intitulada "Particípio e adjetivo", Azeredo (2021) diz que o agrupamento feito pela tradição gramatical das "'formas em -do' provenientes de verbo sob o rótulo geral 'particípio' gera, frequentemente, esta pergunta: até que ponto o particípio variável em gênero e número deve ser considerado uma forma de verbo e não uma espécie de adjetivo?" (p. 378). Explica que os que incluem o "particípio variável" na classe dos verbos e não dos adjetivos consideram o fato de os verbos variarem não somente em tempo-modo e número-pessoa, mas também em voz. No entanto, o autor acredita que tal consideração é incoerente, uma vez que é tributária do modelo das gramáticas do latim clássico, língua em que o verbo apresentava uma

flexão de voz. E argumenta que a língua portuguesa, desde sua origem no latim vulgar, desconhece tal flexão. Inclusive, argumenta que a incoerência da classificação do "particípio variável" na classe dos verbos pode ser justificada pelo fato de as formas em -vel, apesar de terem muito em comum com os "particípios variáveis", serem consensualmente classificadas como adjetivos.

Em síntese, Azeredo (2021) conclui que

> existe uma forma denominada 'particípio' que integra o paradigma verbal e se identifica por uma dupla caracterização: é morfologicamente invariável e vem sempre combinada com o verbo auxiliar ter/haver na formação dos chamados tempos compostos. A forma flexionável em gênero e número que encontramos na construção passiva (A parede foi *pintada* por meu pai), por sua vez, é uma variedade de adjetivo deverbal (ou adjetivo participial), criado a partir do tema do verbo mediante o acréscimo do sufixo '-do', e apto a exercer uma variedade de papéis, ora integrado ao SN (adjunto adnominal), ora externo a ele (predicativo) (AZEREDO, 2021, p. 380)

No entanto, cabe destacar que, apesar de o autor acreditar ser incoerente incluir o "particípio variável" na classe dos verbos, ele atesta a alta regularidade da correspondência entre as construções do par voz ativa/voz passiva a exemplo de: "Ana guardou as joias/As joias foram guardadas por Ana" (AZEREDO, 2021, p. 378). E diz que "tal regularidade é comprovada, ademais, no fato de que o particípio preserva ou herda as propriedades semânticas e os constituintes que cercam o verbo que lhe serve de base" (AZEREDO, 2021, p. 378). Acrescenta que,

> ratificando esse ponto de vista, todas as gramáticas escolares reservam, no capítulo dedicado à morfologia do verbo, uma seção em que é apresentada a "conjugação da voz passiva". Esta prática está amparada na análise de voz - ou diátese – como uma categoria expressa por meio de um processo flexional. Ou seja, se se entende que a diferença entre *Ana guardou as joias* e *As joias foram guardadas por Ana* é indicada, entre outras coisas, por uma relação flexional entre guardou e guardadas, é necessário atribuir a mesma classe às duas formas (AZEREDO, 2021, p. 378).

Azeredo (2021), em nota, ainda cita o trabalho *Sintagma adjetival y sintagma verbal. La relación entre adjetivo y participio* [BOSQUE e DEMONTE: 1999: 276-304] em que o linguista espanhol Ignácio Bosque desenvolve uma análise detalhada do tema a favor da permanência do particípio variável na classe dos verbos. Vê-se, pois, que a categorização é controversa, tornando-se necessário, mais uma vez, a tomada de uma decisão metodológica.

Diferentemente de Azeredo (2021) e de Perini (2021 [2016]), neste estudo, em contextos de voz passiva, a forma participial é categorizada como verbo principal, visto que, além de se acreditar na gradiência e na fluidez das classes, o aporte teórico escolhido corrobora tal posicionamento. Neves (2011), ao tratar dos verbos auxiliares de voz, mostra que a locução

verbal de voz passiva é formada com o verbo *ser* e o particípio do outro verbo. Inclusive, entre os exemplos que apresenta, há um com o objeto de estudo desta dissertação: "O pagamento SERÁ FEITO antecipadamente" (FSP *apud* NEVES, 2011, p. 65, grifo da autora).

B. Substantivo

A forma *feito* empregada como substantivo se flexiona em gênero e em número, pode ser precedida por determinantes e por modificadores (estes, normalmente, sucedem o substantivo) com os quais constitui os argumentos do verbo, ou seja, *feito* é o núcleo do sintagma nominal. Serve para denominar um fato, um acontecimento, uma realização e estabelece uma relação sinonímica com as palavras *façanha*, *obra* etc., conforme ilustram estes exemplos do *corpus*:

> (47) "O *feito* mais nobre tem apenas uma influência temporal, enquanto a obra de gênio vive [...]." (PB)
>
> (48) "No seu palmarés consta ainda o *feito* notável - foi o único jogador português a consegui-lo - de se sagrar campeão europeu [...]" (PE)
>
> (49) "[...] escrevem um livro em jeito de epopeia narrando-lhe os *feitos* valorosos, como esse de roubar flores e depois fugir à polícia, [...]" (PE)
> (*Corpus do Português* - DAVIES; FERREIRA, 2006, itálicos da pesquisadora)

C. Adjetivo

Assim como o substantivo, a forma *feito* empregada como adjetivo se flexiona em gênero e em número. Modifica, especifica e/ou atribui uma propriedade, uma característica ao substantivo (ou ao sintagma nominal) com o qual concorda, classificando-o ou qualificando-o.

C. 1 Adjetivo classificador

Feito funciona como um adjetivo classificador quando coloca o substantivo numa determinada subclasse semântica, trazendo em si uma indicação objetiva sobre essa subclasse. Nesse caso, pode, a depender do contexto de uso, apresentar várias acepções semânticas:

realizado, *efetuado*, *terminado*, *pronto*, *maduro*, *adulto*, *confeccionado* etc. É empregado posposto ao substantivo (ao SN) com o qual concorda em gênero e em número, como se observa nos exemplos (50), em que *feito* pode ser parafraseado por *preparado*, *produzido*, em (51), em que *feito* pode ser parafraseado por *produzido*, e em (52), em que *feito* pode ser parafraseado por "maduro", "adulto".

> (50) "Use repelente *feito* com 1 litro de álcool, 1 vidro de óleo de nenê, 1 pte. de cravo de a Índia."[28] (PB)
>
> (51) "Tentamos nos equilibrar em meio ao desequilíbrio de nosso dinheiro fictício *feito* evidentemente por moedeiros falsos. (PB)
>
> (52) "Hoje, 24 anos depois de teres nascido, és um homem *feito*." (PE)
> (*Corpus do Português* - DAVIES; FERREIRA, 2006, itálicos da pesquisadora)

Cabe destacar que Huber (1933, p. 213) afirma que "muitos particípios passaram a adjectivos" e, Neves (2018), por sua vez, aponta alguns particípios regulares e irregulares que podem ser usados também como adjetivos, listando algumas formas provindas de particípios irregulares que se usam apenas como adjetivos. Apesar de a forma *feito* não constar nas listagens, há na língua portuguesa um uso de *feito* como adjetivo com uma significação diferente da que cabe na definição de Camara Jr. (2007 [1985])[29]. Tal significação se refere ao uso de *feito* que pode ser parafraseado, por exemplo, pelos adjetivos *maduro* (cf. 52) e *pronto* (cf. 53), a seguir:

> (53) "[...] onde manda servir dois pratos de comida do famoso PF (Prato *Feito*) - arroz, feijão, bife e ovo…" (PB) (Itálico da pesquisadora)

C. 2 Adjetivo qualificador

---

[28] Este exemplo é considerado por alguns autores como sendo formado por uma oração adjetiva reduzida, que sendo transformada em desenvolvida ficaria assim: "Use repelente que foi feito com 1 litro de álcool [...]". No entanto, o particípio, nesse contexto, conforme já justificado, é tratado neste estudo como adjetivo.

[29] Exprime um processo verbal, enquanto serve de adjunto (v.) a um substantivo, como ocorre em (37) "Use repelente feito com 1 litro de álcool, 1 vidro de óleo de nenê, 1 pte. de cravo de a Índia.", repetido aqui para comodidade do leitor).

Feito funciona como um adjetivo qualificador quando é um atributo dado ao substantivo (ao SN) que é núcleo do sujeito ou do objeto, indicando uma propriedade que não necessariamente compõe o feixe das propriedades que definem o substantivo a que se refere. É empregado posposto a um verbo de ligação (geralmente o *estar*). Exerce a função sintática de predicativo (do sujeito ou do objeto). Nessa circunstância, estabelece uma relação sinonímica com as palavras *bem-arranjado*, *bem-sucedido*. Normalmente, se usa a expressão *estar feito* para dizer que alguém teve sorte, sucesso, êxito, que recebeu algum benefício. Equivale à expressão popular *se dar bem*, como nos exemplos (54) e (55), retirados dos dados.

(54) "Se for traduzido em inglês ainda, o garoto está *feito.*" (PB)

(55) "Ia estudar a organização de hospitais de crianças. Estava *feito* na vida." (PB)
(Itálicos da pesquisadora)

Cabe destacar aqui mais uma vez a importância da função, da conjugação de critérios e de se conceber o texto na interação, pois retomando o exemplo (40), repetido aqui para comodidade do leitor: "O convite *está feito*. Estamos esperando muitos casais para aprender a dançar tango [...].", não se pode classificar a forma *feito* considerando somente a forma e a distribuição, pois a construção é a mesma [*está feito*], logo somente na interação, considerando o contexto, é possível captar e descrever o padrão de comportamento dessa unidade linguística.

Said Ali (1969), ao tratar da gradação dos advérbios, expõe que há adjetivo-particípio. O autor menciona algumas expressões participiais dentre as quais se encontram *bem feito* e *mal feito*. Ele diz que

> se os termos bem e mal não constituem um todo com o adjetivo-particípio, fazem no comparativo melhor e pior; porém esta distinção teórica nem sempre se observa na prática, empregando-se freqüentemente mais bem, e sobretudo mais mal, onde deveria estar melhor, pior [...] (SAID ALI, 1969, p. 100).

Com isso, constata-se o uso da forma *feito* funcionando como adjetivo ("adjetivo-particípio") e compondo uma construção com os termos *bem* e *mal* (cf. (56) e (57), respectivamente), ou seja, a depender do contexto linguístico e da intencionalidade do falante, o adjetivo *feito* virá anteposto do advérbio *bem* ou do advérbio *mal*. A partir dessa observação, reitera-se, mais uma vez, que é primordial observar o contexto, pois *feito*, quando combinado sintagmaticamente com os advérbios *bem* ou *mal*, pode se classificar como adjetivo modificado

por advérbio (cf. (56) e (57)), ou integrar um composto nominal, a partir de recursos de derivação imprópria (cf. (58) e (59)). Nessa combinação sintagmática pode, inclusive, funcionar como uma interjeição, conforme exposto mais adiante.

(56) "Se quer o serviço *bem feito* empreste-lhe dinheiro para comprar uma cavalgadura." (PE)

(57) "O mundo era mal *feito*." (PE)

(58) "O Bem *feito* nunca é demais." (PB)

(59) "Agora querem fazer crer que uma homenagem irá apagar o mal *feito*... NUNCA!!" (PB)
(C*orpus do Português*, itálicos, da pesquisadora)

Bechara (2009), ao abordar o emprego do hífen[30], faz uma observação acerca dos compostos com o advérbio *bem* e cita o composto *bem-feito* como adjetivo. O autor diz que "em muitos compostos o advérbio *bem* aparece aglutinado ao segundo elemento, quer este tenha ou não vida à parte quando o significado dos termos é alterado: [...] benfeito [subst..] (=benefício); cf. bem-feito [adj.] = feito com capricho, harmonioso, e bem-feito! [interj..] [...]" (BECHARA, 2009, p. 97).

Dessa forma, *feito* funcionando como adjetivo pode também vir precedido dos advérbios *bem* e *mal* formando um todo, um composto, como explicam Said Ali (1969) e Bechara (2009). Nesses casos, a forma pode sofrer flexão de gênero e de número, conforme os exemplos abaixo.

(60) "Nove corpinhos *bem feitos*. A decoração também é divertida." (PE)

(61) "[...] mas faziam obras *bem feitas* e obras importantes - umas em pedra, outras em muitas coisas [...]" (PE)

(62) "[...] abusando do xadrez nos seus casacos de casimira *mal feitos*." (PB)

---

[30] Não é objetivo deste estudo tratar da questão do hífen. Somente foi feita uma contextualização a fim de apresentar o ponto de vista de Bechara acerca do uso da composição advérbio (*bem/ mal*) mais *feito*.

(63) “Isso é mais uma das coisas *mal feitas* neste país [...].” (PE)
(*Corpus do Português* - DAVIES; FERREIRA, 2006. (Itálicos pesquisadora)

D. Locução adverbial

O advérbio e a locução adverbial funcionam como satélites de um núcleo (predicado), ou seja, são palavras periféricas. Em geral, são periféricas em um enunciado, incidindo sobre a oração, ou sobre a proposição. Pela natureza da classe, são invariáveis. A forma *feito*, neste contexto de uso, é empregada em uma relação sinonímica com a palavra *fato* e é antecedida pela preposição *de* com a qual forma a locução. A locução adverbial *de feito* é um modalizador, ou seja, expressa o julgamento do falante acerca da validade e do valor de verdade do seu enunciado. Seu uso é, assim, “uma estratégia para marcar essa atitude do falante em relação ao que ele próprio diz” (NEVES, 2011, p. 244). Exemplos:

(64) “[...] serestas de violas, onde eu pudesse cantar *de feito*.” (PE)

(65) “*De feito*, concluem que nada lhes resta senão conformarem-se a a perseguição entregando-se [...].” (PE)
(*Corpus do Português* - DAVIES; FERREIRA, 2006, itálicos da pesquisadora)

E. Conjunção

A forma *feito* empregada como conjunção é invariável, assim como todos os demais itens da classe, e tem a função de unir orações. *Feito* conjuncional é empregado somente em construções comparativas não correlativas, ou seja, quando não há nenhum elemento da oração principal marcado por quantificação relativa. Encabeça uma oração, tradicionalmente denominada subordinada adverbial comparativa[31], e é indicador de comparação de igualdade. Além disso, é usado com a mesma acepção de *como*, *tanto quanto* e *tal qual*.

Conforme esclarece Neves (2011, p. 902), em “comparação entre **sintagmas nominais** referentemente a um **sintagma adjetivo**, ou a um **sintagma adverbial** que qualifique o modo

[31] Neves (2011) mantém essa denominação de subordinação para facilitar a consulta dos leitores de sua obra, entretanto, diz que tal denominação pode refletir uma ignorância do estatuto que possuem as orações que são satélites adverbiais, em oposição às orações tradicionalmente denominadas substantivas e a algumas das adjetivas.

do evento, o segundo termo se inicia [...] por *COMO*, *TANTO QUANTO* ou *TAL QUAL*, se o **adjetivo** ou o **advérbio** não é intensificado". E, tal qual essas formas, a forma *feito* apresenta o mesmo funcionamento: inicia o segundo termo, se o adjetivo ou o advérbio não é intensificado. Normalmente, a oração comparativa iniciada por *feito* apresenta elipse do sintagma verbal (tendência de toda oração comparativa) e também pode apresentar elipse do sintagma adjetival ou do sintagma adverbial, conforme ilustrado, a seguir, por alguns dos dados da amostragem:

(66) "Ele deve perceber que chego numa cidadezinha dessas *feito* cachorro que ficou preso muito tempo e sai farejando paredes e cantos." (PB)

(67) "Virá alegrar aqui o Grotão, que está *feito* casa assombrada [...]." (PB)

(68) "Cecília, não atrapalhe! Já está você aí *feito* cobra magnetizando pintos! - E as senhoras *feito* devotas diante da Santíssima Trindade!" (PB)
(Itálicos da pesquisadora)

Com base no que explica Azeredo (2021) sobre as variedades de formas que o raciocínio comparativo pode se manifestar, a tradicionalmente chamada "oração subordinada comparativa" é a forma na qual a comparação é expressa por um recurso tipicamente gramatical: a conjunção comparativa, a exemplo de *feito* juntivo. O autor diz que

> em sua realização mais explícita, o raciocínio comparativo opera com quatro elementos: o termo comparado (a), o termo comparante (b), o objeto da comparação (c) e o produto informado (d). [...] Do ponto de vista da interação, porém, o mais importante é o efeito de sentido, a informação que o próprio enunciador trata como prioritária. [...] Esta informação pode estar explícita, mas comumente é produzida por inferência, daí sua força argumentativa (AZEREDO, 2021, p. 370).

Kortmann (1994 *apud* OLIVEIRA, 2014), pautando-se em uma série de questões que nem sempre são consideradas na definição tradicional de conjunção adverbial, destaca a necessidade de se adotar um conjunto de critérios que conjugue "forma, função e todas as conexões que a conjunção adverbial faz com outros domínios" (OLIVEIRA, 2014, p. 51). Assim, o autor elenca os seguintes critérios definidores das conjunções adverbiais:

(i) são formas não flexionáveis. Não estão sujeitas à marcação de caso, número e gênero, o que as distingue de pronomes relativos;

(ii) atuam sobre uma oração que funciona como um adjunto (geralmente finita);

(iii) não assumem funções argumentais de sujeito/objeto na oração em que participam;

(iv) assumem uma posição fixa na margem da oração;

(v) não pertencem a um determinado registro ou modalidade da língua.

Analisando os exemplos (66), (67) e (68), constata-se que a forma *feito* funcionando como conjunção enquadra-se nos critérios definidores das conjunções adverbiais elencados por Kortmann (1994 *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 51).

F. Locução interjetiva

De acordo com Neves (2018, p. 1119), a interjeição é uma "classe de palavras que tem um estatuto singular". As palavras dessa classe são invariáveis e exprimem "sentimentos, emoções, sensações, reações, compondo, sozinhas, peças comunicativas" (p. 1120).

> A INTERJEIÇÃO é, de fato, uma peça avulsa na frase. Tal como o vocativo, ela não é propriamente um termo da oração, não pertencendo nem ao predicado nem ao sujeito. Em geral, é uma peça do texto absolutamente ligada à interlocução, ou seja, à expressividade do falante na troca linguística entre ele e o(s) outro(s) participante(s) da fala.
> A INTERJEIÇÃO constitui, mais caracteristicamente, dentro do ato comunicativo, uma expressão de sentimentos, emoções ou reações, feita de um modo global, ou seja, com apenas uma palavra ou uma expressão (função de exteriorização psíquica, função de apelo, função expressiva etc.) (NEVES, 2018, p. 1124).

A forma *feito*, quando combinada sintagmaticamente com o advérbio "bem", pode ainda formar outra classe de palavras: a interjeição perifrástica. Funcionando como uma locução interjetiva, expressa o prazer que o emissor sente ao ver ou ao saber que alguém se prejudicou, não obteve sucesso em algo, conforme ilustram estes dados:

(69) "E ela nem teve o gosto de dizer: - *bem feito*, você recebeu o pago merecido! - Pois foi caída pra lá e tamancada." (PB)

(70) "'Também quem manda ela me provocar, me irritar. *Bem feito*'. Lembrou-se do que acontecera junto da grande árvore, entre ela e o rapaz [...]." (PB)

(71) "*Bem feito*_pra Dodee, ninguém mandou se meter onde não foi chamada." (PB) (Itálicos da pesquisadora)

Estabelecida a categorização adotada no estudo e justificadas as decisões metodológicas que a fundamentaram, antes de se expor os procedimentos de quantificação e análise adotados, apresenta-se, a seguir, um quadro no qual se sumarizam e se combinam os critérios e as categorizações da forma *feito*:

Quadro 1: Critérios utilizados na categorização da forma *feito*

CATEGORIZAÇÃO DE *FEITO*				
CLASSE / CRITÉRIO	FUNCIONAL	MORFOLÓGICO	SINTÁTICO	SEMÂNTICO
VERBO NO PARTICÍPIO	A forma *feito* funciona como verbo principal. É responsável pela carga semântica do composto. É responsável por expressar ação.	É invariável.	Ocupa a posição de V2, vindo posposta ao auxiliar (V1).	Expressa o processo verbal do verbo *fazer*.
	A forma *feito* introduz oração reduzida adverbial. É responsável por expressar ação.	Varia em gênero e em número.	Inicia uma oração subordinada/ antepõe-se ao SN com o qual concorda	Exprime circunstância (normalmente de tempo) e expressa o processo verbal de *fazer* (ação).
	A forma *feito* funciona como verbo principal. É responsável por expressar ação. Atribui	Varia em gênero e em número.	Ocupa a posição de V2, vindo posposta aos auxiliares *ser* e *estar*. Pode vir acompanhada por um	Exprime o produto/resultado de uma ação acabada.

	propriedades ao substantivo que se refere.		sintagma preposicional, o agente da passiva.	
SUBSTANTIVO	A forma *feito* é usada para identificar, representar, serve para nomear uma ação, um fato ou um acontecimento.	Varia em gênero e em número.	Ocupa a posição de núcleo do sintagma nominal, podendo vir acompanhada de determinantes ou de modificadores.	Nomeia um evento, mantendo relação sinonímica com os substantivos *façanha* e *obra.*
ADJETIVO	A forma *feito* tem função de modificador ou de especificador nominal.	Varia em gênero e em número.	Vem posposta ao núcleo nominal, funcionando como termo adjunto, ou ao verbo de ligação, funcionando como termo predicativo.	Ao modificar ou especificar um nome, atribui-lhe qualidade (ou classifica-o).
LOCUÇÃO ADVERBIAL	*De feito* pode modificar verbos, adjetivos, outros advérbios ou sentenças inteiras.	É invariável.	Dada sua natureza adverbial sua posição é variável na oração.	Expressa a atitude do falante frente ao dito, incluindo um grau de certeza, um valor de verdade (modalizador).
CONJUNÇÃO	A forma *feito* tem função conectiva, unindo duas orações.	É invariável.	Inicia uma oração subordinada.	Traduz uma comparação de igualdade.
INTERJEIÇÃO	A locução *bem feito* serve para expressar	É invariável.	Este composto é um termo avulso na frase,	Denota o prazer que o emissor sente ao ver ou ao

	sentimento ou posicionamento do falante, impingindo uma fronteira tênue entre a função interjetiva e a modalizadora.		que não exerce nela nenhuma função sintática.	saber que alguém se prejudicou ou não obteve sucesso em algo.

Fonte: Elaboração própria

2.5. Dos procedimentos de análise dos dados

Os dados coletados foram categorizados segundo os critérios estabelecidos e descritos na subseção anterior. Uma vez categorizados, realizou-se a computação e a quantificação manual das formas, para se obter a frequência absoluta por categoria nas duas variantes de português selecionadas para o estudo. A frequência relativa foi calculada por meio de regra de três simples.

Após o levantamento percentual das categorias gramaticais da forma *feito*, realizou-se um cotejo com os dados de Brasil e de Portugal para se conhecer a produtividade dos usos nas duas variantes, de modo a verificar se procede (ou não) a informação posta em alguns dicionários de que a forma *feito* juntiva é um uso característico da variante brasileira.

Visando a dar conta do deslizamento funcional da forma em estudo, bem como a sanar a lacuna acerca da polissemia, recorreu-se aos dicionários etimológicos para se descobrir os étimos e, consequentemente, o sentido primário da forma *feito*, e aos dicionários histórico e contemporâneos para se conhecer as acepções lexicográficas e tentar identificar, assim, eventuais deslizamentos semânticos e funcionais.

CAPÍTULO 3
O OBJETO DE ESTUDO: A FORMA *FEITO*

Neste capítulo, apresenta-se uma resenha das obras que abordam o objeto de estudo desta pesquisa, qual seja, a forma *feito*. Na seção 3.1, apresenta-se o estado da arte sobre o objeto de estudo, a partir de obras de referência histórica, normativa, descritiva e pedagógica. Estudos que atestam outras funções de *feito* além da prototípica (verbo no particípio) foram descritos. Na seção 3.2, as categorias gramaticais primeiras, isto é, as classes de palavras desempenhadas inicialmente pela forma *feito* foram identificadas no dicionário e no vocabulário mais antigos da língua portuguesa de que se tem registro e em todos os dicionários consultados: etimológicos e contemporâneos. Em seguida, as categorizações nos dicionários etimológicos e no vocabulário *Portuguez e latino* foram comparadas com as categorizações nos dicionários contemporâneos, a fim de se averiguar se todos os usos de *feito* são provenientes do mesmo étimo, o que atesta o caráter polissêmico da palavra e demonstra, por conseguinte, sua natureza multifuncional.

3.1. A forma *feito* nas obras de referência histórica, normativa, descritiva e pedagógica

Segundo a tradição gramatical, a forma *feito* é o particípio passado do verbo *fazer* e, portanto, uma de suas formas nominais. São assim chamadas, porque, ao lado do seu valor verbal, podem desempenhar funções nominais. "Caracterizam-se todas por não poderem exprimir por si nem o tempo nem o modo. O seu valor temporal e modal está sempre em dependência do contexto em que aparecem" (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 496 [1985]). Elas se formam a partir do tema (radical + vogal temática) acrescido das desinências, no caso do particípio, -do (ou -to, -so) (BECHARA, 2009 [1961]).

A forma de particípio, que é objeto desta pesquisa, caracteriza-se por apresentar o resultado do processo verbal, além de acumular as características de verbo com as de adjetivo. Em certos casos, pode, tal qual os adjetivos, receber as desinências de feminino (-a) e de plural (-s) (CUNHA; CINTRA, 2008 [1985]). Como conceitua Rocha Lima (2010, p. 167 [1957]), "o particípio tem valor e forma de adjetivo: modifica substantivos com os quais concorda em gênero e número; apresenta o feminino em -a, e o plural em -s".

Bechara (2009, p. 229 [1961]) explica que "existe grande número de verbos que admitem dois (e uns poucos até três) particípios: um regular, terminado em -ado (1ª conjugação) ou -ido (2ª e 3ª conjugação), e outro irregular". O autor ensina que alguns particípios irregulares

são provenientes “do latim ou de nome que passou a ter aplicação como verbo, terminado em -to, -so ou criado por analogia com modelo preexistente” (BECHARA, 2009, p. 229 [1961]). O objeto de estudo desta pesquisa é um exemplo de particípio irregular proveniente do latim.

Nessa língua, havia os particípios fracos e fortes. O particípio fraco é o que hoje é classificado no português como particípio regular, e o forte, como irregular. Como esclarece Cardeira (2021),

> o português conservou esta dualidade latina (particípios fortes e fracos, ou irregulares e regulares respectivamente). Mais do que conservar as formas latinas, o português elaborou novos particípios e, devido ao facto de se terem criado, no português, paralelamente, formas fracas e fortes com a mesma função participial, o uso de umas e outras foi, primeiro, alternando nos mesmos contextos e depois, ganhando especificidades, significados e contextos próprios, de tal forma que, atualmente, as formas duplas não são verdadeiros sinónimos. Note-se que a tendência regularizadora do latim vulgar já tinha conduzido a que se formassem formas fracas ao lado das fortes (CARDEIRA, 2021, p. 139).

Assim sendo, no português atual, a existência de particípios fortes paroxítonos, como é o caso da forma *feito*, deve-se à sobrevivência de particípios latinos fortes paroxítonos: FACTU- > *feito* (CARDEIRA, 2021; COUTINHO, 1962 [1938]; HUBER, 1933). Por conseguinte, o verbo *fazer*, assim como alguns outros verbos da 2ª e da 3ª conjugações, possui apenas particípio irregular; nunca conheceram a forma regular em -ido (ROCHA LIMA, 2010 [1957]; CUNHA; CINTRA, 2008 [1985]).

De acordo com Said Ali (1964 [1931]), o verbo *fazer*, desde o começo do idioma português, respeitou a formação latina, ficou livre do processo nivelador da formação da forma de particípio, uma vez que a regra geral para o formar a partir do pretérito era mudar a terminação -er do infinitivo em -ido, mas para o verbo *fazer* sempre só existiu o particípio *feito*, jamais houve “fazido”.

A gramática normativa trata a forma *feito* como uma forma de particípio que pode aparecer nos seguintes contextos linguísticos: (72) na formação de tempo composto, (73) na formação de voz passiva e (74) introduzindo orações reduzidas de particípio, como exemplificado, respectivamente, a seguir.

> (72) “**Tenho feito** exercícios.” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 409 [1985], negrito do autor)

(73) “Exercícios **foram feitos** por mim.” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 409 [1985], negrito do autor)[32]

(74) “*Feito isto*, podem sair.” (CEGALLA, 2020, p. 414 [1964], itálicos do autor)

A maioria dos gramáticos selecionados como fonte de consulta para este estudo (ROCHA LIMA, 2010 [1957]; BECHARA, 2009 [1961]; CEGALLA, 2020 [1964] CUNHA; CINTRA, 2008 [1985]) classifica a forma *feito* como verbo (particípio passado irregular). Cegalla é o único dos autores consultados que, além de classificá-la como verbo, a inclui no rol das conjunções comparativas (cf. figura 6), apresentando, inclusive, este exemplo: (75) “Por que ficou me olhando assim *feito* boba?” (C. Drummond de Andrade). Cabe destacar que o autor expõe a forma *feito* como equivalente a *como* e a *do mesmo modo que*, ou seja, trata da noção comparativa dessa forma, mas a relaciona com a questão modal ao correlacioná-la com a locução *do mesmo modo que*.

Figura 6: As conjunções subordinadas comparativas listadas por Cegalla (2020 [1964])

▪ **comparativas**

Introduzem orações que representam o segundo elemento de uma comparação: *como, (tal) qual, tal e qual, assim como, (tal) como, (tão* ou *tanto) como, (mais) que* ou *do que, (menos) que* ou *do que, (tanto) quanto, que nem, feito* (= como, do mesmo modo que), *o mesmo que* (= como).

Ele era arrastado pela vida *como* uma folha pelo vento.

O exército avançava pela planície *qual* uma serpente imensa.

“Os cães, *tal qual* os homens, podem participar das três categorias.” (PAULO MENDES CAMPOS)

“Sou *o mesmo que* um cisco em minha própria casa.” (ANTÔNIO OLAVO PEREIRA)

“E pia *tal e qual* a caça procurada.” (AMADEU DE QUEIRÓS)

“Por que ficou me olhando assim *feito* boba?” (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

Os pedestres se cruzavam pelas ruas *que nem* formigas apressadas.

Nada nos anima tanto *como* (ou *quanto*) um elogio sincero.

Os governantes realizam menos *do que* prometem.

Fonte: Cegalla (2020 [1964], p. 291)

[32] Apesar de nesse exemplo a forma *feito* está flexionada em número, tal exemplo foi selecionado a fim de demonstrar o registro na gramática normativa do uso de *feito* como uma forma de particípio na formação de voz passiva.

Numa abordagem descritiva, já há alguns trabalhos em que, assim como na obra de Cegalla (2020 [1964]), a forma *feito* é classificada como conjunção subordinativa comparativa, como se passa a apresentar.

Neves (1999), em *Aspectos da gramaticalização em português*, na seção destinada às conjunções, usa a forma *feito* para ilustrar o processo de gramaticalização. A autora diz que a forma tem sua origem no particípio passado do verbo *fazer* e que é muito usada no Brasil como juntivo em comparações modais de igualdade ("do mesmo modo que"). E destaca que esse uso é restrito ao português coloquial: (76) "*Eu também estava de joelhos sobre as tais pedrinhas, pedindo que ela fizesse* ***feito*** *eu. / Eu também já fui moça* ***feit****o ela*" (NEVES, 1999, p. 232). Acrescenta que

> ninguém ousa dizer que *feito* seja verbo e seja conjunção comparativa ao mesmo tempo, mas os falantes satisfazem uma necessidade comunicativa com o emprego desse item de base verbal para comparar elementos postos como iguais fazendo indicação modal, provavelmente porque *como*, a conjunção de mais ampla aplicação na subclasse, à força de funcionar para indicação dos tipos diversos de comparação de igualdade, carece da especificidade necessária em certos contextos (NEVES, 1999, p. 232).

Assim, as formas linguísticas vão se deslocando gradativamente, se acomodando, se rearranjando para atender as necessidades dos falantes no uso da língua.

Na obra *Gramática de usos do português*, apesar de também apresentar a forma *feito* estabelecendo uma relação semântica comparativa, Neves (2011 [2000]) a enquadra no grupo das preposições acidentais, mas destaca que ela chega a constituir-se como uma conjunção modal (= ao modo de). Apresenta os seguintes exemplos.

> (77) Falando sozinho, **FEITO** um caduco. (AM)
> (78) **FEITO** padre, metera-se no buraco daquela cidadezinha. (VER)
> [...]
> • com indicativo (= como):
> (79) Dava gangrena. ***FEITO*** deu naquele gado pedrês que a gente teve que cortar a perna dele. (US)
> • com subjuntivo (= como se):
> (80) Uns diziam "não tenho tempo" e mostravam o relógio, saca? ***FEITO*** fosse um crucifixo o relógio (...)! (RC) (NEVES, 2011, p. 738 [2000], negritos da autora)

Já em *A gramática do português revelada em textos* (2018), ao introduzir a noção de oração adverbial comparativa, a autora ora referida expõe que esse tipo de oração pode ser produzido com correlação e sem correlação. Em se tratando da correlação, cada uma das duas orações do período traz um dos dois elementos comparados: a primeira, oração principal, traz o elemento base da comparação e a outra, dependente da primeira e iniciada pela conjunção comparativa, traz o elemento com o qual se faz a comparação. Na ausência da correlação,

apenas na porção adverbial comparativa ocorre a conjunção. Considera o conectivo *como* a conjunção comparativa típica. Além dessa, elenca também as seguintes conjunções: *que* (depois de *mais*, *menos*, *maior* etc.), *quanto* (tão quanto), "qual" etc., as locuções conjuntivas e traz uma observação sobre as formas *tipo* e *feito*, este, objeto de estudo desta pesquisa. A autora diz que essas formas foram passando a ser usadas na linguagem informal com o mesmo valor das conjunções comparativas.

Barreto (1999, p. 488), em sua tese intitulada *Gramaticalização das conjunções na história do português*, trata dos processos formadores das conjunções na língua portuguesa. Sobre os processos tratados em seu estudo, diz que se pode "ainda acrescentar o emprego de uma forma verbal ou de um substantivo isolados como conjunção: **feito**, **tipo** (conjunções comparativas). Esses dois últimos itens conjuncionais, entretanto, não ocorreram no *corpus*." (negritos da autora). Apesar de não ter sido encontrado em seu *corpus* e de não haver uma análise do item *feito* em seu estudo, a autora reconhece a mudança linguística do objeto de estudo desta dissertação.

Rodrigues (2001), ao descrever as construções comparativas na língua portuguesa a fim de constatar quais são oracionais realmente, identificou a forma *feito* funcionando como conjunção. No decorrer de sua pesquisa, a autora esclarece que, em relação à classificação das conjunções subordinativas comparativas, não há consenso nem entre os gramáticos tradicionais nem entre os linguistas.

Rodrigues (2014) parte de contribuições de trabalhos anteriores (BARRETO, 1999; RODRIGUES 2001; 2009[33]; MATEUS *ET ALII*, 2003; CASSEB-GALVÃO; LIMA-

---

[33] Rodrigues (2009), com base em pesquisas anteriores (BARRETO, 1999; RODRIGUES 2001; MATEUS ET ALII, 2003; CASSEB-GALVÃO; LIMA-HERNANDES, 2007), analisou os usos das formas *feito*, *tipo* e *igual*, a fim de demonstrar que tais formas podem introduzir orações comparativas e, consequentemente, defende o status delas de conectores (conjunção subordinativa comparativa). Os dados demonstraram que a forma *feito*, assim como as formas *tipo* e *igual*, em todas as orações comparativas, podem ser substituídas pela conjunção prototípica *como*. A autora expõe que tal "substituição possibilita a equivalência desses itens com a conjunção comparativa como em estrutura não-correlata, ou seja, estrutura em que há elipse do verbo da segunda oração, que corresponde ao verbo da primeira, estando ele na forma desenvolvida" (RODRIGUES, 2009, p. 4) e apresenta a seguinte reescritura para a forma *feito*.
I: aí eu não podia dizer que tinha sido eu que tinha trancado ele ... né ... que foi que eu fiz ... joguei a chave no lixo ... e saí [***feito*** uma louca] ... na escola ... procurando o diretor ... procurando o supervisor ... procurando o porteiro ... alguém que tivesse a chave pra abrir a porta ... aí ninguém tinha a chave ... porque a chave eu tinha jogado fora...(Corpus D&G)

Reescritura: e sai [***como*** uma louca (sai)] (RODRIGUES, 2009, p. 4)
Em seguida, com base em Mateus *et alli* (2003) e Rodrigues (2001) em relação a evidenciarem que as orações comparativas sempre aparecem em posição pospostas à oração principal, Rodrigues (2009) mostra que o exemplo anteriormente apresentado serve para comprovar a afirmação das autoras em que se baseou. E destaca que, nesse exemplo "o item *feito* tornou-se mais gramatical, já que adquiriu posição mais fixa na sentença e, em tais contextos, não aceita qualquer tipo de flexão. Em outras palavras, quando o item feito encabeça uma oração comparativa, não permite nem flexão de número, nem de pessoa" (RODRIGUES, 2009, p. 4). Ela retoma o exemplo supracitado

HERNANDES, 2007) para descrever o(s) uso(s) de *feito*, *igual*, *tipo* e *que nem* como conjunções subordinativas comparativas. Ela diz haver "divergências entre os itens listados nas gramáticas e aqueles efetivamente utilizados pelos falantes da língua em contextos comunicativos reais" (RODRIGUES, 2014, p. 129). A partir da análise de obras de cinco autores - Bechara (1987), Cunha e Cintra (2007), Kury (1987), Luft (2002) e Rocha Lima (2006) -, apresenta uma síntese das principais formas que esses estudiosos listam como conjunção subordinativa comparativa (cf. figura 7). A partir disso, destaca que as formas *feito*, *igual*, *tipo* e *que nem* não foram listadas por nenhum desses autores[34], mas "já poderiam figurar nessa listagem do ponto de vista do uso" e acrescenta que tais usos "reforça a necessidade de revisão no quadro das conjunções comparativas da Língua Portuguesa apresentado pelas cinco gramáticas tradicionais enumeradas" (RODRIGUES, 2014, p. 129).

Figura 7: Listagem de conjunções nas obras selecionadas por Rodrigues (2014)

Gramático	Conjunções subordinativas comparativas listadas
Bechara (1987)	*Como*; *qual* (dentro das comparativas assimilativas).
Cunha & Cintra (2007)	*Que*; *do que* (depois de *mais*, *menos*, *maior*, *menor*, *melhor* e *pior*); *qual* (depois de *tal*), *quanto* (depois de *tanto*), *como*, *assim como*, *bem como*, *como se*, *que nem*.
Kury (1987)	*Como*, *qual*, *tal como*, *assim como* (assimilativa).
Luft (2002)	*Como*
Rocha Lima (2006)	*Que*, *do que* (relacionados *a mais*, *menos*, *maior*, *menor*, *pior*), *qual* (relacionado a *tal*), *como* (relacionado a tal, tão e tanto), *como se* etc.

Fonte: Rodrigues (2014, p. 130)

para demonstrar que numa possível tentativa de reescrevê-lo, com qualquer tipo de flexão, ele se tornaria agramatical, como se verifica a seguir.
* I: aí eu não podia dizer que tinha sido eu que tinha trancado ele ... né ... que foi que eu fiz ... joguei a chave no lixo ... e saí [***feita*** uma louca] ... na escola ... procurando o diretor ... procurando o supervisor... procurando o porteiro ... alguém que tivesse a chave pra abrir a porta ... aí ninguém tinha a chave ... porque a chave eu tinha jogado fora ...

* I: aí eu não podia dizer que tinha sido eu que tinha trancado ele ... né ... que foi que eu fiz ... joguei a chave no lixo ... e saímos [***feitos*** umas loucas] ... na escola ... procurando o diretor ... procurando o supervisor ... procurando o porteiro ... alguém que tivesse a chave pra abrir a porta ... aí ninguém tinha a chave ... porque a chave eu tinha jogado fora ... (RODRIGUES, 2009, p. 5).
A autora defende, portanto, que a forma *feito*, ainda que mais restrita ao âmbito da fala, pode integrar o rol de conjunções subordinativas comparativas da Língua Portuguesa e que estaria passando pelo processo de gramaticalização.

[34] Cunha e Cintra (2007) foram os únicos dos autores selecionados por Rodrigues (2014) que arrolaram *que nem* em sua listagem.

Após identificar formas não conjuncionais, segundo categorização proposta pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), ligando orações e estabelecendo a relação comparativa, a autora retoma os resultados de sua pesquisa anterior (1999) e destaca que "houve uma redução em relação ao quadro de conjunções apresentado pelas gramáticas no Português do Brasil" (RODRIGUES, 2014, p. 134).

Cabe salientar que de um total de 41 usos de conectores comparativos, de 11 conectores encontrados e listados[35], 10 usos correspondem ao conector "mais (...) do que" e apenas 2 usos correspondem ao conector *como*, ou seja, o conector mais prototípico não foi o mais frequente no *corpus* analisado. E não foram flagrados usos dos itens que foram objeto de estudo de sua pesquisa (*feito*, *igual*, *tipo* e *que nem*). Com isso, a autora constatou que "há diferenças entre o comportamento que a gramática prescreve como norma culta padrão e aquele que o falante dessa norma efetivamente está usando" (RODRIGUES, 2014, p. 134).

Já os resultados da pesquisa de Rodrigues (2001 *apud* RODRIGUES, 2014) demonstraram que os usos das formas *feito*, *igual*, *tipo* e *que nem*, com apenas 1 ocorrência de cada no total (461), apareceram em textos de peças teatrais, contexto linguístico em que se busca reproduzir a fala natural das personagens. Dessa forma, a partir dos dados de sua pesquisa, depreende-se que tais usos são mais inovadores (apresentando um menor índice de uso), motivo pelo qual receberam o rótulo de não-canônicas, e são mais restritos, ainda, à oralidade.

Rodrigues (2014) conclui que as formas *feito*, *igual*, *tipo* e *que nem* apresentam as mesmas propriedades das conjunções subordinadas comparativas, que as caracterizam como articuladores comparativos, a saber:

> • ocupam a posição inicial da cláusula hipotática comparativa;
> • não admitem flexão;
> • não podem deslocar-se dentro da cláusula em que estão;
> • instauram a relação semântica de comparação entre cláusulas;
> • só são compatíveis com cláusulas na forma desenvolvida;
> • as cláusulas por eles iniciadas admitem a elipse do SV. (RODRIGUES, 2014, p. 138)

Casseb-Galvão e Lima-Hernandes (2007), ao tratarem do estreitamento do diálogo entre as variantes linguísticas e os deslizamentos funcionais de palavras, ilustram o uso das formas

[35] Conectores encontrados no *corpus* analisado: *mais (...) do que*, *do que*, *tão...quanto*, *melhor(es) do que*, *tanto...quanto, tanto...que*, *como*, *mais que*, *que*, *mais como...do que como*, *mais que de*, *pior que*, *tantas...quanto*, *tanto...como*, *tão...como*, *tal como* e *quanto*.

tipo, *como*, *igual* e *feito* como conectores. As autoras utilizam uma mesma sentença e vão trocando os conectores para mostrar que desempenham a mesma função sintático-semântica de conjunção comparativa (a sentença "d" numerada aqui como (81) "A prova foi difícil *feito* um exame de seleção" apresenta o objeto de estudo desta pesquisa):

> a. A prova foi difícil *tipo* um exame de seleção.
> b. A prova foi difícil *como* um exame de seleção.
> c. A prova foi difícil *igual* um exame de seleção.
> d. A prova foi difícil *feito* um exame de seleção.
> (CASSEB-GALVÃO; LIMA-HERNANDES, 2007, p. 166, itálicos das autoras)

As autoras expõem que a palavra *tipo*, em (a), é um uso recorrente dos jovens adolescentes em centros urbanos brasileiros; a palavra *como*, em (b), é um conector comparativo típico do português-padrão; e as palavras *igual* e *feito*, em (c) e em (d), respectivamente, representam um uso típico do cotidiano de pessoas de qualquer nível de escolaridade. E esclarecem, em nota de rodapé, que as palavras *igual* e *feito*, no meio acadêmico, são marcadas e estigmatizadas. Relatam que, ao consultar professores de português sobre a inclusão dessas palavras na gramática normativa com a acepção de conjunção comparativa, as respostas foram reticentes.

Fernandes (2010), em sua gramática pedagógica, lista as seguintes conjunções comparativas, entre as quais se encontra o objeto de estudo: *como* (= *igual a*), *tal*, *qual*, *tal e qual*, *quanto* (= *como*), *que* (depois de *mais*, *menos*, *maior*, *menor*, *melhor*, *pior* etc.) e *feito* (= *como*).

Bagno (2012), ao tratar da hipotaxe adverbial, apresenta em seu esquema estes conectivos comparativos: *como*, *da mesma forma que*, *da mesma maneira que*, *do mesmo modo como*, *do mesmo modo que*, *feito*, *igual*, *que nem*, *tal como* e *tipo*. Nota-se que, as formas mais inovadoras - *igual*, *tipo* e *feito* - já foram listadas pelo autor.

Sacconi (2018 [1975]), em sua obra *Não erre mais!*, cita alguns exemplos nos quais *feito* aparece funcionando como conectivo comparativo:

> (82) "Quando 'munto' a cavalo, eu 'soo' *feito* uma bica!" (itálico da pesquisadora).

Nessa frase, para mostrar o uso não padrão das conjugações dos verbos "montar" e "suar", há uma ocorrência de *feito* funcionando como uma conjunção comparativa. Inclusive, mais adiante, ele faz uma paráfrase substituindo a forma *feito* pela conjunção prototípica comparativa *como* e apresenta a frase: "Ela 'soa' *como* uma bica" (SACCONI, 2018 [1975], p.

212, itálico da pesquisadora), o que denota que o autor considera que o objeto de estudo apresenta uma função conectiva, a exemplo do *como*. No exemplo, a seguir, isso fica evidenciado.

> (83) "Não seja **como** (ou **igual a** ou **feito**) seus amigos: preguiçoso." (negritos do autor)

Esse exemplo faz parte da seção que ele explica o uso de *que nem*. Sacconi ensina que

> só se usa esse item corretamente quando há indício de ideia consecutiva na segunda oração. Assim, por exemplo: *Fiquei vermelho* **que nem** *pimentão*. = *Fiquei vermelho que nem pimentão* é tão vermelho. *** *Vim rápido* **que nem** *foguete*. = *Vim rápido que nem foguete* viria tão rápido. *** *O ministro ria* **que nem** *hiena*. = *O ministro ria que nem hiena ria tanto*.
> Não havendo essa ideia na segunda oração (que geralmente é elíptica), usar-se-á *como*, ou, então, *igual a* e até *feito*. (SACCONI, 2018 [1975], p. 267, grifos do autor).

A partir das citações, constata-se que Sacconi (2018 [1975]) considerou as formas *como*, *igual* e *feito* como correlatas; todas podendo introduzir orações subordinadas comparativas, a despeito de o uso da forma *feito* ser referendado com certa ressalva, o que se nota pelo emprego de *até*. E, em relação à forma *que nem*, o autor adverte que só se deve usá-la (corretamente) quando a segunda oração apresentar um indício de ideia consecutiva.

Pestana (2023 [2013]), em sua gramática para concursos públicos, na seção intitulada "Cuidado!!!", comenta que Cegalla inclui *feito* entre as conjunções comparativas sem nenhuma ressalva, mas que é preciso ter cuidado, pois é uma forma vista como conectivo coloquial e que, portanto, não é bem vista pelas bancas.

Além desses trabalhos que tratam de *feito* funcionando como uma conjunção subordinativa comparativa, há o trabalho de Lima-Hernandes (2005), que descreveu outros usos da forma *feito* em sua pesquisa.

Em sua tese de doutorado, ao examinar os deslizamentos funcionais da palavra *tipo* no português (PB) com base em amostras de língua falada por cariocas de variados graus de escolaridade, Lima-Hernandes (2005) usou como estratégia analítica o cotejo da forma *tipo* com as formas *feito*, *igual* e *como*. Ela mostrou que, independentemente das diferentes origens, essas formas convergem para a mesma categoria: conjunção comparativa. E, com seu estudo, demonstrou que categorias diversas servem de fonte para as conjunções comparativas.

No que toca à forma *feito*, que é o objeto de estudo desta pesquisa, a autora descreveu cinco diferentes usos para essa forma: (a) predicador verbal no particípio, (b) substantivo

referenciador, (c) adjetivo qualificador, (d) conjunção comparativa e (e) delimitador aproximativo.

Lima-Hernandes (2005) classifica *feito* como predicador verbal no particípio quando, em construções em voz ativa (cf. 84), é empregado em orações em que a pessoa do discurso referida é normalmente o *agente* da ação verbal. Nesses casos, *feito* é antecedido de verbos auxiliares que carregam os morfemas modo-temporais da perífrase, por isso não se flexiona. E, em construções passivas (cf. 85), é empregado podendo receber as marcas gramaticais de gênero e de número, conforme os exemplos, a seguir, retirados de Lima-Hernandes (2005, p. 79, itálicos da autora).

> (84) preparou-se claro que...não que ela tivesse *feito* uma coisa muito exagerada não...mas FEZ quer dizer fez a sua:... suas camisolas os seus jogos de... de lençol de linho borda:do isso foi *feito* né? Essa coisa foi... inteiramente clássica... (E71- NURC – contato).

> (85) Porque eu acho que não existe diferença entre a criação de uma mulher e de um homem... eu acho que os princípios morais tanto são *feitos* para mulher como são *feitos* para o homem (E43 – PEUL – Amostra 00).

A autora classifica *feito* como substantivo referenciador nos casos em que a forma é convertida em substantivos. Nessas circunstâncias, admite a anteposição de determinante e a flexão de número, assume a posição nuclear no sintagma nominal e aceita modificador:

> (86) Seu principal *feito* foi presidir a Comissão Parlamentar que investigou crimes de lavagem de dinheiro. (*Folha de S. Paulo*, ago. 2002 *apud* LIMA-HERNANDES, 2005, p. 79)

A classificação de adjetivo qualificador é atribuída por Lima-Hernandes (2005) a *feito* quando modifica o substantivo, exige a anteposição de expressão de modo e pode se flexionar em gênero e número.

> (87) Porque o pessoal não sabe admirar um carnaval bem *feito*... se eles soubesse admirar... eles sabia o que é União da Ilha que diz no pé... traz o samba rasgado... não é? (E42 – PEUL – Amostra 80 *apud* LIMA-HERNANDES, 2005, p. 80)

Lima-Hernandes (2005) classifica *feito* como conjunção comparativa nos contextos em que essa forma desempenha a função de ligar orações. A autora esclarece que teoricamente a forma não estabeleceria concordância, visto que é recategorizada como conjunção; todavia pode manifestar esse traço de sua categoria nominal de origem. Na segunda oração (comparativa), o verbo não é realizado, uma vez que é o mesmo da oração antecedente, a exemplo do que se dá com a conjunção *como*. Os dois exemplos a seguir foram apresentados pela autora (LIMA-HERNANDES, 2005, p. 80):

> (88) Eu chego lá nove e meia e saio de lá... às vezes... oito hora da noite... então realmente eu achava [que]... que ... (hes)... eu acho isso uma bobagem... acho que é tratá o funcionário *feito* criança... (E63-PEUL-Amostra 00).

> (89) depois tem um quarto que é... quarto quarto onde mora um sobrinho dela... que mora com ela... não tem nada de muito especial não... tem só uma cama... uma cômoda e um armário... aí depois vem o quarto do meu a... do meu tio que é o pai dela... né... e que é doente... então é uma cama *feita* aquela cama de hospital... (E11- NURC- contato).

O último uso de *feito* descrito pela autora é o que ela classifica como delimitador aproximativo. Nesse caso, a forma integra um SN em posição marginal esquerda ao N(ome). Lima-Hernandes (2005) diz que a forma *feito* assume a função de delimitar, de modo aproximativo, a noção expressa pelo N, conforme ilustrado a seguir:

> (90) as casas eram muito generosas de espaço... dava pra você fazer... festas, né... dava pra você... reunir em grandes almoços... né... quintal... com... pequeno jardim... eu me lembro que depois... quando terminava tudo... né... chegava na cozinha ainda tinha... feito uma areazinha pra lavar roupa (E11 – NURC – recontato *apud* LIMA-HERNANDES, 2005, p. 80)

A seguir, reproduz-se o quadro com a distribuição total de ocorrências nos *corpora* em relação à hierarquia[36] proposta por Lima-Hernandes (2005) para os padrões funcionais de *feito* em uma análise sincrônica.

Figura 8: Distribuição funcional de *Feito* – PEUL/NURC

Usos	PEUL	NURC	Total
Feito [1]-predicador verbal no particípio	53	63	116
Feito [2]-substantivo referenciador	0	0	0
Feito [3]-adjetivo – qualificador	8	8	16
Feito [4]-conjunção – comparativa	9	9	18
Feito [5]-discursivo - delimit. aproximativo	0	1	1
Total	70 (46,5%)	81 (53,5%)	151 (100%)

Fonte: Lima-Hernandes (2005, p. 80)

Os resultados de sua pesquisa demonstraram que a palavra *feito* é empregada nas mesmas funções tanto pelos informantes das entrevistas selecionadas do PEUL/UFRJ quanto pelos informantes das entrevistas selecionadas do NURC-RJ[37]. Entretanto, a autora identificou um uso inovador (delimitador aproximativo) que apareceu somente nos dados das amostras dos falantes do NURC-RJ.

Por meio dos dados apresentados na tabela (figura 8), constata-se que a maior frequência é de *feito* predicador verbal no particípio (116/151), seguida de *feito* conjunção comparativa (18/151) e de *feito* adjetivo qualificador (16/151). Não houve ocorrência de *feito* substantivo referenciador. E, em relação ao uso de *feito* delimitador aproximativo, houve apenas uma ocorrência em todo o *corpus*. Percebe-se um maior uso da categoria mais primária, verbo no particípio, provavelmente por os dados serem oriundos de entrevistas, pois os entrevistados acabam se monitorando mais e, por isso, podem ter usado menos as formas consideradas mais inovadoras. E, de acordo com o *corpus* utilizado, pode-se dizer que houve uma ocorrência

[36] Termo empregado pela autora no sentido de hierarquizar *feito* numa escala de padrões funcionais, que obedece à unidirecionalidade como recurso heurístico.

[37] Lima-Hernandes (2005) utiliza como *corpora* entrevistas com falantes cariocas, amostras do Projeto Estudos e Usos Linguísticos (PEUL/UFRJ) e do Projeto Norma Urbana Culta (NURC-RJ), este com falantes com ensino superior e aqueles com 50% de progressão escolar no recontato.

expressiva do uso de *feito* funcionando como conjunção comparativa, como sinalizado nas obras consultadas em que apontam o uso de *feito* juntivo como sendo típico do PB.

Já em sua análise diacrônica, Lima-Hernandes (2005) realizou um estudo baseado na quantificação de *types/tokens*. Apresentou um exemplário diacrônico e analisou o resultado da distribuição observada para cada função das palavras t*ipo*, *igual*, *como* e *feito*.

Em relação à forma *feito*, a autora ratificou na diacronia a maioria dos usos da palavra *feito* identificados sincronicamente. O único uso que não ocorreu em suas amostras diacrônicas foi o de *feito* delimitador aproximativo. Constatou ainda que a forma *feito* funcionando como predicador verbal no particípio não ocorreu com a voz ativa nos documentos do século XX.

Figura 9: Types/ Tokens de *feito* na diacronia

Séculos	*Types*	*Tokens*	Exemplos[102]
XIII	feito[1] (predicador verbal) feito[2] (substantivo referenciador)	14 7	(80), (88) (95)
Total	2	21	
XIV	feito[1] (predicador verbal) feito[2] (substantivo referenciador)	34 18	(81), (89) (96)
Total	2	52	
XV	feito[1] (predicador verbal) feito[2](substantivo referenciador) feito[3] (adjetivo qualificador)	36 6 2	(82), (90) (97) (102)
Total	3	44	
XVI	feito[1] (predicador verbal) feito[2](substantivo referenciador) feito[3] (adjetivo qualificador)	19 1 2	(83), (91) (98) (103)
Total	3	22	
XVII	feito[1] (predicador verbal) feito[2] (substantivo referenciador) feito[3] (adjetivo qualificador)	37 5 13	(84), (92) (99) (104)
Total	3	55	
XVIII	feito[1] (predicador verbal) feito[2] (substantivo referenciador) feito[3] (adjetivo qualificador)	40 2 1	(85), (93) (100) (105)
Total	3	43	
XIX	feito[1] (predicador verbal) feito[2] (substantivo referenciador) feito[3] (adjetivo qualificador)	31 3 1	(86), (94) (101) (106)
Total	3	35	
XX	feito[1] (predicador verbal) feito[4] (conjunção)	3 1	(87) (107)
Total	2	4	

Fonte: Lima-Hernandes (2005, p. 107-108)

Os estudos e as contribuições apresentados nesta seção são relevantes para esta pesquisa, uma vez que registram o deslizamento funcional da forma *feito* de verbo no particípio à conjunção (identificada, de acordo com esses estudos, só no séc. XX).

3.2 A forma *feito* nas obras de referência lexicográfica: da etimologia aos usos contemporâneos

Nesta seção, as categorizações atribuídas à forma *feito* no vocabulário histórico (BLUTEAU, 1713), no dicionário mais antigo (BLUTEAU; *SILVA*, 1789), nos dicionários etimológicos (NASCENTES, 1955; MACHADO, 1981; CUNHA, 1982) e nos dicionários contemporâneos (CALDAS AULETE, 1948; PRADO E SILVA, 1964; FERREIRA, 1999; HOUAISS; VILLAR, 2001; BORBA, 2002; BORBA, 2011) foram cotejadas.

3.2.1 As categorias gramaticais primeiras da forma *feito*: os significados mais concretos

A consulta a dicionários etimológicos é importante para a tentativa de se descobrir a base semântica da palavra em estudo em sua classe gramatical de origem e nas classes encontradas na atualidade.

Parte-se da hipótese de que a forma *feito*, ao longo do tempo, assumiu outras funções, na língua portuguesa, além de sua função lexical prevista na tradição gramatical: forma nominal do verbo *fazer*. Por isso, buscando responder a possíveis questionamentos acerca de *feito* juntivo, de *feito* substantivo e/ou de *feito* adjetivo vir de um sema diferente daquele do particípio do verbo *fazer*, investigou-se seu étimo em dicionários etimológicos para se verificar a adequação da tese de que partem de um mesmo sema, uma vez que o comportamento multifuncional de determinada forma linguística está relacionado a casos de polissemia, mais especificamente de heterossemia. Esse seria, portanto, um critério etimológico, possível para verificar se os multiusos da forma *feito* são palavras polissêmicas ou homônimas e, consequentemente, atestar (ou não) um processo de gramaticalização. Não se trata de questão resolvida na literatura linguística.

Lima-Hernandes (2005), por exemplo, levantou essa questão em seu estudo ao dizer que

> as indicações feitas por Houaiss em seu dicionário [acerca da forma *feito*] fazem ressuscitar uma discussão clássica na Linguística: o que ocorre com a palavra *feito* seria um caso de polissemia ou homonímia? Essa mesma discussão pode ser vista em Taylor (1992) ao tratar da categorização das palavras. O caminho, contudo, não se tem mostrado seguro para uma resposta incontroversa. Aqui, parece-nos plausível

> concordar com Langacker (1987, apud Taylor 1992) que defende que toda a motivação necessária para que um termo possa ser assimilado numa determinada categoria é proveniente dos usos possíveis pelo indivíduo. É a difusão desses usos linguísticos que poderá redundar numa incorporação pela gramática normativa; todavia, o abandono de algum uso não provocará, necessariamente, o desaparecimento de seu registro lexicográfico, como é o caso da acepção 3, de *feito* [objeto de desejo, de intenção; fito, propósito, objetivo, intento <o *feito* de todos é viver com dignidade>]. (LIMA-HERNANDES, 2005, p. 76-77).

Como destaca a autora, há dúvida em relação à origem da forma *feito* nos diferentes usos, já que, segundo expõe, as indicações lexicográficas apresentam um conflito em relação à etimologia de *feito*:

> Caldas Aulete explica que, ainda que formas incluídas por ele como entradas no dicionário sejam homógrafas, derivam de percursos distintos assumidos desde o latim. A entrada de **feito 1** deriva do latim *făctus* enquanto a entrada **feito 2**, do termo latino *făctum*.
> Houaiss, por sua vez, a despeito de concordar com a origem difusa do termo, apresenta caminhos diversos. Segundo ele, quatro são as formas primitivas: *factum*, *i* (substantivo: feito, ação, façanha), *filĭctum*, *i* do latim tardio (substantivo: lugar em que nascem os fetos), além de *făctus*, *a*, *um* (feito, executado, obrado, criado) e particípio passado de *fiĕri* "ser feito, fazer-se, dar-se" (LIMA-HERNANDES, 2005, p. 75-76).

No caso deste estudo, três dicionários etimológicos - *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (NASCENTES, 1955), *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa* (CUNHA, 1982) e *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa* (MACHADO, 1981) - foram consultados, a fim de se verificar se a forma *feito* em todos os seus usos aqui estudados partem de um mesmo sema, o que atestaria tratar-se de palavras polissêmicas.

Antes de se proceder à consulta nos dicionários etimológicos, consultou-se o dicionário mais antigo de que se tem registro[38] na língua portuguesa, o *Diccionario da lingua portugueza* elaborado pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva (1789). As acepções registradas para a forma *feito* podem ser visualizadas na figura 10, abaixo.

---

[38] No dicionário *Dictionarium ex lusitanico latinum sermonem*, de Cardoso (1562), e no *Dictionarium Latino lusitanicum et uiceuersa Lusitanico latinum cum Adagiorum fere omnium iuxta seriem alphabeticam per utili expositione ecclesiasticorum etiam vocabulorum interpretatione item de monetis, ponderibus et mensuris ad praesentem usum accomodatis*, do mesmo autor (1592), não há registro da palavra *feito*.

Figura 10: Acepções da forma *feito* no dicionário de Bluteau e Silva (1789)

FEITO, ſ. m. acção v. g. ,, *hum feito illuſtre, hum feito ruim; meu dito meu feito*, i. e. em dizendo fazendo. § *Feito d'armas*, facção. *Barros*. § *Homem de feito*, capaz d'entrar em facção, que demanda valor, e prudencia. *Barros Clar. c. 68. Caſtan. 8. f. 11. Palm. p. 2. c. 67.* ,, *deveis de ſer peſſoas de gram feito d'armas* § *O feito*, no foro, o proceſſo, os autos da demanda. § *Fallar ao inimigo a feito*, provocá-lo. *M. L.* § *Feito*, por facto v. g. ,, *duvida, ou queſtão de feito*, a cerca do facto. *Vieira*. § *De feito*, de facto, realmente. *Amaral 7.* § *o Feito d'alguem*, aquillo em que cuida, e ſe occupa v. g. ,, *todo o ſeu feito he buſcar paſſos de amores nos livros, que le. Eufr. f. 142. e f. 103. todo o ſeu feito agora he trovar* ,, § *Lançar o feito á zombaria*, dizer que ſe diſſe, ou fez por gracejar aquillo que levava, e tirava a intento ſerio. *Eufr. 3. 1.*

FEITO, part. paſſ. de fazer, obrado; acabado, completo. § *Tempo feito*, o favoravel á navegação, e que promette duração. § *V. do Arceb. L. 1. c. 1, feito ao, ou de pincel.* § *Moço, ou homem feito*, que tem enchido os annos, em que a peſſoa ſe diz moço, e homem em quanto á idade. § Acoſtumado, affeito v. g. ,, *feito aos trabalhos* ,, *Eneida 9. 146.* § Adeſtrado v. g. ,, *homens feitos na guerra d'Africa.* § *Que foi feito, que he feito?* interrogações para tomar informação da peſſoa, ou coiſa de que ſe não ſabe, que deſapareceu. § *Eſpada feita*, poſta em termos de ferir. *Lucena arremeteu com a eſpada*—— § *Feito he*, acabou-ſe, não ha remedio. *Uliſipo f. 37. v.* ,, *ſe entender que lhe tendes amor, feito he, ſabei que vos ha de pòr os pés nos focinhos* ,,

FEITO, ſ. m. o adminiſtrador, e negociador de fazenda alheia, com que commerceia para ſeu damno. *Reſende Cron. J. 2. c. 186.* § O que faz grangear, e adminiſtra alguma herdade. § Official d'Alfandega, que dá bilhete com clareza do genero, o qual ſe leva á meza grande para por ella ſe pagarem os direitos.

Fonte: Bluteau e Silva (1789, p. 606)

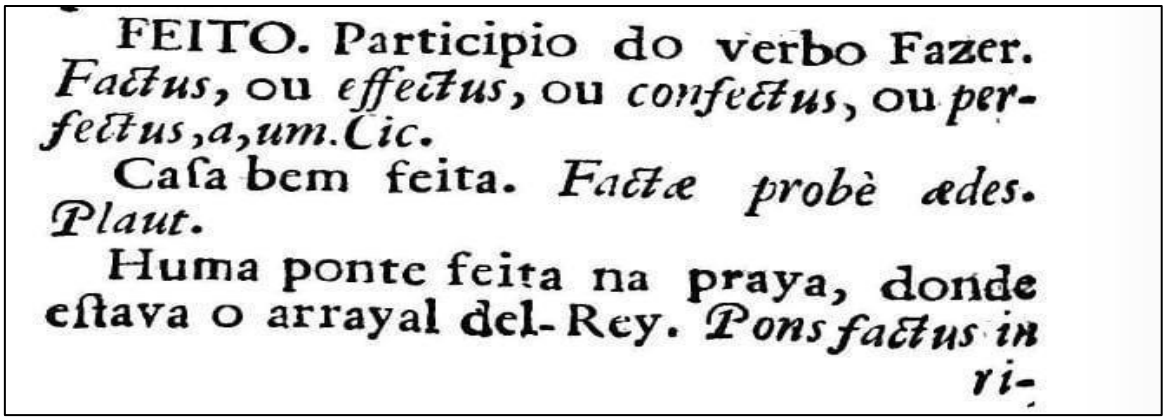
Conforme se depreende da transcrição do verbete, há três entradas no dicionário de Bluteau e Silva (1789) para a palavra *feito*: duas entradas da classe dos substantivos (masculino)

e uma da classe dos verbos (no particípio). Contudo, dentro da entrada de substantivo, pode-se constatar, não de modo direto, outro funcionamento da forma *feito*, a saber: locução adverbial (*de feito*, *realmente*). A primeira acepção dada, relacionada a substantivo, é a de *ação* (acção). A segunda, relacionada a verbo (particípio passado de *fazer*), é a de *obrado*, *acabado*, *completo* e acrescenta a significação de *acostumado*, *afeito*. E a terceira, também relacionada a substantivo, é a de *administrador*, *negociador de fazenda*.

Desse modo, de acordo com o dicionário mais antigo da língua portuguesa, as categorias primeiras para a forma *feito* são verbo e substantivo, podendo ser encontrada também, já na época, a forma funcionando como integrante de locução adverbial.

Na figura 11 abaixo, observa-se, no vocabulário *Portuguez e latino* de autoria do mesmo autor (BLUTEAU, 1713), mas de data anterior, que a forma *feito* somente foi categorizada como verbo no particípio e como substantivo[39], apesar de haver abonações de *feito*, a partir de cuja análise se identificam outras categorias. Isso demonstra que as classes primeiras são, de fato, verbo e substantivo. Importante observar que essas foram as duas primeiras categorias de linguagem que o pensamento gramatical ocidental distinguiu, nomeou e classificou (NEVES, 2012b). Além disso, neste vocabulário, constam as formas latinas *factus* e *factum* que passaram a ser substituídas pela forma *feito*.

Figura 11: A forma *feito* no vocabulário *Portuguez e latino* (1713)


FEITO. Participio do verbo Fazer. *Factus*, ou *effectus*, ou *confectus*, ou *perfectus, a, um. Cic.*
Casa bem feita. *Factæ probè ædes. Plaut.*
Huma ponte feita na praya, donde estava o arrayal del-Rey. *Pons factus in ri-*

Fonte: Bluteau (1713, p. 66)

[39] Percebe-se nesta obra que a forma verbal é anterior, o que mostra que *feito* funcionando como verbo no particípio é a forma primeira

Figura 12: A forma *feito* no vocabulário *Portuguez e latino* (continuação)

FEI FEI 67

ripam, in qua erat castra Regia. Tit. Liv.

Hum Hercules feito de bronze. *Hercules factus ex ære.*

E que tenho ainda feito, por &c. *Et quid adhuc habeo facti, cur, &c.*

Oh que bem feito está, folgo muyto. *O factum bene. Terent. Catul.*

Naõ me arrependo do que tenho feito. *Haud muto factum. Terent.*

Feito com todo o primor, com toda a perfeiçaõ. *Factus ad unguem. Horat.*

Meyo feito. *Semifactus, a, um. Tacit.*

Homem feito. *Vir,* ou *homo confirmatâ ætate. Cic.*

Moço muyto bem feito, em quanto ao corpo. *Adolescens, in quo forma, & species est liberalis,* ou *adolescens pulcherrimâ specie. Cic.* Meninos, muyto bem feitos. *Pueri magnâ præditi dignitate. Cic.*

Dito, & feito. *Dictum, factum. Terent.*

Feito (fallando no natural, & no modo de obrar de alguem) He hum homem feito assi. *Sic est ingenium. Terent.* Sou feito assi. *Sic sum. Terent.* O povo he feito assi: poucas vezes julga das cousas pela verdade, muytas pela opiniaõ. *Sic est vulgus; ex veritate pauca, ex opinione multa æstimat. Cic.*

Versos feitos contra alguem. *Carmina factitata in aliquem. Tacit.*

Feito. Exercitado. Acostumado a alguma cousa. *Ad aliquid exercitatus,* ou *usu exercitatus, a, um. Terent.* ou *assuefactus, a, um. Terent.* Homens *Feitos* na guerra Africana. Queirós, vida do Irmaõ Basto, pag. 286.

Feito, como quando se diz, Que foy feito desta gente? *Quid istis hominibus factum est? Cic.* Naõ se sabe o que foy feito delle. *Quò abierit, incertum est.*

Naõ se sabe o que foy feito do livro. *Non apparet liber.*

Espada feita, he quando com ella na maõ o homem se poem reto, para pelejar com outro. *Vid.* Reto. Arremeteu com a espada *Feita.* Lucena, vida do S. Xavier, 401. col. 1.

Feito. Substantivo. Acçaõ. *Factum, i. Neut. Cic.* Hum feito illustre. *Luculentum facinus. Plaut.* Hum feito ruim. *Illiberale facinus. Terent.* Paraque fizesse hum *Feito* ruim. Guia de casados, pag. 80. Neste proprio sentido dizemos em phrase proverbial, preguiça nunca fez bom *Feito.* De ruim gosto, nunca bom *Feito.* Meu dito, meu *feito.*

Feito d'armas. *Bellicum facinus. Cic.* Da honra, que se ganhou em taõ bom *Feito* de armas. Mon. Lusit. Tom. 5. fol. 21. col. 2. Acabado este *Feito.* Barros, 2. Dec. 143. col. 2.

Feitos heroicos. *Gesta, orum. Plur. Neut. Cic. Bello præclarè gesta, orũ. Neut. Plur. Nobilia,* ou *egregia,* ou *fortia facinora. Cic. Acta, orum. Cic.* Fizeraõ grandes *Feitos* com suas armadas. Duart. Nun. na origem da Ling. Portug. pag. 11. As historias dos Gentios tiveraõ *Feitos* heroicos. Vieira, Tom. 1. 175.

Feito de escrivaõ. Papeis, concernentes a huma demanda. *Vid.* Processo. *Litis instrumenta, orum. Plur. Neut.* No livro 12. cap. 8. diz Quintiliano *Ideòque opus est intueri omne litis instrumentum.* Por isso convem, que se veja bem o feito. Tambem podese dizer *factorum inter litigantes controversorum præscripta capita.* Na sua Epigraphica, pag. 333. quer Boldonio, que Feito se chame em Latim, *Acta, orum. Neut. Plur. Nam* diz elle *quem vocant processum, fascem tabularum, & libellorum de ijs, quæ pro tribunali sunt acta, latinè quidem sunt Acta;* Palavra, que tambem responde ao que chamamos *Autos.*

Feito. Peleja. Fallar ao inimigo a feito. *Hostem provocare ad pugnam. Cic.* Se deteve alguns annos sem lhe fallarem a *Feito.* Mon. Lusit. Tom. 1. 107. col. 4.

Feito, como quando se diz, Questaõ de feito. *Facti,* ou *de facto quæstio, onis. Fem. Cicer.* A questaõ he de feito, naõ de direito. *Non juris, sed facti est controversia. Non de jure, sed de facto est quæstio. Agitur, num res ita habeat, non an jure hoc factum sit.* Naõ há duvida de feito. *Certa fides facti est. Cic.* Naõ havia duvida de *Feito,* nem de direito. Vieira, Tom. 1. 770.

Tom. IV. I 2 FEI-

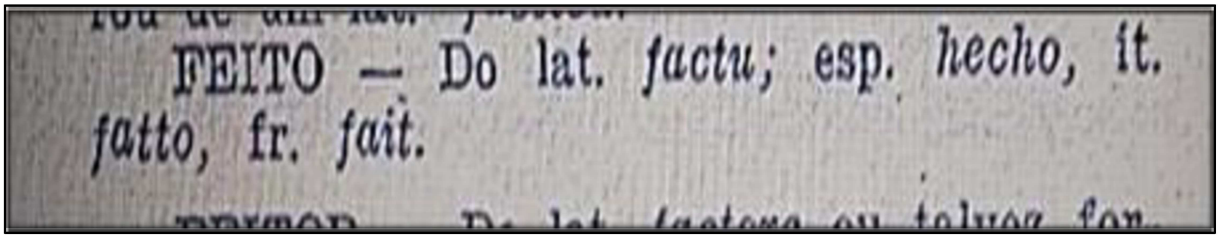
Fonte: Bluteau (1713, p. 67)

A partir dessas abonações, confirma-se que o verbo no particípio é a categoria primeira, assim como está dito na tradição gramatical. E, conforme explica Neves (2012b),

> o trato comum com a linguagem já nos diz que é muito mais difícil entendermos ser possível "falar de" uma entidade sem "dizer que", ou seja, falar de algo sem nada dizer, do que o contrário. Grosseiramente, pode ser afirmado que haveria uma proposição em chove, mas não em (a) nuvem ou em (a) água. Estou sendo até banal nestas considerações, mas com certeza algo diz a quem, numa língua natural, usa a palavra que, no acionamento da linguagem, o verbo é uma categoria singular, é inassimilável. Não à toa que "no princípio era o verbo" ... (NEVES, 2012b, p. 103).

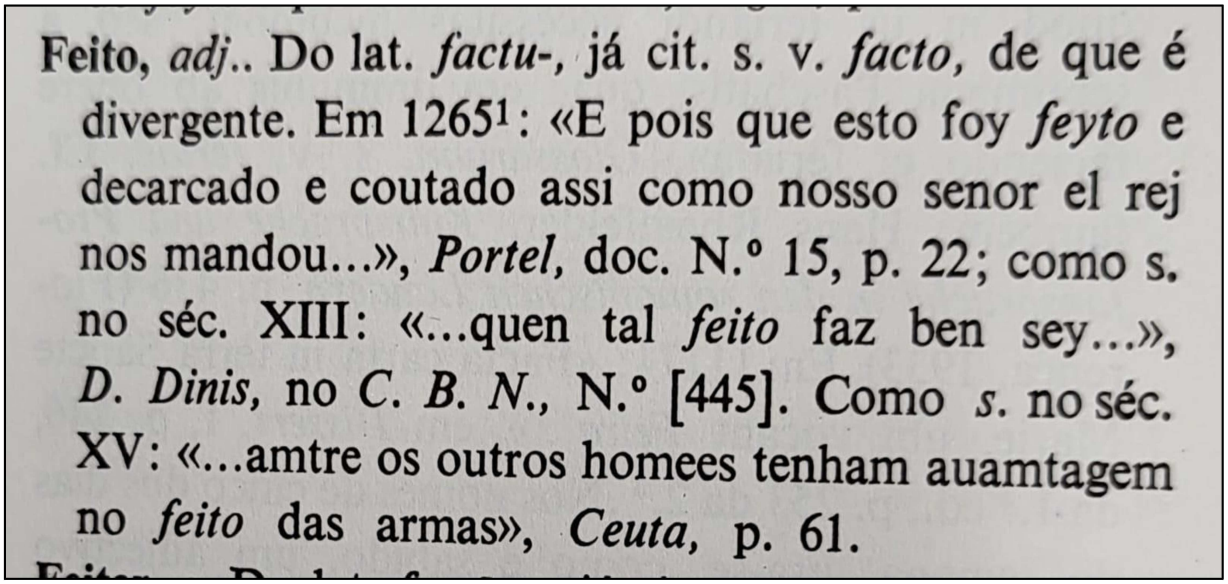
A seguir, apresentam-se as informações dos três dicionários etimológicos consultados para o conhecimento do étimo do objeto de estudo (*feito*) e das categorias gramaticais primeiras, assumidas pela forma.

Figura 13: Etimologia da forma *feito* no dicionário de Nascentes (1955)


FEITO — Do lat. *factu*; esp. *hecho*, it. *fatto*, fr. *fait*.

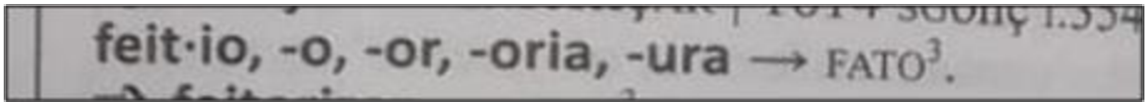
Fonte: Nascentes (1955, p. 212)

Figura 14: Etimologia da forma *feito* no dicionário de Machado (1981)


Feito, *adj.*. Do lat. *factu-*, já cit. s. v. *facto*, de que é divergente. Em 1265[1]: «E pois que esto foy *feyto* e decarcado e coutado assi como nosso senor el rej nos mandou...», *Portel*, doc. N.º 15, p. 22; como s. no séc. XIII: «...quen tal *feito* faz ben sey...», *D. Dinis*, no *C. B. N.*, N.º [445]. Como *s.* no séc. XV: «...amtre os outros homees tenham auamtagem no *feito* das armas», *Ceuta*, p. 61.

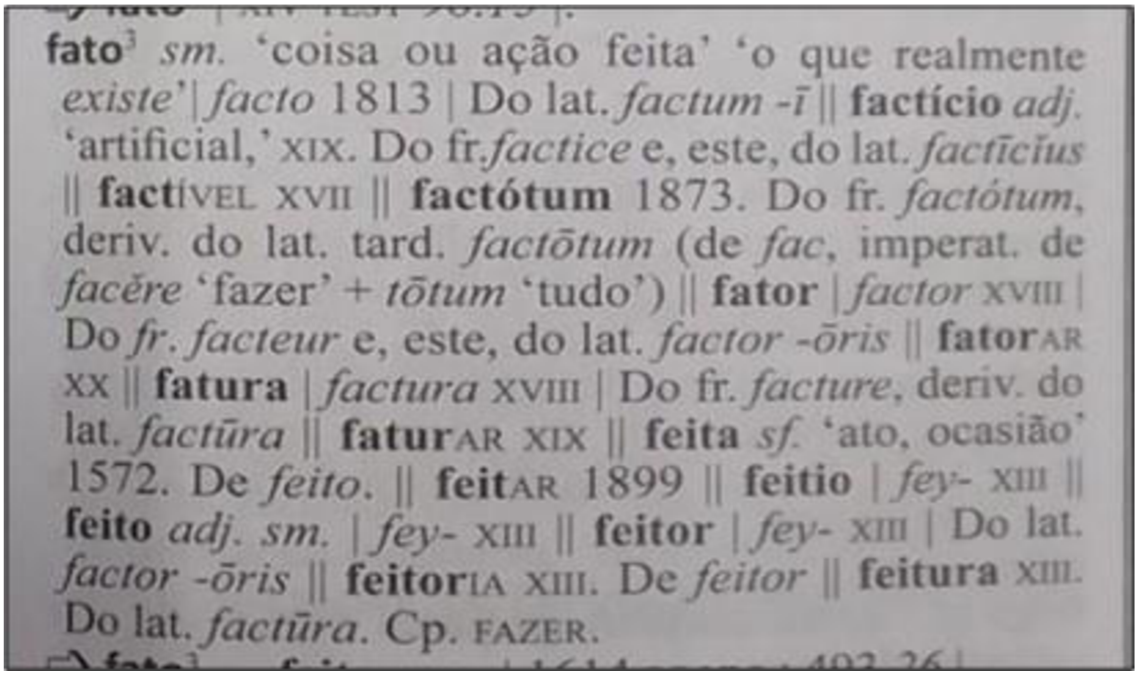
Fonte: Machado (1981, p. 32)

Figura 15: Etimologia da forma *feito* no dicionário de Cunha (1982)


feit·io, -o, -or, -oria, -ura → FATO[3].

Fonte: Cunha (1982, p. 352)

Figura 16: Significados de *fato* que estão relacionados com a forma *feito*


fato[3] *sm.* 'coisa ou ação feita' 'o que realmente *existe*' | *facto* 1813 | Do lat. *factum -ī* || **factício** *adj.* 'artificial,' XIX. Do fr. *factice* e, este, do lat. *factīcĭus* || **factível** XVII || **factótum** 1873. Do fr. *factótum*, deriv. do lat. tard. *factōtum* (de *fac*, imperat. de *facĕre* 'fazer' + *tōtum* 'tudo') || **fator** | *factor* XVIII | Do *fr. facteur* e, este, do lat. *factor -ōris* || **fator**AR XX || **fatura** | *factura* XVIII | Do fr. *facture*, deriv. do lat. *factūra* || **fatur**AR XIX || **feita** *sf.* 'ato, ocasião' 1572. De *feito*. || **feit**AR 1899 || **feitio** | *fey-* XIII || **feito** *adj. sm.* | *fey-* XIII || **feitor** | *fey-* XIII | Do lat. *factor -ōris* || **feitor**IA XIII. De *feitor* || **feitura** XIII. Do lat. *factūra*. Cp. FAZER.

Fonte: Cunha (1982, p. 351)

No dicionário de Nascentes (1955), constata-se que a forma *feito* é oriunda do latim, mais especificamente da palavra *factu* (particípio passado do verbo *fazer*). O autor, além dessa informação, apenas apresenta as formas da palavra (*feito*) em outras línguas neolatinas: *hecho* (espanhol), *fatto* (italiano) e *fait* (francês).

Machado (1981) também registra que a forma *feito* é proveniente da palavra latina *factu-* e a categoriza inicialmente como um adjetivo. Destaca, em seguida, seu uso na função de substantivo, inclusive, apresentando exemplos e período (ano/século) de tais usos.

Por fim, Cunha (1982) indica que a forma *feito* está relacionada à palavra *fato* (FATO3). E consultando, em seu dicionário, a terceira entrada da palavra, observa-se que sua categorização inicial é de substantivo masculino. O autor apresenta várias palavras relacionadas, tanto do latim quanto do português e, dentre essas palavras, está a forma *feito*,

categorizada como adjetivo e como substantivo masculino. Além disso, na acepção de substantivo masculino consta também o uso da locução adverbial *de feito*.

Sendo assim, o étimo do objeto de estudo é *factus*, *a*, *um*, que, de acordo com o *Dicionário latino-português* (SILVA, 1943), é o particípio passado de *facio*, que na língua portuguesa corresponde à forma *feito* e funciona como verbo no particípio, como adjetivo e como substantivo significando, respectivamente, acabado, acostumado e ação (dentre outros significados).

No quadro 2, a seguir, sistematizam-se as categorizações da forma *feito* encontradas no dicionário de Bluteau e Silva (1789) e nos dicionários etimológicos de Machado (1981) e de Cunha (1982). O dicionário de Nascentes (1955) não foi incluído porque não consta nele nenhuma categoria gramatical, senão a origem da forma.

Quadro 2: Categorização da forma *feito* em dicionários etimológicos e em de Bluteau e Silva

	Categorias	Bluteau e Silva (1789)	Machado (1981)	Cunha (1982)
FEITO	Verbo (particípio)	X		
	Substantivo	X	X	X
	Adjetivo		X	X
	Loc. adverbial	*		*

Fonte: Elaboração da pesquisadora com base nos dados investigados/ Observação: Onde há (*) significa que o nome da categoria não apareceu (locução adverbial), mas houve registro do uso da forma nessa categoria.

O verbo, ainda que seja funcional, a exemplo do de ligação, "é, na base, o esqueleto sistêmico do acionamento da linguagem" (NEVES, 2012b, p. 103). Assim, a categoria verbal é a mais estável, sustentada e tem a maior autonomia lexical (NEVES, 2012b), o que a torna potencialmente fonte de abstração e de consequente gramaticalização.

Enquanto forma verbal, *feito* expressa um processo verbal (resultado da ação do verbo *fazer*) e, a depender das necessidades comunicativas, pode passar a referir-se a um fato (o fato oriundo de uma certa ação – *fazer*), sofrendo, dessa forma, um processo de conversão, pois a palavra perde algumas propriedades características de verbo e adquire propriedades típicas de um substantivo. Tanto é que a forma *feito* classificada como substantivo masculino significa *ação*, *ato ou efeito de fazer (-se)*, *aquilo que se fez*, *fato*, *acontecimento*. Isto é, houve uma

expansão no plano do léxico, ampliando, por meio da abstração, as possibilidades de referenciação extralinguística.

Ao mesmo tempo, como está posto pela tradição gramatical, ao se "falar" de algo que se fez - inclusive esse é um dos significados da forma *feito* categorizada como adjetivo ("que se fez") -, a forma funciona como adjunto do substantivo que acompanha. A palavra apresenta a expressão do resultado de uma ação acabada (a ação verbal) como, por exemplo, em (91):

(91) "O cartaz *feito* está ali." (O cartaz *feito* por ela está ali).

"O cartaz *feito*" é um produto/resultado da ação do verbo *fazer* e ao mesmo tempo a forma *feito* caracteriza, especifica o cartaz, já que não se refere a qualquer cartaz, mas ao cartaz feito por um determinado agente. Há, portanto, um deslizamento funcional que se reflete na categorização da forma. Observa-se, ainda, que, nesse exemplo, a forma *feito* ocupa a posição canônica de um adjetivo, posposto ao substantivo (*cartaz*), e, como tal, é passível de sofrer flexão ((91') Os cartazes *feitos* por ela...).

Observando o quadro 2, percebe-se que os autores dos dicionários etimológicos não categorizaram a forma *feito* como verbo, mas somente como substantivo, que já aparece categorizada no dicionário de Bluteau e Silva (1789), e como adjetivo, que não aparece no dicionário de Bluteau e Silva (1789). Em contrapartida, no dicionário *Diccionario da lingua portugueza* (BLUTEAU; SILVA, 1789), consta o registro da forma *feito* categorizada como verbo. Isso demonstra que os dicionários etimológicos, que são mais recentes do que o de Bluteau e Silva (1789), já registram o uso da forma *feito* convertida em adjetivo. No dicionário de Bluteau e Silva (1798), a forma *feito,* na acepção de particípio passado de *fazer*, apresenta significados como *obrado*, *acabado*, *completo*, *acostumado* etc., os quais aparecem também nos dicionários contemporâneos (como adjetivos), como se verá na próxima subseção.

De acordo com a pesquisa lexicográfica, o étimo da forma *feito* funcionando tanto como verbo no particípio quanto como substantivo e como adjetivo é *factus*. E, de acordo com os dicionários analisados, as categorias gramaticais primeiras são verbo, substantivo e adjetivo.

Cabe explicar que a forma latina *factum*, registrada em alguns dicionários (Aulete, Aurélio e Houaiss), conforme se verá mais adiante, como originária do substantivo *feito*, é, assim como a forma *factus*, oriunda do verbo *facio* [40], de *facere* (*fazer*).

---

[40] No dicionário de língua latina, o verbo é listado (aparece nas entradas) conjugado na primeira pessoa do singular no presente do indicativo: *facio* (eu faço), seguido de outras formas. Por isso, em alguns dicionários, se diz que é oriunda de *facio*.

A forma *factum* é uma forma verbo-nominal latina. É uma das formas de particípio do latim, particípio passado, que é obtida por meio do radical da forma de supino[41], ao se eliminar a terminação *-um* (*fact- -um*) e ao se somar ao radical (*fact-*) as terminações de particípio passado: *-us* (*factus*), *-a* (*facta*) e *-um* (*factum*). O particípio se declina como um adjetivo de 1ª classe (*bonus*, *bona*, *bonum*), concordando em gênero, em número e em caso com o nome a que se refere, o que permite propor o seguinte esquema de formação do particípio do verbo *fazer*.

Quadro 3: Esquema da formação do particípio passado de *facere*

facio, -is, -ĕre, fēcī, fāctum

↓

fāctum

↓

factus / facta / factum

Fonte: Elaboração da pesquisadora

Nos quadros 4 e 5, são apresentados os paradigmas flexionais do particípio passado do verbo *facere*, nos seis caso - nominativo, genitivo, acusativo, dativo, ablativo e vocativo - e em cada um dos três gêneros: masculino, feminino e neutro.

Quadro 4: Paradigma flexional do particípio passado no singular

CASO	Masculino	Feminino	Neutro
Nominativo	*factus*	*facta*	*factum*
Genitivo	*facti*	*factae*	*facto*
Acusativo	*factum*	*factam*	*factum*
Dativo	*facto*	*factae*	*facto*
Ablativo	*facto*	*facta*	*facto*
Vocativo	*facte*	*facta*	*factum*

Fonte: Elaboração da pesquisadora

[41] O supino é a quinta forma dos tempos primitivos dos verbos que é dada nos vocabulários e nos dicionários, que o particípio passado deriva. O supino, assim como o infinitivo e o gerúndio, é um substantivo verbal.

Quadro 5: Paradigma flexional do particípio passado no plural

CASO	Masculino	Feminino	Neutro
Nominativo	*facti*	*factae*	*facta*
Genitivo	*factorum*	*factarum*	*factorum*
Acusativo	*factos*	*factas*	*facta*
Dativo	*factis*	*factis*	*factis*
Ablativo	*factis*	*factis*	*factis*
Vocativo	*factis*	*factae*	*facta*

Fonte: Elaboração da pesquisadora

Constata-se, a partir das informações dispostas nos quadros, que a forma *feito* tem origem na forma latina *factus*, *-um*, particípio passado do verbo *facere*. No latim clássico, a forma usada era *factum*, que, no latim vulgar, passa a *factu*. No romance, o grupo consonantal *-ct-* sofre uma vocalização e passa a [*-yt-*] e o *-u* final passa a ser grafado com o *-o*: *factu* > **fayto*, depois, ocorre um fechamento vocálico em que [*-ai-*] passa a [*-ei-*]: *feito*, pronúncia que se mantém na língua portuguesa até os dias de hoje.

Quadro 6: Representação da mudança de *factus, -um* a *feito*

factus, -um > factu > *fayto > feito

Fonte: Elaboração da pesquisadora

O particípio, além de expandir sua função para a categoria dos adjetivos, pode expandir para a categoria dos substantivos e, assim, substantivar-se. É o que ocorre também com a forma latina *factus*, *-um* (particípio), que passa a *factum*, *-i* (substantivo), que em português virou *feito* (popular) e *facto* (erudita), em Portugal, e, no Brasil, *fato*.

Já a forma *feito* oriunda da forma latina *filĭctum, -i* é homônima da forma *feito* que se relaciona ao verbo *fazer* (*facere*): *feito* (substantivo – ato, façanha, ação, fato, acontecimento), *feito* (adjetivo - acostumado, habituado) e *feito* (conjunção – como, do mesmo modo que, tal qual). *Feito*, de *filĭctum*, tem como forma correlata *feto*, que no período de 1500 era grafada *feeito*. É um substantivo masculino empregado para se referir a todos os pteridófitos da ordem

filicales. *Filĭctum*, *-i*, por sua vez, significa "lugar onde nascem ou há fetos (planta) (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 883).

Por fim, a forma latina *fiĕri* tem outra raiz. É o infinitivo de *fio* (*fio, -īs, fiĕri, factus sum*, pass. de *facĭo*), que significa *ser feito*, *ser criado*, *fazer-se*; *produzir-se*, *nascer*, *acontecer*, *existir*; loc. *como acontece*, *conforme o costume* e que é usada para formar a passiva de *facĭo*.

Em face do exposto, alcança-se o primeiro objetivo específico deste estudo, isto é, por meio da consulta a dicionários e do conhecimento da história da língua, pôde-se confirmar a tese de que as ocorrências de *feito* coletadas representam um caso de polissemia, mais especificamente de heterossemia, visto que há mudança de categoria.

Assim, buscou-se contribuir com o esclarecimento da origem da forma *feito* estudada nesta pesquisa, sanando a dúvida sobre se o que ocorre com a forma é um caso de homonímia ou de polissemia. Como se constata, a forma *feito* enquadra-se tanto em casos de homonímia (*feito* = feto/ *feito* = aquilo que se fez; façanha, obra; acostumado, habituado) quanto em casos de polissemia (*feito* = aquilo que se fez/ *feito* = façanha, obra, acontecimento/ *feito* = acostumado, habituado/ *feito* = como, do mesmo modo que, tal qual), todavia, as formas analisadas nesta pesquisa relacionam-se a casos de polissemia.

Após a consulta para descobrir os étimos e, consequentemente, o sentido primário da forma *feito*, outros dicionários também foram consultados, tanto os editados mais recentemente quanto os de edição mais antiga, pois o levantamento das acepções lexicográficas é necessário para se observar a ocorrência (ou não) dos deslizamentos semânticos e funcionais, inclusive, a depender da fonte de análise do dicionário (banco de dados) dá para se ter uma ideia da frequência dos usos da forma analisada, se é baixa ou alta. Sendo assim, 6 dicionários foram analisados para averiguar se é possível em seus cotejos observar o deslizamento funcional, já que este estudo é de natureza sincrônica

3.2.2 As categorias gramaticais da forma *feito* nos dicionários contemporâneos

Passa-se, agora, à verificação dos dicionários contemporâneos, tanto os editados mais recentemente quanto os de edição mais antiga, pois, conforme exposto, o levantamento das acepções lexicográficas é um recurso importante para se observar a ocorrência (ou não) dos deslizamentos semânticos e funcionais de uma forma linguística.

No Aulete (1948), a palavra *feito* aparece com três entradas: (i) classificada como adjetivo e particípio de *fazer*, significando *habituado*, *instruído* e *maduro*; (ii) como substantivo masculino, significando *fato*, *ação de fazer uma coisa* e (iii) como substantivo masculino,

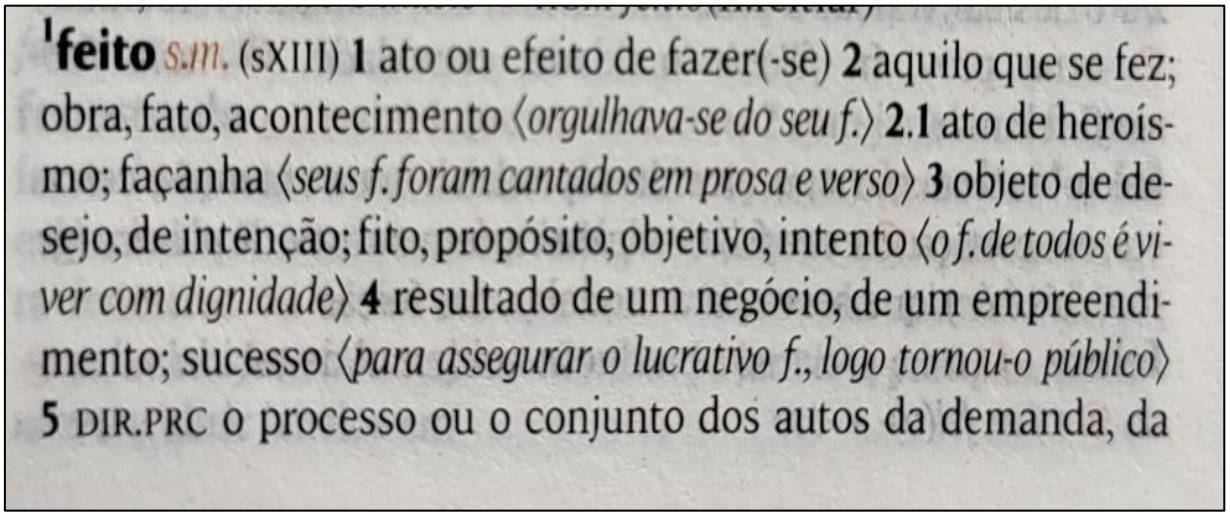
novamente, mas, na terceira acepção, observa-se um uso não corrente na contemporaneidade, significando *feto*. Cabe destacar, porém, que, apesar de somente três funções da forma *feito* terem sido destacadas de modo direto, no corpo do texto, o autor destaca várias ocorrências, construções que indicam outras funções, a saber, locução adverbial (*de feito* = efetivamente, realmente) e conjunção (*feito* = como). Além disso, destaca que o uso de *feito* juntivo é característico da variante brasileira. E registra, como em outros dicionários (AURÉLIO,1999; HOUAISS, 2009), que a forma categorizada como substantivo é oriunda do latim *factum* e que as outras categorias são oriundas da forma latina *factus*.

No Melhoramentos (1964), com exceção da função verbal (particípio), são registradas as mesmas categorias (e acepções) destacadas no Aulete (1948): adjetivo, substantivo, locução adverbial e conjunção. O autor destaca que a forma *feito* empregada como conjunção denota um uso popular. E, assim como no Aulete (1948), registra que sua etimologia provém da forma latina *factu*.

No Aurélio (1999), são registradas as mesmas acepções e categorias gramaticais que constam no dicionário Melhoramentos (1964). A única significação nova é a acepção usada no candomblé, na umbanda, que é um uso típico do Brasil, referente a um ritual religioso usado para dizer que alguém foi iniciado ritualmente (*um filho de santo com sete anos de feito*).

Dos dicionários contemporâneos consultados, o Houaiss (2009) é o mais recente, por isso apresenta mais acepções, mais categorias nas quais a forma *feito* se enquadra, conforme pode ser observado na reprodução abaixo (figura 17).

Figura 17: Categorização e acepções do verbete *feito* no dicionário Houaiss



¹feito *s.m.* (sXIII) **1** ato ou efeito de fazer(-se) **2** aquilo que se fez; obra, fato, acontecimento ⟨*orgulhava-se do seu f.*⟩ **2.1** ato de heroísmo; façanha ⟨*seus f. foram cantados em prosa e verso*⟩ **3** objeto de desejo, de intenção; fito, propósito, objetivo, intento ⟨*o f. de todos é viver com dignidade*⟩ **4** resultado de um negócio, de um empreendimento; sucesso ⟨*para assegurar o lucrativo f., logo tornou-o público*⟩ **5** DIR.PRC o processo ou o conjunto dos autos da demanda, da

causa ou do pleito (mais.us. no pl.) **6** LUD no voltarete e similares, jogador que, após declarar ter jogo, desafia os outros parceiros ◈ **feitos da Fazenda** DIR.PRC causas judiciais em que há interesse direto da administração pública • **de f.** com efeito, efetivamente ⟨*a melhor fórmula para não engordar é, de f., não comer*⟩ ⊙ ETIM lat. *fāctum,i* 'feito, ação, façanha, empreendimento, empresa' ⊙ SIN/VAR ver sinonímia de *ação* ⊙ ANT ver antonímia de *ação* ⊙ HOM *feito*(fl.feitar)

²feito *s.m.* (sXV) *ant.* m.q. ²*FETO* ⊙ ETIM lat.tar. *filīctum,i* 'lugar onde nascem ou há fetos (planta)'

³feito *adj.* **1** que se fez **2** que se acostumou; acostumado, habituado ⟨*f. no banditismo*⟩ **3** que se treinou; exercitado, adestrado ⟨*espírito f. nas lides políticas*⟩ **4** amadurecido, maduro, adulto ⟨*ser um escritor f.*⟩ ⟨*um homem f.*⟩ **5** pronto para ser utilizado ou consumido ⟨*prato f.*⟩ **6** REL iniciado (no candomblé, umbanda e seitas afins), após passar pelo ritual de praxe ■ *conj.cp.* **7** *B* como, do mesmo modo que, tal qual ⟨*trabalha f. burro de carga*⟩ ◈ **bem f.** us. interj. para expressar contentamento com um mal sucedido a alguém • **estar f.** ter sucesso na vida ⊙ ETIM lat. *fāctus,a,um* 'id.' ⊙ SIN/VAR ver sinonímia de *assente* e *habituado* ⊙ ANT ver antonímia de *habituado*

Fonte: Houaiss e Villar (2009, p. 883)

No dicionário Houaiss (2009) também há os mesmos registros das acepções e categorias já apresentadas nos dicionários anteriores. Entretanto, Houaiss e Villar (2009) incluem mais uma categoria gramatical, interjeição, na verdade, locução interjetiva. Eles registram a expressão *bem feito*, em que a forma *feito* é parte integrante dessa interjeição; serve para expressar a satisfação com um mal sucedido a outro. Acrescentam, ainda, a expressão *estar feito*, que significa ter sucesso na vida. Houaiss e Villar (2009) também registram as formas latinas originárias da forma *feito*, atestando mais uma vez sua natureza polissêmica.

No dicionário DUP (2002), além das categorias que já apareceram em outros dicionários - adjetivo, substantivo, conjunção e interjeição perifrástica -, o autor registrou um uso que não apareceu em nenhum outro: advérbio, conforme se pode conferir na abonação 26 da figura 18.

Figura 18: Categorização e acepções da forma *feito* no dicionário DUP

feito *Adj* ★ [**Classificador**] **1** realizado: *A alimentação, feita duas vezes ao dia, é composta de ração, capim e sal mineral* (AGF); *o movimento migratório exige uma abordagem feita em dois níveis* (BF) **2** elaborado; preparado: *Aí têm vocês a caveira da Guedinha, feita por veraz e suave padrinho* (EM) **3** enunciado; proferido: *Lembrávamo-nos da narrativa feita anos atrás por um amigo* (AC); *É curiosa a citação do valor feita em dólares* (OP) **4** produzido: *durante a viagem, o velho reclamou do trabalho feito no carro* (CHI); *o major fazia a volta do seu carro quando ouviu o primeiro disparo, feito da calçada* (GLO) **5** praticado; exercido: *A pecuária, feita em moldes extensivos, utiliza para seus pastos grandes extensões de terra* (BF); *acompanho a política do trigo feita pelo Ministério da Agricultura* (JL-O) **6** concedido; dado: *Rompi o voto de felicidade feito a Sílvia* (MAR); *não há o menor documento dos adiantamentos feitos ao casal* (A) **7** ajustado; acertado: *um contrato feito pelo ex-prefeito e a empresa de limpeza* (AG); *No que depende de mim, está feito* (BOC) **8** certo; ganho: *É jogo feito pra hoje* (REI); *Célio deixou o Pacaembu arrasado por ter perdido um gol feito no empate frente ao Corinthians* (PLA) **9** pleno: *Mas apontavam dois cavaleiros, em feito galope, no desafasta* (COB) **10** estabelecido; firmado: *Raimundão, capitão da Força Pública, de fama feita com o major Pedro Malta* (PFV) **11** avançado; alto: *naqueles perdidos ermos ninguém era mais senhor de visitar um*

compadre noite feita (Cl)) **12** completado: *Com trinta anos feitos recentemente, Anna escolheu a profissão de astronauta por pura vocação* (CPO); *O traçado era chegar à noite, de caminho feito, direto ao córrego* (J) **13** amadurecido fisicamente; adulto: *olha para o meu corpo de mulher feita e para o teu corpo de menina* (BN); *São Cosme e São Damião morreram decapitados já homens feitos* (AID) **14** gerado; concebido: *sujeitinho feito por correspondência, frouxo, pior que algodão em rama!* (NI) **15** arrumado; preparado: *Vinha o prato feito da cozinha* (BH) **16** pronto para ser usado: *o capitão de indústria compra roupa feita porque não tem tempo para provar de alfaiataria* (CT); *esses arreios comprados feitos que tomam o lugar das encomendas* (OSD) **17** apropriado; adequado: *o sol brasileiro tornaria vermelho como um camarão essa pele feita para climas brandos* (B) **18** delineado; desenhado: *a careca despojara-o dos cabelos como que para mostrar melhor a forma bem feita do crânio* (CF); *Era uma figura bem feita, bonita, uma aparição suave* (BB) **19** fabricado; preparado: *a farinha feita em casa dificilmente estraga* (GL); *um tapete feito à mão* (REA) ***[Compl: (em+)nome]*** **20** tornado; transformado: *a falta absoluta de garantias da vida humana, que imperava como conseqüência de irresponsabilidade feita norma em todos os departamentos governamentais* (GLO); *lobisomem já não sendo, tornou a virar gente, de novo feito em filho* (LOB) ★ **[Qualificador]** **21** bem-arranjado: *Pois dê graças a Deus! Você está feito!* (BH); *A irmã estava feita com aquele cunhadinho* (GTT) ***[±Compl: de+nome]*** **22** composto; constituído; formado: *sua vida continua feita de sofrimento e de miséria* (AR-O); *uma faquinha feita de osso de canela* (CAP) ● *Nm* ★ **[Abstrato de ação]** **23** façanha; realização: *A mulher não se julga destinada a grandes feitos* (OSA); *Papai procurou saber detalhes sobre o feito anterior* (ANA) ★ **[Abstrato de estado]** **24** caráter; feitio; personalidade: *A academia tem uma forte predileção por homens do nosso feito* (COR-O) ● *Conj* **[Subordinativa. Comparativa]** **25** *(Coloq)* como: *Mas uma delas é clara feito água* (AFA); *Falando sozinho, feito um caduco* (AM) ● *Adv* **[Modo]** **26** diretamente: *A cera do juízo esquenta, se derrete por dentro e o cristão entra feito nela, o seu inferno, de doideira* (CJ) ► **bem feito** usada para indicar aprovação a um castigo ou infortúnio sofrido por outrem; ótimo: *Bem feito, quem mandou sair daqui?* (ANT); *Foi castigo! Bem feito!* (FR) **em feito** à semelhança: *Atrás do primeiro pau veio o segundo, e, numa enfiada, em feito de cordão de maracujá, o terceiro e o quarto* (CL) **que ser feito de** usado para indagar sobre o paradeiro de alguém ou algo: *Perguntei o que era feito do galã* (IS); *Resta saber o que é feito do quantum em dinheiro* (BF)

feitor

Fonte: Borba (2002, p. 700)

Nesse dicionário, há o registro explícito da forma *feito* funcionando como um advérbio (de modo) significando *diretamente* (cf. abonação 26). Não é a forma linguística fazendo parte da locução adverbial (*de feito*), como nos demais registros.

A respeito desse uso adverbial, Neves (2012a) se posiciona em nota de rodapé dizendo que "a classificação como advérbio é questionável, já que *feito*, no exemplo, é uma palavra variável: *os cristãos entram feitos nela*" (NEVES, 2012a, p. 123). Como, no caso do exemplo apresentado por Borba (2002), o antecedente é um substantivo masculino (cristão), não há elementos suficientes para julgar a pertinência da classificação, segundo a consideração de Neves (2012a). Ademais, no exemplo apresentado, a forma está flexionada, o que é incompatível com a categoria de advérbio. Entretanto, dada a pouca produtividade desse uso na contemporaneidade, não se pode desconsiderar a possibilidade de o falante que o produziu tê-lo reinterpretado como adjetivo, na função de predicativo.

No dicionário da UNESP (2011), são registradas algumas acepções e categorias gramaticais presentes nos outros dicionários: adjetivo, substantivo e conjunção. Borba (2011) também destaca que o emprego da forma *feito* como conjunção é um uso da linguagem coloquial.

No quadro 7, a seguir, sistematiza-se a categorização gramatical da forma *feito* em todos os dicionários contemporâneos analisados nesta pesquisa.

Quadro 7: Categorização gramatical da forma *feito* nos dicionários contemporâneos analisados

FEITO						
Categorias	**Aulete** (1948)	**Melhoramentos** (1964)	**Aurélio** (1999)	**Houaiss** (2009)	**DUP** (2002)	**Dic. UNESP** (2011)
Verbo	X			X		
Substantivo	X	X	X	X	X	X
Adjetivo	X	X	X	X	X	X
Loc. adverbial	X	*	*	*		
Conjunção	X	X	X	X	X	X
Loc. interjetiva				X	*	

Fonte: Elaboração da pesquisadora com base nos dados investigados/ Observação: Onde há (*) significa que o nome da categoria não apareceu (locução adverbial/ interjetiva), mas houve registro do uso da forma nessa categoria.

Confrontando-se as categorizações dispostas nos quadros 2 (cf. p. 87) e 7 (cf. p. 96), é possível tecer algumas considerações de cunho mais generalista:

a) as categorias verbo no particípio e substantivo estão presentes desde o início, na categorização do dicionário mais antigo, *Diccionario da lingua portugueza* (BLUTEAU; SILVA, 1789), e no vocabulário *Portuguez e latino*, de Bluteau (1713); e já consta, não de modo direto (dentro da primeira acepção de substantivo), o registro do uso da forma *feito* integrando uma locução adverbial: *de feito*, nessas obras históricas e no dicionário etimológico de Cunha (1982);
b) o emprego da forma como substantivo foi categorizado em todos os dicionários, o que atesta tratar-se de uma função bastante antiga;
c) com exceção do dicionário de Bluteau e Silva (1789), a categoria adjetivo consta igualmente em todos os dicionários analisados[42];
d) nos dicionários etimológicos analisados, os autores registram o uso da forma *feito* já convertida em adjetivo, não aparecendo neles, por isso, a categoria gramatical verbo;
e) nenhum dos seis usos deixa de ser categorizado em pelo menos um dos dicionários consultados;
f) a forma *feito* funcionando como parte integrante de uma locução adverbial aparece categorizada explicitamente só no dicionário de Caldas Aulete (1948), mas há registro de seu uso nos outros três dicionários contemporâneos analisados (quadro 7), no dicionário de Bluteau e Silva (1789) e no dicionário etimológico de Cunha (1982); contudo, não consta nos dicionários elaborados a partir de um banco de dados, ou seja, o uso, na atualidade, não é produtivo;
g) a forma *feito* é categorizada como conjunção (elemento mais gramatical) em todos os seis dicionários contemporâneos analisados.

A partir da análise das obras lexicográficas, pode-se assumir que a forma *feito* passou por um processo de deslizamento semântico e funcional. No caso da função juntiva, esse deslizamento constitui uma evidência da passagem gradual de um item do léxico para a gramática; todavia, nem todas as propriedades da categoria lexical de origem (verbo no particípio) desaparecem, o que é previsível em processos de mudança categorial por gramaticalização.

---

[42] Esse, contudo, é um uso previsível, já que a forma de particípio tem natureza nominal adjetiva.

Pela análise etimológica empreendida, nota-se que todas as categorias funcionais da forma *feito* partem de um mesmo étimo. De acordo com o vocabulário *Portuguez e latino* e com os dicionários etimológicos, as categorias gramaticais primeiras (significados mais prototípicos), verbo no particípio, substantivo e adjetivo, têm como fonte a palavra latina *factus*. E, na consulta aos dicionários mais contemporâneos, comprovou-se que a forma *feito* que exerce as outras funções destacadas aqui neste estudo (conjunção, parte integrante de locução adverbial e de locução interjetiva) também advêm do mesmo étimo e, por isso, estão listadas na mesma entrada nos dicionários.

Após essa apresentação do objeto de estudo, de sua origem e de sua atestada multifuncionalidade na língua, no capítulo a seguir, são apresentadas a análise dos dados e a discussão dos resultados obtidos, confrontando-se os dados da amostragem linguística constituída com as referências teóricas elucidadas nos capítulos anteriores, e cotejando-se os dados do PE e do PB.

CAPÍTULO 4
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentam-se a análise dos dados e a discussão dos resultados obtidos levando-se em consideração os critérios descritos nos procedimentos metodológicos no capítulo 2. Buscou-se identificar e analisar a sistematicidade de usos do objeto de estudo e a sua produtividade em cada categoria linguística na qual se enquadra. Os resultados obtidos, a partir da amostragem linguística, confirmaram a multifuncionalidade da forma *feito* no português contemporâneo tanto na modalidade brasileira quanto na europeia do português.

Com base na análise empreendida, identificou-se que a forma *feito* exerce seis funções na língua portuguesa contemporânea, que ocorrem em nove contextos de uso: verbo no particípio na formação de tempo composto, verbo no particípio introduzindo oração adverbial reduzida, verbo no particípio na formação da voz passiva, substantivo, adjetivo qualificador, adjetivo classificador, locução adverbial (parte integrante de locução), conjunção comparativa (juntivo) e locução interjetiva (parte integrante de interjeição).

Na seção 4.1, descreveu-se a produtividade de tais categorias. Em 4.2, com vistas a verificar se a multifuncionalidade da forma *feito* se manifestava de modo semelhante ou não no PE e no PB, centrou-se a análise na comparação dos usos da forma nas duas variedades do português. Por fim, na seção 4.3, com o objetivo de verificar a existência de uma tendência de ampliação dos usos mais emergentes da forma *feito*, principalmente de seu uso juntivo, centrou-se a análise na comparação da produtividade dos usos da forma *feito* no PE e no PB nos séculos XX e XXI.

4.1 Produtividade dos usos da forma *feito*: resultados gerais

Conforme anunciado no capítulo 2, neste estudo analisou-se um total de 1200 ocorrências da forma *feito*. Dessas, 600 são da variante europeia e 600, da variante brasileira, sendo, nas duas variantes, 300 dados referentes ao século XX e 300, referentes ao século XXI. A tabela 1, a seguir, apresenta os resultados gerais da produtividade da forma *feito* no PB e no PE por categoria na amostra linguística analisada.

Tabela 1: Produtividade da forma *feito* no PE e no PB: resultados gerais

FORMA *FEITO*					
CATEGORIAS	FREQUÊNCIA (n) / (%) NO PB		FREQUÊNCIA (n) / (%) NO PE		TOTAL GERAL (n) / (%)
	SÉCULO				
	XX	XXI	XX	XXI	
VERBO	60/ 5%	18/ 1,5%	120/ 10%	28/ 2,34%	226/ 18,84%
SUBSTANTIVO	79/ 6,59%	91/ 7,58%	49/ 4,08%	154/ 12,84%	373/ 31,09%
ADJETIVO	112/ 9,34%	76/ 6,33%	101/ 8,42%	94/ 7,83%	383/ 31,92%
LOCUÇÃO ADVERBIAL	7/ 0,58%	0/ 0%	8/ 0,67%	4/ 0,33%	19/ 1,58%
CONJUNÇÃO	32/ 2,67%	103/ 8,58%	7/ 0,58%	16/ 1,33%	158/ 13,16%
LOCUÇÃO INTERJETIVA	10/ 0,83%	12/ 1%	15/ 1,25%	4/ 0,33%	41/ 3,41%

Fonte: Dados coletados e analisados

Conforme se depreende dos resultados apresentados na tabela acima, o uso da categoria primeira da forma em estudo, assim indicado na tradição gramatical e também nos dicionários, qual seja, verbo no particípio, já não é o mais produtivo na língua portuguesa. De um total de 1200 dados analisados, apenas 226 (18,84%) ocorrências são da categoria verbo no particípio. E, como estabelecido no capítulo 2, esse percentual reúne ocorrências de três contextos de uso nessa categoria: V2 de tempos compostos da voz ativa (cf. (92)), introdutor de oração subordinada adverbial reduzida (cf. (93)) e V2 da voz passiva (cf. (94)).

(92) "Todavia, se este guerreiro era imbatível, os seus sequazes não o eram, de modo que os nossos *haviam* também *feito* certo número de cativos, e como sói

acontecer co' os gentios, que se acometem e, quando fazem prisioneiros se retiram, a batalha estava já finda.” (PB) (Itálicos da pesquisadora)

(93) “Depois de *feito* esse diário, quem ele pode procurar?” (PB) (Itálico da pesquisadora)[43]

(94) “A promoção acima terminou (dia 07-fev-xdddx11), e o sorteio já *foi feito*.” (PB) (Itálicos da pesquisadora)

Esse resultado mostra, portanto, que a categoria verbal, considerada a mais prototípica nas obras de referência consultadas, já não é a mais produtiva na contemporaneidade (terceira posição em termos de frequência), quer no PB, quer no PE. Por conseguinte, isso implica que a forma em estudo está assumindo outras funções e deslizando para outras categorias.

Conforme os dados da amostragem, as categorias de adjetivo e de substantivo - registradas, ao lado da categoria de verbo no particípio, como usos primeiros da forma nas obras lexicográficas consultadas - são as mais produtivas na contemporaneidade, com frequência de 31,92% e de 31,09%, respectivamente. Somados os percentuais dessas duas categorias, obtém-se uma frequência superior a 60% das ocorrências do *corpus*. As ocorrências de *feito* na função de adjetivo representam a maior frequência, dado que confirma uma das hipóteses deste estudo, segundo a qual a categoria de adjetivo seria a mais produtiva na contemporaneidade.

Tendo em vista que as mudanças são lentas e graduais, a fluidez categorial se manifesta até mesmo dentro de uma mesma categoria, já que determinadas formas preservam mais traços próprios da categoria que outras, conforme se passa a detalhar.

A forma *feito* que participa da formação do tempo composto da voz ativa tem mais traços da categoria verbal que aquela que participa da construção passiva, apesar de não sofrer qualquer flexão verbal. Esta se manifesta exclusivamente no verbo auxiliar (verbo morfêmico), como no exemplo a seguir.

(95) “Gláuber falou que eu *tinha feito* um filme radical [...]”. (PB) (Itálicos da pesquisadora)

Em (95), a construção [*tinha feito*] está flexionada no pretérito mais-que-perfeito, em sua forma composta, indicando tratar-se de uma ação passada anterior a outra também passada.

---

[43] Muitas vezes, para dar maior realce à relação temporal, antepõe-se a locução prepositiva *depois de* ao particípio.

Nesse composto, apenas o verbo auxiliar (V1) se flexiona em número e em pessoa para concordar com o sujeito da oração de que participa (*eu*). O particípio (V2), por seu turno, permanece invariável. Já a forma *feito* que participa da formação da voz passiva analítica, apesar de manter traços verbais de V2, atestado, entre outros, pelo critério distribucional, carrega também traços da categoria de adjetivo, já que se flexiona para concordar com o sujeito. E, como destacou Azeredo (2021) ao contestar o posicionamento de incluir o particípio na categoria verbal, há uma alta regularidade da correspondência entre as construções do par voz ativa/voz passiva comprovada, inclusive, pelo fato de o particípio preservar as propriedades semânticas e os constituintes que cercam o verbo de origem (motivo pelo qual alguns estudiosos o enquadram na categoria verbal). Entretanto, diferentemente da forma do composto da voz ativa, nesse caso, o particípio carrega os traços nominais de gênero e de número, afastando-se, assim, da categoria dos verbos e aproximando-se da categoria dos nomes, mais especificamente dos adjetivos, pois concorda com o núcleo do sujeito a que se refere (cf. (96)).

> (96) "O filme *foi feito*, chamava-se Vendaval Maravilhoso [...]" (PB) (Itálicos da pesquisadora)

Em (96), é possível transformar a oração em que há a construção passiva em uma oração de voz ativa: "Fizeram o filme". Assim, se a diferença entre o par "O filme foi *feito*"/ "Fizeram o filme" é indicada por uma relação flexional entre *feito* e *fizeram*, *feito* deve ser incluído na categoria verbal assim como *fizeram*, o que justifica sua classificação como verbo. Por outro lado, a concordância em gênero e em número do particípio *feito* com o núcleo do sujeito *filme*[44] aproxima a construção passiva do nome (adjetivo), o que faz com que alguns autores considerem o particípio, nesse contexto, um adjetivo.

Situação parecida ocorre com a forma *feito* que introduz oração subordinada adverbial temporal reduzida. Nesse contexto, *feito* apresenta traços verbais porque funciona como um predicador na oração, assegurando, inclusive, seu estatuto sintático. Constitui uma oração adverbial, porque exerce função sintática de adjunto adverbial, que é tradicionalmente considerado um termo acessório. Apesar de não estar na forma finita, indica uma ação (processo), função prototípica da categoria dos verbos. Contudo, em virtude de seus traços nominais (flexão de gênero e de número tributárias da concordância com o núcleo do sintagma

[44] Neste exemplo, não há como observar a variação na flexão, uma vez que as formas estão no masculino e no singular, mas numa conversão com o sujeito flexionado seria possível perceber: "Os filmes foram **feitos**."

nominal a que se refere (cf. (97)), não é categorizado como verbo por alguns autores, conforme discutido no capítulo terceiro.

> (97) "*Feito* o convite, ele respondeu cheio duma cerimônia afetada: - Estou sem voz." (PB) (Itálico da pesquisadora)

Em (97), "*Feito* o convite" classifica-se tradicionalmente como uma oração subordinada adverbial temporal reduzida. *Feito* expressa o processo verbal de *fazer*, funcionando como uma forma verbal passiva ("Quando o convite foi *feito*") e introduz uma circunstância que indica tempo. Assim como o particípio da construção de voz passiva, apresenta traços nominais, pois concorda em gênero e em número com o sintagma nominal a que se refere: "o convite". Caso este sofra alguma flexão, o particípio também será flexionado. Sendo assim, a forma de particípio, que em si já tem uma natureza dual por compartilhar características tanto da categoria dos verbos quanto da dos adjetivos, mediante as necessidades comunicativas, desliza entre as categorias, passando a apresentar traços característicos de mais de uma delas, como se descreve ao longo deste capítulo.

Como já se problematizou, por meio da análise dos casos expostos acima, as categorias não são discretas, devendo ser analisadas em seu contexto de uso e mediante uma conjugação de critérios. Isso porque, devido à gradualidade do processo de mudança, as categorias acabam não apresentando limites rígidos, senão constituindo um conjunto de elementos, alguns dos quais mais prototípicos que outros. E esse movimento possibilita o surgimento de diferentes visões teóricas acerca da categorização e da compreensão de funcionamento das unidades linguísticas que buscam dar conta da fluidez categorial.

Conforme se constatou ao discutir os resultados da forma *feito* funcionando como verbo, o liame entre a função verbal de particípio e a função adjetiva é bastante tênue. A alta produtividade da forma *feito* como adjetivo, de certo modo, já era esperada, porque, com exceção do dicionário histórico (BLUTEAU; SILVA, 1789), a categoria de adjetivo aparece registrada em todos os dicionários analisados, ou seja, é uma categoria antiga na língua juntamente com as categorias de verbo no particípio e de substantivo. Ademais, devido à sua natureza (particípio **irregular**), a forma tende a deslizar da categoria verbal para a nominal (substantivo ou adjetivo). Ao se observar o funcionamento da língua, percebe-se que, quando os verbos admitem duas formas de particípio, a forma irregular tende a assumir uma função [+ nominal] do que sua forma regular [+ verbal], tanto é que esta é usada, em geral, de forma invariável com os auxiliares *ter* e *haver* na formação dos tempos compostos e aquela é usada

maioritariamente na formação da voz passiva com os verbos auxiliares *ser* e *estar*, sofrendo flexão nominal. Em alguns desses contextos, pelo seu estatuto gramatical e consequente incapacidade de predicar, o verbo auxiliar tende a ser frequentemente dispensado, o que faz com que o particípio, V2 da construção, seja reanalisado como um adjetivo. Conforme apresentado no segundo capítulo, isso já ocorria na língua latina.

Na função de adjetivo, *feito* pode ser tanto qualificador quanto classificador, conforme ilustrado a seguir:

> (98) "[...] como poucos na sala sabem quem é o Senhor Lopes julgam que o conferencista *está feito* com o Senhor Lopes." (PE) (Itálicos da pesquisadora)

> (99) "Há pouco tempo o velho e histórico bairro do Capanema foi descaracterizado, passando a denominar-se Jardim Botânico e isso foi conseguido através de um abaixo assinado *feito* na própria igreja local com a participação do pároco." (PB) (Itálico da pesquisadora)

Em (98), *feito*, mais especificamente a construção [*está feito*], está qualificando o substantivo *conferencista* indicando uma propriedade que não lhe é inerente: *bem-arranjado*, antes, é uma característica mais ou menos subjetiva, revestida de certa vaguidão o que pode ser uma *bem-aventurança* para uma pessoa pode não ser para outra. *Feito*, nessa construção, funciona como um adjetivo, modificando o nome *conferencista* e exercendo a função sintática de adjunto adnominal.

Já em (99), *feito* está especificando o sintagma nominal *abaixo assinado*. Não se trata de qualquer *abaixo assinado*, mas sim do "abaixo assinado *feito* na própria igreja local com a participação do pároco", ou seja, diferentemente do adjetivo qualificador, aqui o atributo coloca o substantivo (o SN) em uma subclasse, delimitando-o.

Ocupando a segunda posição em termos de frequência (31,09%), identificou-se o uso da forma na função de núcleo de um SN, isto é, categorizado como uma forma substantiva:

> (100) "No velório do corretor Amaral, corretor de imóveis, consegui um *feito*: chorei mais que a viúva e os filhos juntos, o que criou certo desconforto, mas a viúva se recuperou no enterro: diante de minha fala inflamada, desmaiou à beira da cova, como se quisesse seguir viagem também." (PB) (Itálico da pesquisadora)

Em (100), *feito* vem acompanhado de artigo (critério sintático), tem propriedade referencial (critério semântico), ocupa a posição de núcleo do sintagma nominal (critério distribucional), além de poder sofrer flexão nominal (critério morfológico). Integra, portanto, a categoria dos substantivos, significando que a ação realizada tinha alguma excepcionalidade. Pode-se dizer que a forma *feito* nessa função substantiva apresenta propriedade de hiperônimo, pois tem um sentido mais abrangente, que engloba o sentido de outras palavras, conforme se observa no exemplo a seguir:

> (101) "Grande parte destas composições tinha por objectivo celebrar os *feitos* portugueses, enaltecer a épica lusitana, criando o mito não só da invencibilidade dos nautas e guerreiros lusos, como também da superioridade da civilização e cultura europeias, ou simplesmente registar as experiências vividas." (PE) (*Corpus do Português*, itálico da pesquisadora)

Em (101), o substantivo *feitos* (os feitos portugueses) nomeia e engloba várias ações, "conquistas", "descobertas" dos portugueses que eles consideram uma grande façanha, tais como: a construção das caravelas para as viagens de exploração marítima, a descoberta do caminho marítimo para a Índia, a criação da Universidade de Coimbra, entre outros fatos históricos.

Na quarta posição em termos de frequência (13,16%), identificou-se o uso de *feito* na função de conjunção comparativa (cf. 102).

> (102) "Por estes lados, zona do campo, perdiz voa baixo *feito* codorna". (PB) (Itálico da pesquisadora)

O dado (102) ilustra um uso de *feito* que se classifica como uma forma juntiva cuja função é conectar duas orações estabelecendo uma comparação entre seus termos. Nesse contexto, observa-se que *feito* é invariável, como as demais formas que integram a categoria das conjunções, e pode ser substituída pela conjunção comparativa *como*, sem prejuízo para o valor de verdade da sentença, o que torna as duas formas variantes linguísticas. Nos termos de Azeredo (2021), o exemplo (102) ilustra um raciocínio comparativo em uma realização explícita, pois opera com os quatros elementos da comparação: termo comparado (perdiz), termo comparante (codorna), objeto da comparação (voar) e produto informado (igualdade – no modo de voar: baixo). Sendo assim, é uma comparação modal de igualdade expressa por

meio do conectivo *feito*. Por meio dessa constatação, alcançou-se o segundo objetivo específico deste trabalho, qual seja, ratificar, por meio de dados quantitativos, a tese de outros autores de que, em certos contextos linguísticos, *feito* funciona como uma conjunção subordinativa comparativa e identificar o tipo de comparação que ela estabelece.

De acordo com as obras consultadas, *feito* juntivo é classificado como um uso informal, coloquial, restrito ao âmbito da fala (PRADO; SILVA, 1964; NEVES, 1999; RODRIGUES, 2009; BORBA, 2002, 2011; PESTANA, 2023 [2013]) e as autoras Casseb-Galvão e Lima-Hernandes (2007) acrescentam que, no meio acadêmico, a forma *feito* na acepção de conjunção é marcada e estigmatizada. Contudo, nos dados da amostragem foram encontrados exemplos em contextos menos informais, como em (103):

> (103) "Fechava a porta quando olhei para dentro e vi Jacyr debruçado sobre a mesa. Sorridente *feito* criança que acaba de ganhar um presente, sacudia no ar a capa do disco de Márcia, gritando: - Você não me contou que tinha isso, bofe." (PB) (Itálico da pesquisadora)

Nesse exemplo, observa-se que *feito* conjuncional está no relato do narrador e não na fala do personagem, constituindo, assim, um contexto mais prototípico de escrita, que apresenta um grau de formalidade maior do que o da fala.

Portanto, de acordo com os critérios estabelecidos por Kortmman (1994 *apud* OLIVEIRA, 2014), *feito* nos exemplos (102) e (103) enquadra-se no que é chamado pela tradição gramatical de conjunção, pois:

(i) é uma forma não flexionável;

(ii) atua em uma oração que funciona como adjunto (verbo na forma finita): em (104), por exemplo, está dentro da oração "sorridente *feito* criança que acaba de ganhar um presente", que serve de "adjunto adverbial" à oração anterior "vi Jacyr debruçado sobre a mesa", no caso, recai sobre o SN "Jacyr";

(iii) não assume função argumental de sujeito/objeto na oração em que participa;

(iv) assume uma posição fixa na margem da oração: encabeça a oração adverbial comparativa;

(v) não pertence a um determinado registro ou modalidade da língua: apareceu tanto na modalidade de fala quanto na de escrita, por exemplo.

Em penúltima posição em termos de frequência (3,41%), identificaram-se 41 ocorrências que correspondem ao uso da forma *feito* funcionando como parte constituinte de uma interjeição, conforme se ilustra a seguir:

> (104) "A lógica iniludível dos factos a adverti-lo, e ele a obstinar-se com os olhos fechados! Era um bonaço, um palerma, um simples. Seguramente, infligiam-lhe o tratamento aviltante a condizer com a sua falida condição de vélho precoce. *Bem feito*! era muito *bem feito*! O abalo desta convicção ultrajante incendia-o outra vez, abrasava-o em fúrias duma pronta e sumária vingança. (PE) (Itálico da pesquisadora)

Nesse exemplo, *feito* forma uma construção com o advérbio *bem* e juntos funcionam como uma interjeição (locução interjetiva), pois este composto é um termo avulso na frase em que se encontra, não exerce nela nenhuma função sintática, além de ser invariável. Serve ainda para expressar o sentimento de satisfação, de prazer do falante em relação ao insucesso de alguém. Por meio da narração, percebe-se que o emissor considera que a pessoa mereceu sofrer, passar pelo que passou como consequência de sua escolha, de sua ação, pois esclarece que a lógica "iniludível dos factos" estava ali o advertindo; mesmo assim estava obstinado, não querendo ver a realidade ("olhos fechados"). Em seguida, profere "insultos" – *bonaço*, *palerma*, *simples* e *condição de velho precoce* – e declara que o que aconteceu foi "*Bem feito*!".

A baixa frequência desse uso deve ser considerada à luz de pelo menos dois fatores: (i) sua semântica revela uma atitude insensível, maléfica do falante e, por ser repreensível, tende a ser evitada, até mesmo como uma forma de preservação da face; (ii) a interjeição, dada sua funcionalidade de traduzir sentimentos e emoções, é uma categoria pouco produtiva na língua. Entretanto, *bem feito* é uma expressão usual na língua portuguesa contemporânea, sendo inclusive arrolada em um dos dicionários de usos (DUP, 2002).

O uso menos produtivo da forma (cf. tabela 1) é aquele em que integra uma locução adverbial (19 ocorrências/ 1,58%), conforme ilustrado em (105):

> (105) "Revelou - claro - este pensamento injustificável, em que havia a insciência de princípios rudimentares da sua arte de par com o olvido de acontecimentos recentes; e cumulou tal deslize planeando a mais desastrosa das disposições assaltantes. *De feito*, acometendo a um tempo por dois lados, os batalhões, de um e outro extremo, carregando convergentes para um objetivo único, fronteavam-se a

> breve trecho, trocando entre si as balas destinadas ao jagunço. (PB) (Itálico da pesquisadora)

Nesse exemplo, *feito* é um substantivo que juntamente com a preposição *de* forma a construção [*de feito*], sintagma preposicional que funciona como uma locução adverbial com função modalizadora, uma vez que expressa atitude do falante em relação ao conteúdo do discurso, incluindo um grau de certeza, um valor de verdade. Acredita-se que a baixa frequência se deva ao fato de esse uso não ser mais recorrente na língua portuguesa contemporânea. Por isso, conserva-se somente na escrita, contexto mais conservador do que o da fala.

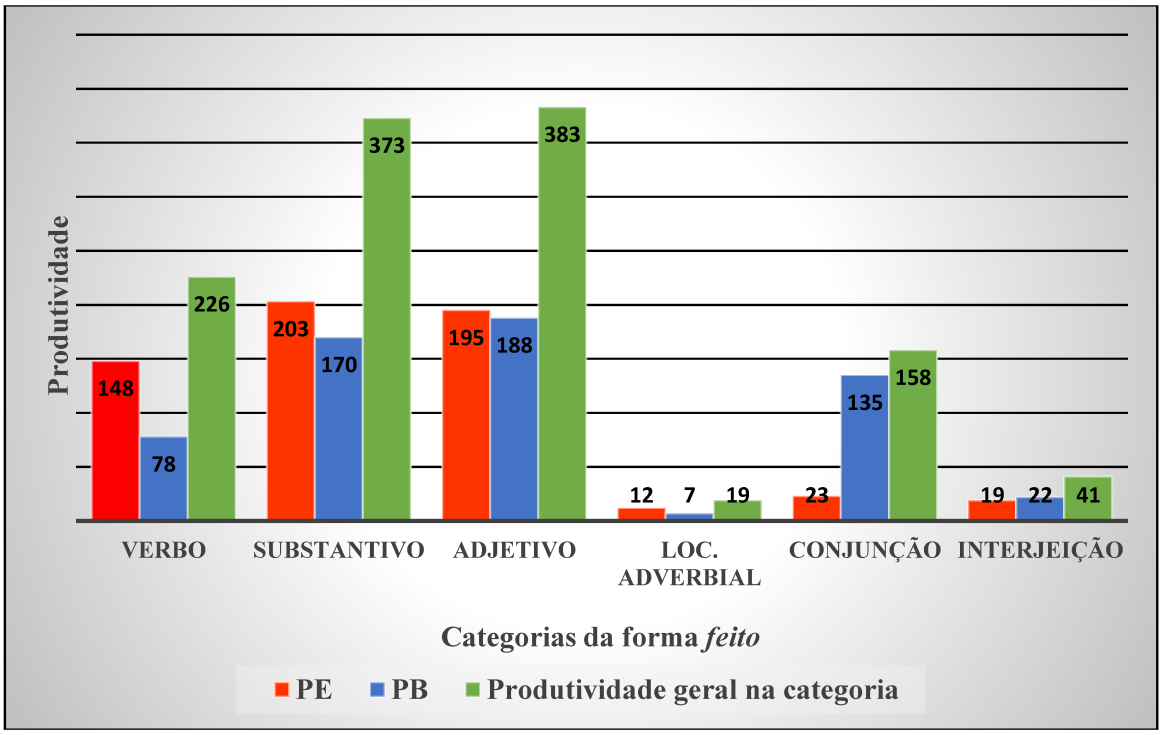
No DUP (BORBA, 2002), há o registro de uma acepção de *feito* empregado como advérbio e não como parte de locução, mas, na amostragem desta pesquisa, ele não foi flagrado. Além disso, cabe destacar que não houve outras variações da locução, já que todas aquelas identificadas eram compostas pela preposição *de*.

A ocorrência de 81,85% das categorias gramaticais primeiras (verbo, substantivo e adjetivo), restando 18,15% para as demais categorias (locução adverbial, conjunção e interjeição), demonstra que as classes com significados mais concretos são mais produtivas, além do que as categorias de verbo e de nome são essenciais na língua. Comparando-se as categorias gramaticais primeiras e mais concretas (verbo, substantivo e adjetivo) com as categorias mais abstratas e menos produtivas (locução adverbial, conjunção e interjeição), verifica-se que as primeiras fazem parte de um grupo de palavras variáveis, ao passo que as outras integram um grupo de palavras invariáveis. Isso está relacionado ao processo de gramaticalização da forma e mostra que *feito* está deslizando do léxico para a gramática.

4.2 Análise comparativa entre os usos da forma *feito* no PE e no PB

Realizada a análise da frequência total dos usos da forma *feito* no português contemporâneo na amostragem, verificou-se que a multifuncionalidade se manifesta tanto na variante brasileira quanto na europeia, o que confirma a segunda hipótese deste estudo. Assim, com vistas a verificar se essa multifuncionalidade se manifestava de modo semelhante ou não nas duas variedades do português, empreendeu-se uma análise comparativa das frequências de uso da forma nas duas variedades. No gráfico 1, a seguir, estão disponibilizados tais resultados.

Gráfico 1: Análise comparativa da produtividade dos usos da forma *feito* no PE e no PB



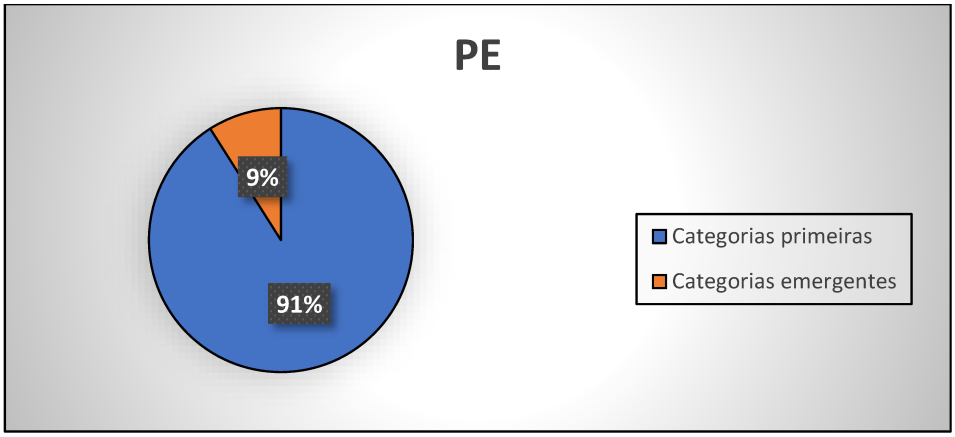
Fonte: Dados desta pesquisa

Como se pode observar no gráfico, a multifuncionalidade se manifesta nas duas variedades e há um padrão de uso da forma *feito* muito semelhante entre elas, que destoa, de fato, apresentando maior discrepância, no uso juntivo, que se mostrou mais produtivo no PB.

As categorias gramaticais primeiras são mais produtivas tanto no PE quanto no PB. Entretanto, comparando os usos nas duas variantes, observa-se que, no PE, a frequência dessas categorias sempre é mais elevada do que no PB, o que de certa forma era esperado, uma vez que o PE é mais conservador que o PB. E, por outro lado, as categorias com os usos mais emergentes apresentam maior produtividade no PB, comparado ao PE (cf. gráficos 2 e 3), o que confirma a terceira hipótese deste estudo.

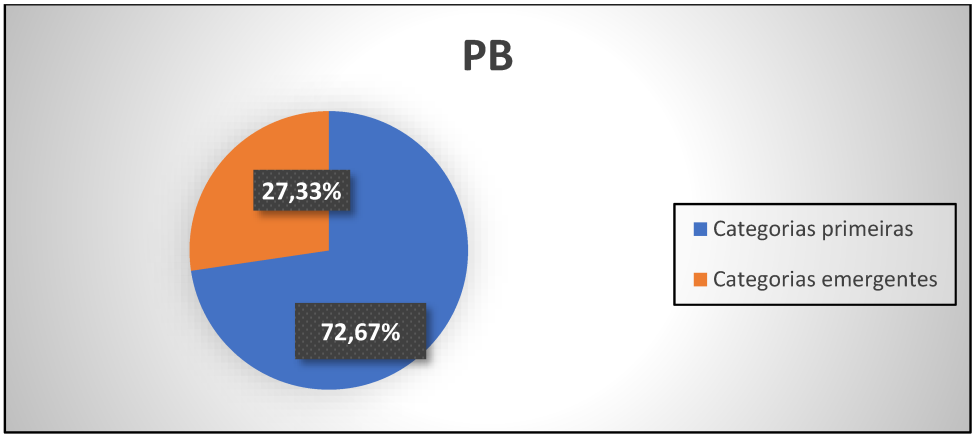
No PE, de 600 ocorrências da forma *feito*, 546 (91%) são das categorias primeiras e 54 (9%) são das categorias emergentes. E, no PB, de 600 ocorrências, 436 (72,67%) são das categorias primeiras e 164 (27,33%) são das categorias emergentes, conforme se observa nos gráficos 2 e 3, apresentados a seguir.

Gráfico 2: Frequências das categorias primeiras *versus* emergentes no PE



Fonte: Dados da pesquisa

Gráfico 3: Frequências das categorias primeiras *versus* emergentes no PB

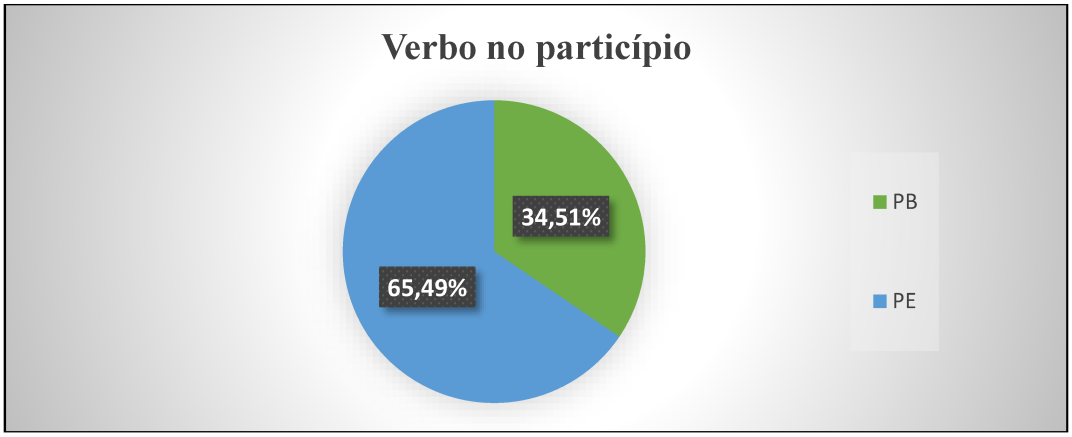


Fonte: Dados da pesquisa

Apesar de, conforme demonstrado pelos dados do gráfico 1, haver uma proximidade de padrão entre os diversos usos da forma *feito* nas duas variedades de língua portuguesa aqui analisadas, há algumas especificidades, que passam a ser evidenciadas comparativamente por categoria.

Comparando as frequências da categoria verbal nas duas variedades do português analisadas, observa-se que essa função é mais recorrente no PE, como se nota no gráfico 4 abaixo.

Gráfico 4: Dados de *feito* como verbo no particípio no PE e no PB

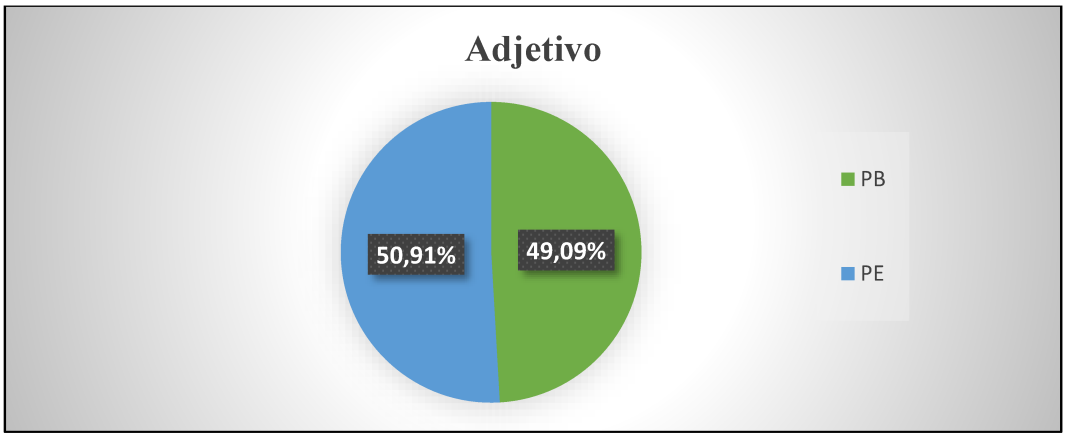


Fonte: Dados coletados e analisados

Esse resultado demonstra que são os dados do PE que contribuem de modo mais substancial para a frequência total dessa categoria, já que de um total de 226 dados, 148 (65,49%) são do PE e apenas 78 (34,51%) dados são do PB, o que atesta o maior conservadorismo do PE em relação ao PB

Comparando as frequências da categoria mais produtiva na língua portuguesa, qual seja, a do adjetivo, nas duas variedades, observa-se que há um padrão de uso muito próximo entre elas, como se pode verificar no gráfico 5, a seguir.

Gráfico 5: Dados de *feito* como adjetivo no PE e no PB

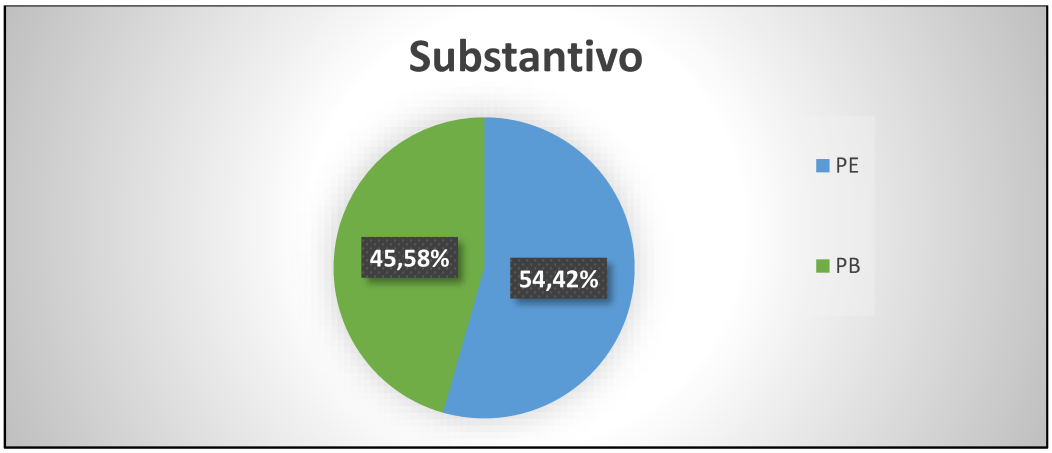


Fonte: Dados coletados e analisados

Das 383 ocorrências de *feito* como adjetivo, 195 (50,91%) são da variedade portuguesa e 188 (49,09%) são da variedade brasileira, o que revela uma similaridade de funcionamento dessa categoria nas duas variedades do português.

Assim como ocorreu na categoria dos adjetivos, as frequências das categorias dos substantivos (cf. gráfico 6) e das interjeições (locução interjetiva) (cf. gráfico 7) nas duas variedades do português apresentam um padrão de uso muito próximo.

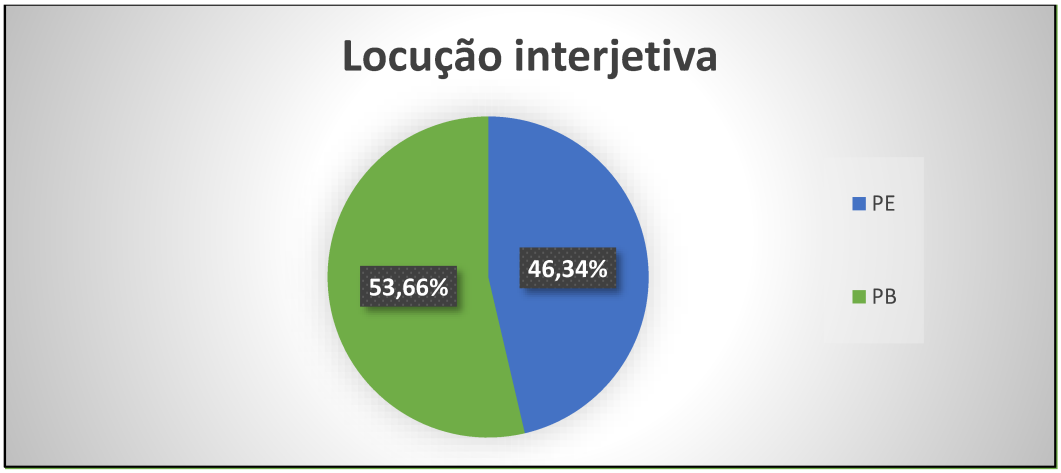
Gráfico 6: Dados de *feito* como substantivo no PE e no PB



Fonte: Dados coletados e analisados

Das 373 ocorrências de *feito* como substantivo, 203 (54,42%) são da variedade europeia e 170 (45,58%) são da variedade brasileira. Em relação ao adjetivo, nesta categoria nominal, a similaridade dos usos é um pouco menor.

Gráfico 7: Dados de *feito* como locução interjetiva no PE e no PB

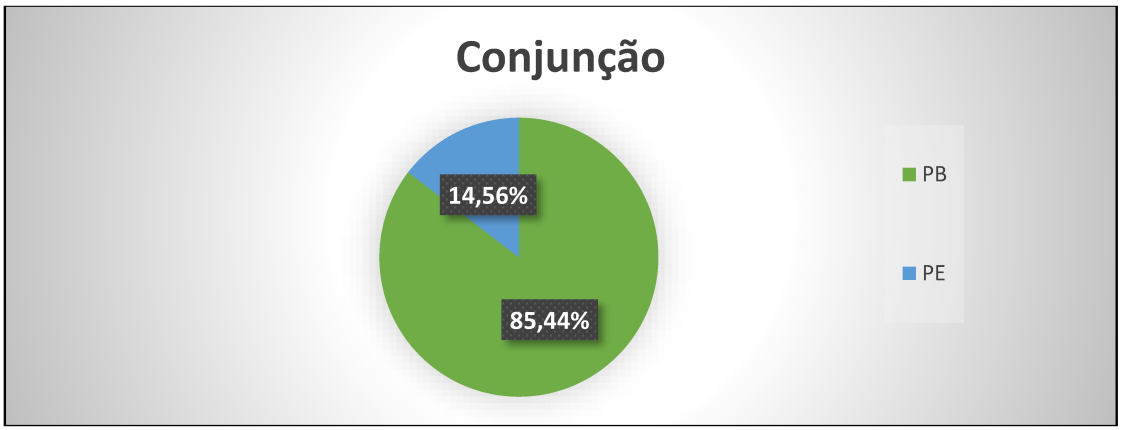


Fonte: Dados coletados e analisados

Das 41 ocorrências de *feito* como locução interjetiva, 19 (46,34%) são da variedade europeia e 22 (53,66%) são da variedade brasileira, atestando, mais uma vez, uma similaridade de padrões entre as duas variedades, com um ligeira predominância de uso para a variedade brasileira. Isso sugere que o falante brasileiro tende a impingir mais emoção ao discurso que o falante europeu.

Já comparando as frequências da categoria de conjunção, identifica-se grande discrepância entre as duas variedades, conforme os dados dispostos no gráfico 8 abaixo.

Gráfico 8: Dados de *feito* como conjunção no PE e no PB



Fonte: Dados coletados e analisados

Das 158 ocorrências de *feito* como conjunção, 23 (14,56%) são da variedade europeia e 135 (85,44%), são da variedade brasileira. Apesar da baixa produtividade no PE, esse dado é relevante, porque os estudos até então realizados registram que a forma *feito* que funciona como conjunção é um uso característico da variedade brasileira (cf. (106) e (107)). Isso está registrado, inclusive, em alguns dicionários (CALDAS AULETE, 1948; FERREIRA, 1999). Entretanto, como pode ser conferido na amostra desta pesquisa, tal uso também ocorre na variante europeia (cf. (108) e (109)), o que responde ao terceiro objetivo desta pesquisa e comprova que o uso juntivo é mais produtivo na variante brasileira.

> (106) "[...] por exemplo eu tenho muita planta dentro d'água mas - umas eu vou experimentando e vejo que não dão elas vão perdendo - tem uma *feito* um coqueiro que eu não sei o nome dela é verde não não dá flores - tem aqui uma azul (4s) essa planta que é muito bonita é *feito* um coqueirinho [...]." (PB) (Itálicos da pesquisadora)

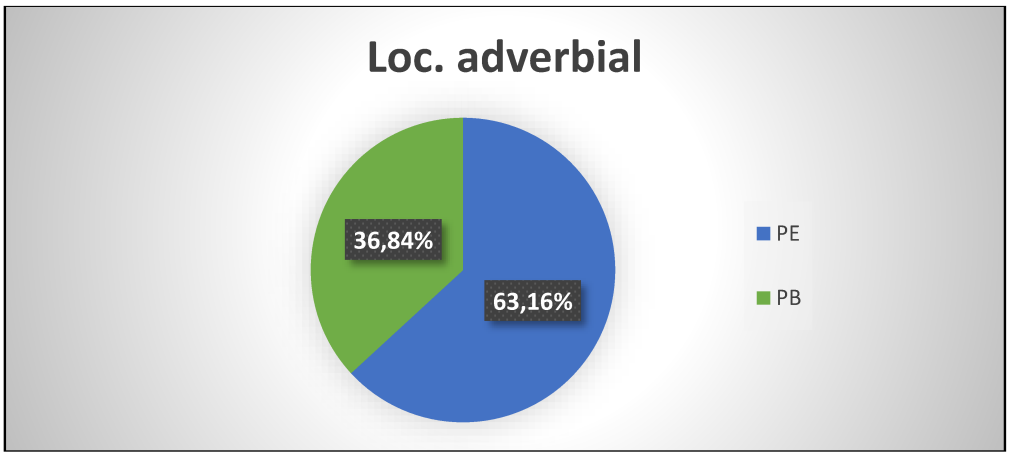
(107) “Não é que estivesse exatamente bêbado, na hora da nossa conversa. Mas a gente sentia o cara encharcado da uca. *Feito* um barro depois da chuva. Ele era até simpático, boa-pinta; ficou de nariz vermelho *feito* um tomate, olho aguado. (PB)

(108) “TOP 10 -- Consoles que afundaram *feito* pedra A história dos videogames nos mostra muita majestade, sucessos [...].” (PE) (Itálico da pesquisadora)

(109) “Minha memória evapore *feito* água duma lágrima minha lembrança se vá sem deixar lembrança alguma em seu devido [...].” (PE) (Itálico da pesquisadora)

Por fim, apresentam-se aqui as frequências da forma *feito* na locução adverbial. Comparando as duas variedades, percebe-se que ela é mais produtiva no PE.

Gráfico 9: Dados de *feito* como locução adverbial no PE e no PB



Fonte: Dados coletados e analisados

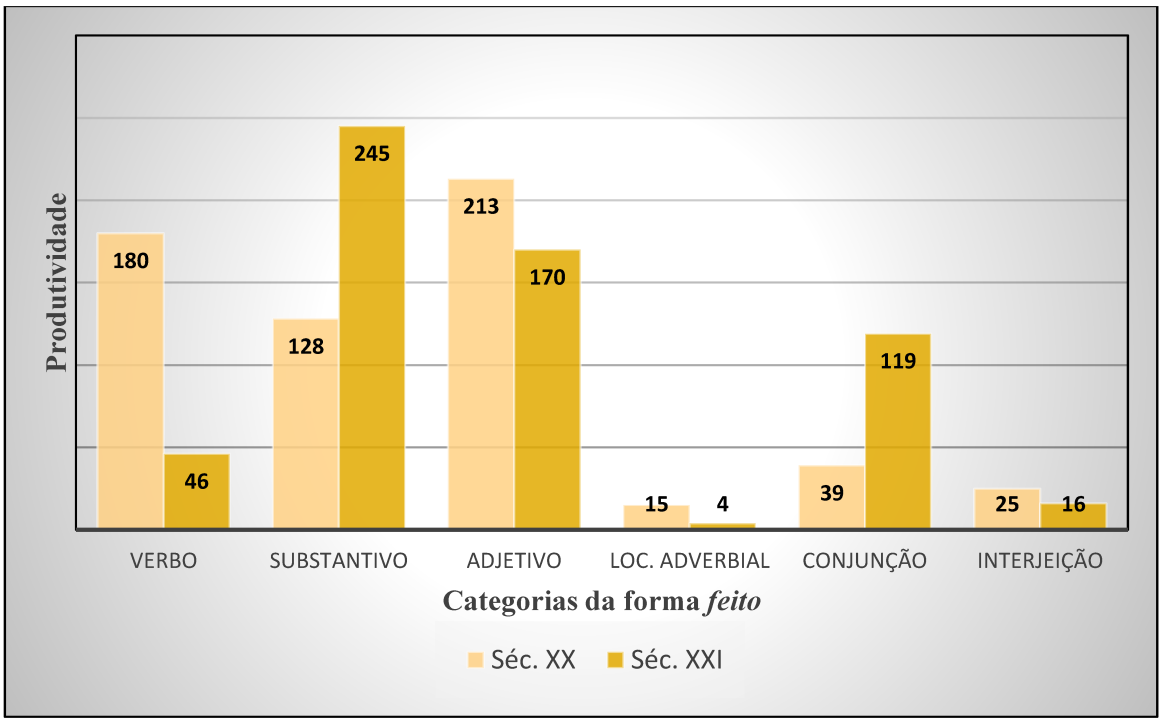
Das 19 ocorrências de *feito* integrante da locução adverbial, 12 (63,16%) são da variedade portuguesa e 7 apenas (36,84%) são da variedade brasileira. Como já mencionado, isso parece se correlacionar ao maior conservadorismo do PE, que tende a reter formas mais antigas, ao passo que o PB tende à inovação.

Passa-se, a seguir, à análise comparativa da produtividade dos usos da forma *feito* nos séculos XX e XXI, com vistas a verificar as tendências de expansão dos usos.

4. 3 Análise comparativa da produtividade dos usos da forma *feito* no PE e no PB nos séculos XX e XXI

Para se alcançar a segunda parte do último objetivo desta pesquisa, que é comparar os usos da forma *feito* nos séculos XX e XXI e verificar se existe uma tendência de ampliação e/ou redução de seus usos mais emergentes, principalmente de seu uso juntivo, as frequências de cada categoria nos respectivos séculos foram dispostas no gráfico 10, a seguir.

Gráfico 10: Produtividade dos usos da forma *feito* no português nos séculos XX e XXI



Fonte: Dados coletados e analisados

Segundo os dados obtidos na amostragem constituída para este estudo, nota-se que apenas duas categorias (substantivo e conjunção) expandiram seus usos do séc. XX para o séc. XXI. Pode-se afirmar que, de modo geral, o uso de *feito* como verbo no particípio caiu consideravelmente de um século para outro, pois, do total de 226 ocorrências coletadas, 180 (79,65%) são do século XX e 46 (20,35%) são do século XXI. Esses dados comprovam o que está materializado nos dicionários consultados[45]. A função de verbo aparece registrada no dicionário de Bluteau e Silva (1789), no de Machado (1981), mas não consta no de Cunha (1982) com esta acepção de verbo, mas somente como substantivo e como adjetivo (e há menção da locução adverbial *de feito*). Cabe ainda destacar que a categoria linguística de verbo não consta em nenhum dos dois dicionários baseados em usos (DUP e Dic. UNESP) consultados nesta pesquisa, o que demonstra que, de fato, seu emprego se tornou menos usual

[45] Atesta que os dicionários constituem um considerável instrumento para o estudo da mudança linguística, visto que permitem a identificação dos usos da época.

neste último século, além do fato já discutido de que muitos estudiosos já consideram o uso do particípio como verdadeiro adjetivo.

Os dados dispostos no gráfico 10 mostram que, no século XXI, há uma ampliação do uso da forma *feito* funcionando como substantivo das 373 ocorrências de *feito* categorizadas como substantivo, 245 (65,68%) concentram-se no século XXI. Além disso, a produtividade da forma como adjetivo, apesar de ter diminuído um pouco em relação ao séc. XX, ainda permanece alta: das 383 ocorrências categorizadas como adjetivo, 170 (44,39%) estão em usos do século XXI. Tomando por base os registros nos dicionários, este resultado já era esperado, uma vez que essas categorias linguísticas de substantivo e de adjetivo estão presentes em todos os dicionários consultados[46]; isso significa que desde sempre os falantes empregam a forma *feito* como uma categoria nominal.

Em relação à categoria de locução adverbial, a produtividade, que já era baixa, diminuiu mais ainda. No século XX, computaram-se 15 ocorrências, em um total de 19, da forma *feito* participando da locução adverbial (*de feito*), o que corresponde a um percentual de 78,95%. Já no século XXI, esse percentual se reduz a (21,05%). Em relação ao percentual geral dos dados, esses valores correspondem a 1,25% de ocorrência de *feito* na locução adverbial no século XX e a 0,33% no século XXI. Tais valores podem ser considerados residuais, sugerindo que esse é um uso que está desaparecendo da língua. Esse resultado corrobora ainda o que está posto nos dicionários, já que só apareceu registrado no dicionário Caldas Aulete (1948), o mais antigo entre os dicionários contemporâneos selecionados para esta pesquisa. Como não há registro nos dicionários mais recentes, os percentuais de frequência são baixos e estão diminuindo de um século a outro, pode-se afirmar que se trata de uma categoria em desuso, principalmente, se considerarmos a ausência de abonações em dicionários produzidos a partir de banco de dados (DUP, 2002; Dic. Unesp, 2011).

Outra categoria que, de acordo com os dados computados no gráfico 10, ampliou produtividade na passagem do séc. XX para o séc. XXI foi a conjunção: a frequência de uso da forma *feito* como conjunção passou de 24,68% (séc. XX) para 75,32% (séc. XXI). Esse resultado responde ao último objetivo, que consistiu em verificar se existe uma tendência de ampliação do uso juntivo da forma *feito* do século XX para o XXI, o que foi confirmado pelos dados.

[46] Somente no dicionário de Bluteau (1789) que a categoria adjetivo não apareceu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação, que se enquadra na área de concentração da Linguística Teórica e Descritiva, mais especificamente na linha de pesquisa da Variação e Mudança Linguística, se propôs a apresentar um estudo comparativo da multifuncionalidade da forma *feito* nas variedades brasileira (PB) e europeia (PE) da língua portuguesa. Buscou-se, a partir de uma perspectiva sincrônica, captar e descrever os padrões de comportamento linguístico dos usos de *feito* para identificar os seus deslizamentos funcionais na contemporaneidade e verificar se o processo de mudança da forma se deu de modo semelhante no PE e no PB. Para tanto, assumiu-se que *feito* é uma forma multifuncional, desempenhando funções mais lexicais e mais gramaticais. Explorou-se, portanto, a conjectura de que esses usos da forma *feito* na língua portuguesa na atualidade são resultados de um processo de mudança linguística e que *feito* não funciona mais apenas como uma forma verbal no particípio.

Apresentada a problematização, buscou-se responder às seguintes questões de pesquisa: (a) a forma *feito* é, de fato, multifuncional na língua e todos os seus usos são oriundos do mesmo étimo?; (b) quais são os usos/funções que a forma *feito* desempenha na sincronia atual da língua portuguesa?; (c) tais usos são semelhantes no PB e no PE, quer em termos de função, quer de produtividade?; (d) quais funções são mais produtivas na língua portuguesa contemporânea?; (e) a função juntiva é uma especificidade da variante brasileira?; e (f) existe uma tendência de ampliação/redução dos usos da forma *feito* na passagem do séc. XX para o séc. XXI, que foram as sincronias analisadas?

O objetivo principal do estudo consistiu em analisar e descrever os usos da forma *feito*, relacionando suas funções e respectivas categorias linguísticas no PB e no PE, visando, sobretudo, a verificar se, tal como registrado em algumas obras lexicográficas, a função juntiva de *feito* se restringe ao PB. Buscou-se ainda, a partir da consulta a obras lexicográficas, explorar a hipótese da polissemia da forma, bem como identificar suas categorias/funções mais antigas. Para dar conta desse empreendimento, adotou-se o aporte teórico do Funcionalismo Linguístico, nas suas vertentes mais gerais, embasando-se prioritariamente nos estudos de Neves (2001, 2006, 2011a, 2011b [2000], 2018a, 2018b).

A categorização dos 1200 dados analisados obedeceu a uma conjugação de critérios e atestou a multifuncionalidade da forma *feito* nas duas variedades do português estudadas. A partir da consulta a obras lexicográficas e etimológicas, concluiu-se que os diversos usos da forma representam casos de polissemia, mais especificamente de heterossemia, uma vez que se

diluem em classes gramaticais diferentes. Desse modo, pode-se afirmar que todas as funções/categorias provêm do mesmo étimo: *factus*, *-a*, *-um.*

A análise quali quantitativa empreendida revelou que *feito* exerce seis funções na língua portuguesa, manifestas em nove usos: verbo no particípio na formação de tempo composto, verbo no particípio introduzindo oração reduzida adverbial, verbo no particípio na formação da voz passiva, substantivo, adjetivo classificador, adjetivo qualificador, locução adverbial (parte integrante de locução), locução interjetiva (parte integrante) e conjunção comparativa (juntivo). Tais funções foram identificadas tanto no PB quanto no PE, com padrões semelhantes de uso em se tratando, principalmente, das categorias verbais e nominais, mas com discrepância significativa no uso juntivo. Embora se tenha verificado que não se trata de uma especificidade do PB, como defendem alguns autores, a produtividade da forma como conjunção comparativa é bastante baixa no PE. A análise empreendida revelou ainda que as categorias primeiras (verbo, substantivo e adjetivo) são as mais produtivas na língua portuguesa (81,76% das ocorrências) em comparação às demais categorias (locução adverbial, conjunção e interjeição). Comparando os usos nas duas variedades, observa-se que, no PE, a produtividade dessas categorias sempre é mais elevada do que no PB, o que de certa forma era esperado, uma vez que o PE tende a ser mais conservador que o PB. Em contrapartida, as categorias mais abstratas apresentam maior produtividade no PB.

No tocante à comparação dos usos nas sincronias do séc. XX e do séc. XXI, verificou-se uma ampliação das ocorrências de *feito* como substantivo e como conjunção e uma redução nos usos como verbo e como integrante de locução adverbial, sendo esta uma função bastante residual na contemporaneidade. As categorias de adjetivo e de interjeição apresentaram pequena variação de frequência entre um século e outro, o que sugere uma relativa estabilidade nesses usos.

Este estudo, apesar de ter cumprido o que se propôs a fazer, certamente não esgotou o assunto. De fato, ainda há o que se estudar e entender acerca da forma *feito* e de seu funcionamento na língua portuguesa. Uma das limitações do estudo está na própria questão teórica, pois ainda se sabe muito pouco sobre a natureza da fluidez categorial. Além disso, sistematizar a fluidez da linguagem, das categorias linguísticas é algo extremamente complexo e difícil de se alcançar. Sendo assim, é necessário encontrar meios para acomodar as variações, a multifuncionalidade das formas linguísticas, sobretudo porque essa fluidez não é caótica, já que a língua é um sistema estruturado, mas acarreta dificuldades tanto para professores de língua materna, quanto para os estudantes.

Embora a multifuncionalidade seja tomada por funcionalistas como uma premissa básica do funcionamento da língua, pouco se sabe a respeito de sua mecânica. Por isso esse trabalho é significativo, pois traz para o centro de sua discussão pontos relevantes e necessários (homonímia, polissemia, heterossemia, fluidez categorial, entre outros) para tratar desse tema. Por exemplo, a forma linguística estudada tem significados. Mas esses significados são unificados ou dispersos? Essa dispersão é polissêmica ou heterossêmica?

Entende-se que a multifuncionalidade está relacionada ao fenômeno de heterossemia, porque há mudança de categoria (classes de palavras). E se isso é um fato, que modelagem de gramática é necessária para dar conta de descrever tal fenômeno? Como modelar isso funcionalmente? É fundamental uma teoria de gramática que possibilite estabelecer os critérios necessários para organizar as categorias linguísticas. E destaca-se que não é uma questão de definição de categoria, antes é uma questão de estabelecimento, pois uma vez que há definição, o que não se enquadra nela não pode fazer parte de determinada categoria. Mas uma vez que se estabelece uma categoria com propriedades, a forma linguística em questão apresenta mais ou menos propriedades de determinada categoria. Assim, há condições para se trabalhar com o fenômeno da gradiência.

Esta dissertação buscou equacionar noções. Algumas direções foram apresentadas ao longo do estudo para se trabalhar o fenômeno da multifuncionalidade. Assentou-se as bases necessárias para a continuação do desenvolvimento desse tipo de questão.

Apesar das limitações, inerentes a qualquer trabalho científico, acredita-se que este estudo cumpriu os seus objetivos e que os resultados alcançados contribuem, em alguma medida, para a descrição da língua portuguesa no PB e no PE, principalmente no que toca às questões de categorização e de multifuncionalidade da forma *feito*. Espera-se que esta pesquisa contribua também com o trabalho docente para a promoção de um ensino pautado no funcionamento real, autêntico da língua.

REFERÊNCIAS

AARTS, Bas. **Syntactic Gradience***:* The Nature of Syntactic Indeterminacy. Oxford: OUP, 2007.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola, 2021.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editora, 2012.

BARRENECHEA, Ana Maria. "Las classes de palabras en español, como clases funcionáles". In: **Romance Philology**. Vol. 17, n° 2, novembro, 1963, p. 301-309.

BARRETO, Therezinha Maria Mello. **Gramaticalização das construções na história do português**. Tese de Doutoramento em Letras. Salvador. UFBA, 1999.

BASILIO, Margarida. **Teoria lexical**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

BASILIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. New York: CUP, 2010.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual., conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009 [1961].

BLUTEAU, Rafael. **Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico ... : autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes , e latinos; e offerecido a El Rey de Portugal D. Joaõ V. Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu** : Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 8 v; 2 Suplementos, 1713 [1712-1728].

BLUTEAU, Rafael.; SILVA, Antonio de Moraes. **Diccionario da Lingua Portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau. Reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva**. Lisboa, 1789.

BORBA, Francisco S. **Dicionário de Usos do Português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

BORBA, Francisco S. (org.). **Dicionário UNESP do português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2007 [1969].

CAMARA JR. Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática***:* referente à língua portuguesa. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007 [1985].

CALDAS AULETE, F J. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 3.ed. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1948.

CASSEB-GALVÃO, V. C.; LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Gramaticalização e ensino. In: GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Org.) **Introdução à Gramaticalização:** princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2020 [1964].

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 3.ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962 [1938].

CROFT, William. **Radical construction grammar:** syntactic theory in typological perspective. New York: OUP, 2001.

CUNHA. Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo.** 4. ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lexicon, 2007 [1985].

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael J. **O corpus do Português**: Historical / Genres e Web / Dialects, 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 14 jun. 2021.

FERNANDES, Henrique Nuno. **Português Descomplicado**. Rio de Janeiro: Ed. Ferreiro, 2010.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI:** o dicionário de língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FURTADO DA CUNHA, A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da linguística funcional centrada no uso. **Revista do GELNE**, Natal, v. 15 Número Especial: 53-78, 2013.

GIVÓN, Talmy. **Syntax and Semantics:** Discourse and Syntax, v. 12, Nova York: Academic Press, 1979.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Flexão e derivação: o grau. VIEIRA, Sílvia Rodrigues & BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (org.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011 [2007].

HEINE, Bernd. **Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1993.

HOPPER, Paul. **Emergent Grammar**. Berkeley Linguistics Society, v. 13, 1987.

HOPPER, Paul.; TRAUGOTT, E.C. **Grammaticalization**. Second edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUBER, Joseph. **Gramática do português antigo**. Tradução de Maria Manuela Gouveia Delille Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian,1933.

KURY, Adriano da Gama. **Novas Lições de Análise Sintática**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1999 [1986].

LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LICHTENBERK, Frantisek. **Semantic Change and Heterossemy in Grammaticalization**. USA: Linguistic Socicty of America, 1991.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. **A Interface sociolinguística/gramaticalização: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como: sincronia e diacronia**. Campinas, São Paulo: [s.n.], 2005.

MACHADO, Jose Pedro. **Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa**. Lisboa: Horizonte/Confluência, V. 3, 1981.

MATEUS, Maria Helena et al. **Gramática da Língua Portuguesa.** Caminho Lisboa, 2003 [1983].

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**, Tomo I. Prof. Dr. Darcy Carvalho. São Paulo, 1955.

NEVES, Maria Helena de Moura. Aspectos da gramaticalização em português. In: DUARTE, Lélia Parreira et al (Org.). **Para sempre em mim:** homenagem à Professora Ângela Vaz Leão. Belo Horizonte: PUC Minas, 1999.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática: história, teoria e análise, ensino.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional.** São Paulo: Martins Fontes, 2004 [1997].

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos de português**. 2.ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011 [2000].

NEVES, Maria Helena de Moura. **Como as palavras se organizam em classes**. Portal da Língua Portuguesa, 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2022 [2006].

NEVES, Maria Helena de Moura. **A Gramática passada a limpo**. São Paulo: Parábola. 2012a.

NEVES, Maria Helena de Moura. A análise funcionalista e o estabelecimento de quadros categoriais na gramática. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 20, n. 1, p. 99-117, 2012b. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/124847>. Acesso em: 09 jul. 2022.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática do português revelada em textos.** São Paulo: Ed. Unesp, 2018.

OLIVEIRA, Taísa Peres. Conjunções adverbiais no português. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 22, p. 45-66, 2014.

PRADO E SILVA, Adalberto. (org.) **Novo dicionário brasileiro Melhoramentos**. 2. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo, 1964.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 2016.

PESTANA, Fernando. **A gramática para concursos públicos**. 5. ed., atual e ampl. Rio de Janeiro: Método, 2023.

PINILLA, Maria da Aparecida de. Classes de palavras. In: VIEIRA, Sílvia Rodrigues & BRANDÃO, Sílvia Figueiredo (org.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011 [2007].

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 48. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010 [1957].

RODRIGUES, Violeta Virginia. **Construções comparativas: estruturas oracionais?** Tese de Doutoramento em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da UFRJ, 167 p., 2001.

RODRIGUES, Violeta Virginia. Comparativas de igualdade canônicas e não-canônicas em português **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v.8, n. 10.1, p. 129-140, 2014.

ROSCH, Eleonor. On the internal structure of perceptual and semantic categories. **Cognitive development and the acquisition of language**, 111-144. Editado por T. Moore. New York: Academic Press, 1973.

SACCONI, Luiz Antônio**. Não erre mais!** Mais de 10.000 casos, corrigidos, comentados e explicados. São Paulo: Atual, 2018 [1975].

SAID ALI, Manuel***. Gramática secundária da língua portuguesa***. São. Paulo: Melhoramentos, 1969 [1964].

SAPIR, Edward. **Language: An Introduction to the Study of Speech**, New York: Hacourt, Brace, 1921.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral.** Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27.ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SCHNEIDER, Cristina. "Tentativa de classificação dos vocábulos segundo um critério morfológico". In: Cadernos da PUC-RJ, n° 15. Série Letras e Artes, PUC-Rio, 1974.

SILVA, Amós Coelho; MONTAGNER, Airto Ceolin. *Dicionário latino-português*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ingráfica Editorial, 2007 [1943].

SILVA, Augusto Soares da. **O Mundo dos Sentidos em Português:** Polissemia, Semântica e Cognição. Coimbra: Almeida, 2006.

TAYLOR, John R. **Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory**. Clarendon Press: Oxford, 1989.

THOMPSON, Sandra. **That-Deletion from a Discourse Perspective**. *Berkeley Linguistics Society*, v. 13, 1987.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Toward a coherent account of grammatical constructionalization. In: Smirnova, E. et al. (eds). **Historical construction grammar**, 2012.

ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Tradução de J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.